

UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E
MEIO AMBIENTE

Mariane Marques

**GESTÃO E FAUNA SELVAGEM NO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA-
SP.**

ARARAQUARA
2025

MARIANE MARQUES

**GESTÃO E FAUNA SELVAGEM NO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA-
SP.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, da Universidade de Araraquara – UNIARA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

Orientada: Mariane Marques

Orientador: Dr. Guilherme Rossi Gorni

Coorientadora: Dr. Maria Lúcia Ribeiro

ARARAQUARA

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Marques, Mariane

Gestão e fauna selvagem no município de Araraquara-SP/
Mariane Marques - Araraquara: Universidade de Araraquara, 2025.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente- Universidade de
Araraquara-UNIARA.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Rossi Gorni

1. Animais silvestres. 2. Meio ambiente. 3. Conservação da fauna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu companheiro diário, que me sustenta diante dos desafios e me presenteia com as minhas alegrias. Agradeço também à minha família, meus pais, Paulo Marques e Nadir Ap. Z. Marques, às minhas irmãs e ao meu irmão, pelo apoio aos meus estudos.

À minha amiga Giovana Regina Godoy, por ter me incentivado ao mestrado e pela amizade desde a graduação em medicina veterinária. Às minhas amigas do trabalho, Lígia Guerreiro Sengling de Camargo e Lívia Teixeira Valarelli, que nunca reclamaram e sempre me ajudaram para que eu pudesse participar das aulas, e aos demais colegas de trabalho.

Aos professores da Uniara pelo conhecimento compartilhado, especialmente ao meu orientador Prof^o Dr. Guilherme Rossi Gorni, à minha coorientadora Prof^a Dra. Maria Lúcia Ribeiro, e ao Prof^o Dr. Leonardo Rios, que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho.

À Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Araraquara-SP, ao João Henrique Barbosa e ao Rodrigo M. B. Aparecido, pela liberação dos dados e compartilhamento de informações.

RESUMO

O território do Brasil abriga grande parte da biodiversidade do planeta Terra. Entretanto, as espécies selvagens estão sujeitas a impactos decorrentes da ação humana, entre eles os gerados pela urbanização. Assim como a perda de espécies, a perda de um indivíduo de uma população também é importante. O município de Araraquara tem incluído a proteção do meio ambiente em sua legislação ao longo dos anos, abordando pautas de proteção da fauna e flora que, atualmente, é de responsabilidade da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade. O município já catalogou 462 espécies selvagens em seu território, inclusive espécies com algum risco de ameaça em listas, de nível estadual, nacional ou internacional. A cada ano, o registro de animais silvestres no município aumenta, e as ações relacionadas tornam-se mais necessárias. O objetivo deste trabalho é definir as principais espécies da fauna selvagem, suas regiões de ocorrência e as ações da gestão de fauna no município de Araraquara a fim de contribuir para ações de políticas públicas de preservação das áreas verdes, planejamento da cidade, pesquisa, proteção da fauna, educação ambiental e saúde pública. O estudo foi realizado com uma análise quantitativa e qualitativa dos registros da planilha de ocorrências da gestão de fauna municipal, fornecidas pela Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade, do período de janeiro de 2016 a setembro de 2024. O georreferenciamento das ocorrências dos animais selvagens dentro do município foi realizado utilizando-se o software QGIS. O gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) é a espécie mais frequente em número de indivíduos e de ocorrência. Entretanto, espécies ameaçadas de extinção também habitam o município. Os animais registrados pela unidade estão concentrados na área urbanizada. A maior parte das ocorrências teve como origem a captura de animais sadios com soltura imediata, porém a ação da unidade de gestão de fauna inclui, além do resgate de fauna, a educação ambiental, a produção de inventário de fauna, monitoramento e proteção da fauna. O georreferenciamento mostrou que o Parque Natural Municipal do Basalto é uma área importante para a herpetofauna, enquanto que, a avifauna está associada a áreas urbanas mais arborizadas e a mastofauna apresenta maior concentração próximo às áreas como praças e parques, para as espécies ameaçadas de extinção, há preferência por área de matas tem preferência por áreas de matas, como matas ciliares, e o número de registros desse grupo em rodovias também se destaca. Em caso de resgate e recolocação da fauna, as áreas de preservação dentro do município são imprescindíveis. Assim, conhecer a fauna local é fundamental para o planejamento urbano e desenvolvimento de políticas públicas envolvendo ações de mitigação de conflitos que possam ser gerados pela coexistência humano-fauna.

Palavras-chave: Animais silvestres, Meio ambiente, Conservação da fauna.

ABSTRACT

Brazil is rich in biodiversity; however, wild species are subject to damage resulting from human action, including that generated by urbanization. As well as the loss of species, the loss of an individual from a population is also important. The municipality of Araraquara has included environmental protection in its legislation over the years, addressing the protection of fauna and flora, which is currently the responsibility of the Department of the Environment and Sustainability. The municipality has already catalogued 462 wild species in its territory, including species with some risk of threat on lists at state, national or international level. Every year, the number of wild animals recorded in the municipality increases, and related actions become more necessary. The objective of this work is to define the main species of wild fauna, their regions of occurrence and the actions of fauna management in the municipality of Araraquara in order to contribute to public policy actions for the preservation of green areas, city planning, research, protection of fauna, environmental education and public health. The municipality of Araraquara is located in the central region of the state of São Paulo, with vegetation composed by Cerrado and Atlantic Forest biomes. The study was carried out using a quantitative and qualitative analysis of the records in the municipal fauna management occurrence spreadsheet, provided by the Department of the Environment and Sustainability, from January 2016 to September 2024; the georeferencing of wild animals within the municipality was carried out using QGIS software. The white-eared opossum (*Didelphis albiventris*) is the most frequent species in terms of number of individuals and occurrence, but important species for conservation also inhabit the municipality. The animals recorded by the unit are concentrated in the urban area. Most of the incidents required the capture of healthy animals for immediate release, but the fauna management unit's work includes, in addition to rescuing fauna, environmental education, producing a fauna inventory, monitoring and protecting fauna. Georeferencing showed that the Basalto Municipal Natural Park is an important area for herpetofauna, while avifauna is associated with more wooded urban areas and mastofauna is more concentrated near areas such as squares and parks. For endangered species, there is a preference for wooded areas, such as riparian forests, and the number of records of this group on highways also stands out. In the case of rescuing and relocating fauna, preservation areas within the municipality are essential. Thus, knowing the local fauna is fundamental for urban planning and the development of public policies involving actions to mitigate conflicts that may be generated by human-fauna coexistence.

Keywords: Wild animals, Environment, Wildlife conservation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Localização do município de Araraquara no Estado de São Paulo. 11
Imagem de satélite da área urbanizada do município de Araraquara- SP. 11
População residente estimada da cidade de Araraquara-SP, de 2010 a 2022. 12
Climatempo, por mês, da cidade de Araraquara –SP. 12
Figura 5 -Uso e Ocupação do solo do município de Araraquara- SP. 13
Figura 6 – Município de Araraquara com delimitação do perímetro urbano e as bacias hidrográficas dos Rios Mogi-Guaçu e Jacaré-Guaçu. 14
Figura 7 - Número de solicitações gerais e solicitações selecionadas envolvendo apenas vertebrados selvagens dentro do município, em cada ano, do período de 2016 a 2023. 17
Figura 8 - Número de espécies listadas por grupo faunístico de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 18
Figura 9 - Espécies mais frequentes nas solicitações de resgate de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 19
Figura 10 - Ocorrências registradas por grupo faunístico de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 20
Figura 11 - Abundância por grupo faunístico de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 20
Figura 12- Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência de animais selvagens listados pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 22
Figura 13- Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência de animais selvagens listados pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, de acordo com o uso e ocupação do solo. 23
Figura 14- Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência de animais selvagens listados pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, com foco nas estradas Gavião Peixoto e Abílio Augusto Corrêa. 23
Figura 15 - Riqueza da herpetofauna de 2016 a 2023. 266
Figura 16 - Abundância da herpetofauna de 2016 a 2023. 27
Figura 17 - Índice de diversidade de Shannon-Wiener da herpetofauna de 2016 a 2023. 28
Figura 18 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da herpetofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 29
Figura 19 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da herpetofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, de acordo com o uso e ocupação do solo. 30
Figura 20 - Mapa da região do Parque Natural Municipal do Basalto de Araraquara-SP, com a concentração da herpetofauna de acordo com os registros de ocorrência da gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, na região do Parque Natural Municipal do Basalto. 30
Figura 21 - Riqueza da avifauna de 2016 a 2023. 32
Figura 22 - Abundância da avifauna de 2016 a 2023. 34
Figura 23 - Índice de Shannon- Wiener para a avifauna de 2016 a 2023. 34
Figura 24 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da avifauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 35
Figura 25 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da avifauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, de acordo com o uso e ocupação do solo. 36
Figura 26 - Mapa do município de Araraquara-SP com a concentração da ocorrência da avifauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, na região dos bairros do Centro e Fonte Luminosa. 36
Figura 27 - Riqueza da mastofauna de 2016 a 2023. 40
Figura 28 - Abundância da mastofauna de 2016 a 2023. 41
Figura 29 - Índice de Shannon-Wiener da mastofauna de 2016 a 2023. 42
Figura 30 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da mastofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 43
Figura 31 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da mastofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, em relação ao uso e ocupação do solo. 43
Figura 32 - Mapa do município de Araraquara-SP

com os registros de ocorrência da mastofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 44Figura 33 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência das espécies que apresentam algum grau de ameaça pela IUCN listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 45Figura 34 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 46Figura 35 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência do bugio-preto (*Alouatta caraya*) listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 46Figura 36 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da lontra (*Lontra longicaudis*) listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 47Figura 37 - Resultado-padrão das ocorrências de janeiro de 2016 a setembro de 2024. 48Figura 38 - Mapa com os pontos de soltura da herpetofauna de janeiro de 2018 a setembro de 2024. 49Figura 39 - Mapa com os pontos de soltura da avifauna de janeiro de 2018 a setembro de 2024. 49Figura 40 - Mapa com os pontos de soltura da mastofauna de janeiro de 2018 a setembro de 2024. 50Figura 41 - Mapa de Estratégia de Qualificação e Zoneamento Ambiental. 51Figura 42 - Resultados-padrão resgate e soltura imediata, orientação, óbito e resgate e encaminhamento das ocorrências de 2016 a 2023. 52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As cinco espécies da herpetofauna com maior número de ocorrências, de janeiro de 2016 a setembro de 2024.	25
Tabela 2 – As cinco espécies da avifauna com maior número de ocorrências de janeiro de 2016 a setembro de 2024.	32
Tabela 3 – As cinco espécies da mastofauna com maior número de ocorrências de janeiro de 2016 a setembro de 2024.	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCZ - Centro de Controle de Zoonoses

CDB - Convenção de Diversidade Biológica

CETAS- Centro de Triagem de Animais Silvestres

CITES - *Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora*

CNUMAD - Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

DAAE - Departamento Autônomo de Água e Esgotos

DEPAV-3 - Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Biologia da Fauna

EIA - Estudos de Impacto Ambiental

EN – Classificação Em Perigo pela IUCN

FUNPRO - Fundo Municipal de Proteção à Fauna

NT – Classificação Quase Ameaçada pela IUCN

PDDPA - Plano Diretor de Desenvolvimento e Política Ambiental de Araraquara

PDPUA - Plano Diretor de Desenvolvimento e Política Urbana e Ambiental de Araraquara

ONU - Organização das Nações Unidas

RIMA - Relatórios de Impacto Ambiental

TAC - Termo de Ajustamento de Conduta

TCA - Termo de Compensação Ambiental

UICN - *International Union for Conservation of Nature*

VU – Classificação Vulnerável pela IUCN

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
2.1 Araraquara: urbanização e meio ambiente	
2.2 Gestão de fauna em Araraquara	
2.3 Fauna selvagem catalogada em Araraquara	
3 JUSTIFICATIVA	
4 OBJETIVOS	
4.1 Objetivo geral.....	
4.2 Objetivos específicos.....	
5 METODOLOGIA.....	
5.1 Área de estudo.....	
5.2 Coleta e análise de dados	
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	
REFERÊNCIAS	
Apêndice A – Lista de espécies registrada de janeiro de 2016 até setembro de 2024, por grupo faunístico.	
Apêndice B – Número de ocorrências registradas por espécie de janeiro de 2016 até setembro de 2024.	
Apêndice C – Número de indivíduos registrados por espécie de janeiro de 2016 até setembro de 2024.	

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o país com a maior biodiversidade do mundo, albergando mais de 20% do total de espécies, animais e vegetais, do mundo (BRASIL, 2023). Entretanto, o processo de desenvolvimento do país transforma o meio natural para atender as demandas humanas por habitação, alimentação, mobilidade e geração de renda, e em consequência, provoca a perda de espécies (BRANCO, 2008).

Assim como a extinção de espécies, a redução de indivíduos de uma população ou alteração na composição de uma comunidade também é importante e gera danos aos ecossistemas (DIRZO et. al., 2014), pois cada indivíduo é produto de um processo evolutivo, quando ele para de participar dos ciclos ecológicos; sua história genética desaparece; e as relações intra e interespecíficas e com o ambiente ficam comprometidas, influenciando negativamente no equilíbrio dos ecossistemas (DINIZ, 2017, SACCO et al., 2015, VILELAA; LOPES, 2018).

O termo “Defaunação” foi referido para designar a perda de espécies e populações selvagens ou declínio na abundância local de indivíduos. Essa “defaunação” gera agravos negativos já documentados, como o declínio de polinizadores, a redução no controle biológico natural de pragas, interferência na ciclagem e decomposição de nutrientes e na qualidade da água, além de afetar a saúde humana, alterando a regulação de doenças e a obtenção de compostos farmacológicos (DRIZO et al., 2014).

Com a urbanização, as espécies silvestres foram submetidas à poluição e contaminação ambiental, superexploração dos recursos naturais, introdução de espécies exóticas, dispersão de doenças e mudança climática global, sendo a perda de habitat, a maior ameaça à biodiversidade (PRIMACK; RODRIGUES, 2001). Dentro do estado de São Paulo, as principais causas da redução das populações da fauna silvestre incluem a urbanização, a agropecuária, os desmatamentos, as queimadas, a contaminação ambiental, a apanha e a caça (BRANCO, 2008).

No município de Araraquara-SP, a alteração da paisagem estabeleceu novas formas predominantes de cobertura vegetal, dentre os diversos tipos do uso da terra, no município, predominam o cultivo da cana-de-açúcar e da laranja, além das atividades de mineração e das atividades humanas (MOSCHINI, 2005). Há anos, as florestas são desmatadas para a implementação da agricultura (PRIMACK; RODRIGUES, 2001), no município, as áreas agrícolas abrangem cerca de 70,56% da área total do município, somente o cultivo da cana de açúcar e a área de solo exposto abrangem 55,70% (MOSCHINI, 2005).

Ao longo dos anos, os ecossistemas estão sendo divididos em fragmentos que diferem do habitat original (PRIMACK; RODRIGUES, 2001). O município de Araraquara-SP possui 372 fragmentos com vegetação natural e semi-natural maiores que um hectare, sendo que a maioria dos fragmentos apresenta área menor que dez hectares, comprovando o alto grau de fragmentação da paisagem e a pressão desenvolvimentista sobre a vegetação. As espécies do interior do fragmento podem sofrer redução populacional em consequência do tamanho do fragmento e da perda de habitat, fragmentos menores remanescentes podem não suportar as populações da flora e da fauna, porém são capazes de abrigar metapopulações e contribuir para a formação de “corredores” e “trampolins” ecológicos (MOSCHINI, 2005).

Os processos envolvidos na urbanização e crescimento da população induziram muitas espécies a se adaptarem às condições ambientais das cidades e a interação entre humanos e outras espécies de animais pode tornar-se conflituosa. Nesse contexto, os animais podem ser vitimados pela pressão antrópica sendo importante o desenvolvimento de medidas para solucionar os conflitos e promover a sensibilização da população sobre a fauna silvestre existente (BRANCO, 2008; LOPES, 2022).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Araraquara: urbanização e meio ambiente

Conhecida como “Campos de Aracoara”, até o final do século XVIII, a região de Araraquara passou a ser povoada no princípio do século XIX, com a fixação de famílias que construíram fazendas para criação de animais de corte. Em 1817, com a economia baseada na pecuária e agricultura de subsistência e 336 habitantes, o bairro de São Bento conquistou o status de freguesia, posteriormente, em 1832, foi elevado à condição de Vila, estabelecendo a primeira legislatura da Câmara Municipal. A ferrovia chegou em 1884, junto com os imigrantes que substituíram o trabalho escravo e a região passou a integrar o complexo comercial do café, acelerando seu desenvolvimento econômico e social (ARARAQUARA, 2023a).

Araraquara entrou para a categoria de cidade em 1889, onde os fazendeiros de café, detentores de um crescente poder econômico e político, passaram a implementar melhorias urbanas como iluminação, telefonia e bondes elétricos. Após a crise do café, em 1929, este foi substituído pela cana, que ainda hoje é um dos principais produtos agrícolas do município (ARARAQUARA, 2023a; TOLEDO, 2014). Ao longo dos anos, a área urbana foi se expandindo. Até o ano de 1950, a área urbana loteada do município possuía 714,66 ha, e, em 2015, atingiu 5.789,45 ha de solo urbano legalmente loteado (PIERINI; FALCOSKI, 2019).

Apesar da ausência de planejamento nas pequenas e médias cidades brasileiras e da falta de atualizações dos Planos Diretores, a cidade de Araraquara foi uma das pioneiras no cenário nacional a desenvolver o planejamento da cidade e ordenação do crescimento horizontal por meio do loteamento do solo. O primeiro Plano Diretor foi criado em 1951 e implementado em 1977, este plano trazia como objetivo a modernização e passou a ser uma necessidade, mas por conflito entre grupos influentes da época que levantaram discussões para proteger seus próprios interesses, acarretou na demora de sua implementação (TOLEDO, 2014). Este Plano Diretor não abordava assuntos relacionados ao meio ambiente. Entretanto, em sua Lei Orgânica Municipal de 1990, a preocupação com o meio ambiente estava incluída, com a fauna abordada no artigo 14, inciso XII, competindo ao município “preservar a vegetação natural, a fauna, a flora, os mananciais e os recursos hídricos e combater a poluição em qualquer de suas formas”.

Com relação aos animais, em 1995, a Lei Municipal nº 4.564 estabeleceu o desenvolvimento de ações de controle de animais e controle e prevenção de zoonoses, tornando o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), que fazia parte da Secretaria da Saúde, o responsável pela execução. Essa lei aborda ainda o recolhimento de animais errantes e vítimas de maus tratos, cita as responsabilidades dos proprietários com seus animais, e direciona a regulamentação de animais da fauna brasileira conforme o instituído pela Lei Federal nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967, não incluindo determinações específicas municipais sobre a fauna selvagem, até o ano seguinte em que através da Lei Complementar nº14 de 1996, instituiu-se o Código de Arborização Urbana Pública que adota medidas para proteger espécies de flora e fauna nativas ameaçadas de extinção na região, bem como impedir alterações que prejudiquem a fauna e a flora do município.

A preocupação com o meio ambiente no Plano Diretor tornou-se importante a partir de 2005 com a instituição do Plano Diretor de Desenvolvimento e Política Urbana e Ambiental (PDPUA), criado pela Lei Complementar nº 350 de 2005, seguindo o Estatuto das Cidades (Lei nº 10.257/01), que estabelece normativas da política de desenvolvimento urbano ambiental, com princípios de inclusão social, modernização e participação democrática, com desenvolvimento sustentável e proteção a fauna e flora no planejamento da Cidade (ARARAQUARA, 2005).

Com o objetivo de estimular e aprofundar discussões sobre o meio ambiente no âmbito municipal, em 2007, foi estabelecida a Semana Municipal do Meio Ambiente pela Lei nº 6574, comemorada na primeira semana do mês de junho a qual inclui o dia 5, Dia Mundial do Meio Ambiente, posto pela Organização das Nações Unidas (ONU) e também criou o prêmio Professor "Waldemar Saffiotti" de Humanidade, Tecnologia e Natureza, para pessoas ou instituições que promovem iniciativas de desenvolvimento econômico, social e cultural relacionados ao meio ambiente. Posteriormente, em 2009, foi criado o Programa de Educação Ambiental da Rede Municipal de ensino por meio da Lei Municipal nº 7.023, buscando ensinar sobre preservação e conservação do meio ambiente de forma interdisciplinar no ensino municipal, dentro de todas as faixas escolares.

Para a proteção da fauna, criou-se o Fundo Municipal de Proteção à Fauna (FUNPRO) pela Lei Municipal nº 7.929 de 2013 com o objetivo de financiar, investir, expandir e aprimorar as ações de bem-estar de animais domésticos e silvestres, ações de recuperação e proteção de habitat da fauna e implantação de medidas de prevenção de zoonoses e outros agravos.

Em 2014, a Lei Complementar nº 850, estabeleceu a revisão do Plano Diretor anterior e instituiu o Plano Diretor de Desenvolvimento e Política Ambiental de Araraquara (PDDPA), que determina nos princípios da Política Municipal do Meio Ambiente a proteção dos ecossistemas, das unidades de conservação, da fauna e da flora e tem por objetivo implementar ações de proteção à fauna e à flora, sendo este encargo da Secretaria do Meio Ambiente.

No ano de 2017, pela Lei Municipal nº 8.868, o Departamento Autônomo de Água e Esgotos (DAAE) de Araraquara passou a ser composto pela Diretoria de Gestão Ambiental com Gerência de Biodiversidade e Unidade de Gestão de Fauna e de Flora (DAAE, 2023) tornando-se responsável por controlar e executar atividade de conservação e preservação da flora e fauna silvestre do município que antes era designado à Secretaria do Meio Ambiente (BARBOSA, 2020). A revogação ocorreu no início de 2021 pela Lei nº 10.108 e tais responsabilidades retornaram para a agora chamada Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade, conforme estabelecido pela Lei nº 10.110 de 7 de janeiro de 2021.

Nos anos seguintes, outras legislações foram criadas para aumentar a discussão das questões ambientais no município. Em setembro de 2021, foram incluídos no Calendário Oficial do município, pela Lei nº 10.312, o Dia do Protetor de Animais e a Semana de Proteção Animal, esta realizada pela primeira vez em 2023 e contou com a Audiência Pública “Fauna e Acolhimento de Animais Silvestres” em que problemas foram levantados na questão do encaminhamento de animais resgatados que precisam de tratamento veterinário, além da necessidade de ampliar a Educação Ambiental sobre a fauna silvestre local (CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA, 2023).

Apesar do aumento da preocupação local sobre o meio ambiente, as ações e legislações municipais específicas para proteção e bem-estar dos animais selvagens ainda são ínfimas. O aumento no número de aparecimento desses animais no ambiente urbano vem aumentando a cada ano, conforme constatado desde o início do programa de gestão de fauna em 2013 (BARBOSA, 2020). Desde então, os registros e os estudos da fauna local desenvolvidos pela unidade de gestão de fauna passaram a ser incrementados no município, incluindo registros de animais selvagens que estamparam noticiários locais, construção de inventários de fauna e produção de cartilhas informativas para a população. Essas medidas contribuem para o entendimento da situação desses animais na região e aproximação destes com a população, além de servir de sustento para criação de medidas de proteção à fauna, entretanto, há muito mais a ser desenvolvido.

2.2 Gestão de fauna em Araraquara

A Constituição Federal de 1888, em seu artigo 225, estabelece que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado” e que o Poder Público em conjunto com a coletividade tem o dever de defendê-lo e preservá-lo, e determina responsabilidades ao Poder Público, como preservar a diversidade, exigir estudos prévios de impacto ambiental para instalação de obras ou atividade potencialmente causadora de danos ambientais; promover educação ambiental e proteger a fauna e a flora.

No estado de São Paulo, a Constituição do Estado, o artigo 191, institui que o Estado e os Municípios devem providenciar, com a participação da coletividade, a preservação, conservação, defesa, recuperação e melhoria do meio ambiente, conforme as peculiaridades regionais e locais e em harmonia com o desenvolvimento social e econômico (SÃO PAULO, 1989). Na Lei Estadual nº 11.977, de 25 de agosto de 2005, fica estabelecido o Código de Proteção aos Animais do Estado de São Paulo, designando como prioridade a manutenção do animal silvestre em seu habitat natural, com a preservação e proteção da área, e institui a responsabilidade dos Municípios do Estado em proteger a fauna silvestre, promover o inventário da fauna, elaborar planos de manejo de fauna, fazer parcerias com universidades, ONGs e instituições privadas, colaborar com a rede mundial de conservação e combater o tráfico de animais silvestres.

Em nível municipal, o Plano Diretor de 2005, estabelece a definição de uma política de gestão da fauna e flora (ARARAQUARA, 2005) que foi mantida no Plano de 2014 (ARARAQUARA, 2014). Assim, até o ano de 2017, o manejo da fauna estava sob responsabilidade da Secretaria do Meio Ambiente, quando, por meio da Lei Municipal nº 8.868, foi estabelecida a Unidade de Gestão de Fauna do DAAE. No início de 2021 tais responsabilidades retornaram para a agora chamada Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade (ARARAQUARA, 2021b, BARBOSA, 2020). Segundo a Lei Municipal de Araraquara nº 10.110 de 2021, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade deve promover a proteção da flora e da fauna para a manutenção da biodiversidade, atuando no planejamento, coordenação, supervisão e controle das atividades de gestão da fauna e flora silvestres.

Com o início do resgate de fauna pela Gerência de Proteção à Fauna em 2013, foram registradas 4 ocorrências solicitando o resgate de fauna silvestre na cidade; no ano seguinte o número subiu para 122, e este número aumentou a cada ano, sendo que em 2017, o resgate passou a ser responsabilidade da Unidade de Gestão de Fauna do DAAE que recebeu 398

pedidos de resgate. No período de 2013 a 2019 a unidade de gestão de fauna recebeu 1733 ocorrências de animais selvagens, destas 38% não precisaram da ação de resgate, nas quais foram feitas orientações e conscientização do munícipe, entretanto em 62% dos casos o animal precisou ser resgatado, destes resgatados, 78% teve soltura imediata, 17% precisou de atendimento veterinário e 5% resultou em óbito (BARBOSA, 2020).

Os animais sinantrópicos e de importância para saúde da população são de responsabilidade do Controle de Vetores da Secretaria da Saúde. Entre os anos 2011 a 2014, foram recebidos 6.398 chamados para animais de 58 espécies distintas, principalmente roedores (42,9%) com aumento destes e de escorpiões em 2013 e aumento de morcegos a cada ano, passando de 1 em 2011 para 207 em 2014 (RODRIGUES *et al.*, 2017).

As informações geradas pela gestão de fauna de um município trazem grandes contribuições para o planejamento e desenvolvimento da cidade, podendo ser empregadas na avaliação de Estudos de Impacto Ambiental (EIA), de Relatórios de Impacto Ambiental (RIMA) e de processos para licenciamento de obras; em processos administrativos para definir parâmetros de Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), Termo de Compensação Ambiental (TCA) e multas; para a criação de parques e unidades de conservação; subsidiar o planejamento da cidade e suas ações; agregar informações sobre a biodiversidade; detecção de zoonoses; contribuição acadêmica e científica; e redução do sofrimento animal (BRANCO, 2008).

2.3 Fauna selvagem catalogada em Araraquara

Seguindo a determinação do Código de Proteção aos Animais do Estado de São Paulo, da promoção do inventário de fauna pelos municípios, três inventários de fauna foram realizados pelo município. O primeiro foi em 2016 e registrou a presença de 350 espécies de animais selvagens, com 31 espécies incluídas na lista de espécies ameaçadas do Estado de São Paulo. O segundo de 2019, encontrou mais 38 espécies distintas, resultando em 388 espécies listadas, sendo 274 de aves, 60 de mamíferos, 37 de répteis e 17 de anfíbios (BARBOSA, 2020). O último inventário foi publicado em 2023, contendo 338 espécies de aves, 62 espécies de mamíferos, 42 espécies de répteis e 20 de anfíbios (ARARAQUARA, 2023c), somando 462 espécies.

Das 388 espécies silvestres catalogadas pelo município em 2019, 62 espécies eram classificadas com algum grau de ameaça no Estado de São Paulo (2014), 6 com algum grau de ameaça no Brasil (2016), 83 incluídas em apêndices do CITES (*Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora*) e 9 com algum grau de ameaça pela

IUCN (BARBOSA; SCHLINDWEIN, 2019). Em 2023, 22 espécies foram classificadas com algum grau de ameaça no Estado de São Paulo, segundo a lista de 2018, 6 com algum grau de ameaça no Brasil conforme a lista de 2022 e 14 continham algum grau de ameaça IUCN (2022) (ARARAQUARA, 2023c).

Nos últimos anos, a fauna do município tornou-se notícia na região, mostrando o maior interesse das mídias e da população sobre esses animais de vida livre. Dentre as notícias, destacam-se o registro das iraras feito pela primeira vez em Araraquara, pela equipe de biólogos do Departamento Autônomo de Água e Esgoto (DAAE) (G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2019); o aparecimento de uma jaguatirica em áreas verdes da cidade (PORTAL MORADA, 2020); o encontro de um cachorro do mato em um parque (A CIDADE ON ARARAQUARA, 2021); e o aparecimento de um gato do mato na área rural, espécie classificada como vulnerável pela IUCN (G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2020), nestes casos, nenhum indivíduo precisou ser resgatado pela Unidade de Gestão de Fauna.

O levantamento da fauna residente no município é essencial para o conhecimento da biodiversidade, a conservação, o monitoramento ecológico e as tomadas de decisões políticas. O monitoramento ecológico permite o acompanhamento das populações de espécies e de suas distribuições, possibilitando a avaliação do impacto das atividades humanas, como a perda de habitat, a introdução de espécies exóticas e as mudanças climáticas, e serve de referência para a tomada de decisões políticas de conservação, manejo de recursos naturais, planejamento urbano e desenvolvimento sustentável (ARARAQUARA, 2023c).

3 JUSTIFICATIVA

Com o crescimento urbano há maior necessidade pela busca de bens e recursos para a manutenção da sociedade em detrimento do meio ambiente. A destruição do habitat põe em risco a fauna, seja com a poluição e contaminação ambiental, a fragmentação de habitats, a superexploração de recursos naturais, a introdução de espécies exóticas e a expansão da agropecuária e urbanização. Todos esses fatores contribuem para o aumento da pressão sobre as espécies no meio natural, obrigando-as a buscar alimento e abrigo em áreas urbanas ou periurbanas, onde, de acordo com sua biologia, podem se adaptar ou não, sendo acolhidas ou atacadas pelo homem.

Ao longo dos anos, o aparecimento de animais selvagens na área urbana tem se tornado mais frequente, entretanto, medidas de educação ambiental e preservação ambiental ainda estão aquém do necessário; os munícipes não estão familiarizados com tal contato, sendo o município responsável por adotar ações de proteção aos animais e ao homem.

Na literatura há pouquíssimos estudos semelhantes, sendo os existentes desenvolvidos pelos próprios agentes do município estudado, mostrando a carência de estudo e de pesquisadores envolvidos com o tema.

Portanto, entender a situação do encontro de fauna selvagem, as localizações mais frequentes e quais ações são realizadas pelo munícipe e município são essenciais para criar estratégias de mitigação dos conflitos da coexistência humano-fauna, buscando assim a criação de Políticas Públicas e desenvolvimento urbano e ambiental consciente.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Identificar e analisar as principais espécies da fauna selvagem, as áreas de ocorrência e as ações da gestão de fauna no município de Araraquara a fim de contribuir para ações de políticas públicas de preservação das áreas verdes, planejamento da cidade, pesquisa, proteção da fauna, educação ambiental e saúde pública.

4.2 Objetivos específicos

Descrever a fauna selvagem local e buscar as possíveis causas associadas à sua presença no meio urbano.

Avaliar a gestão de fauna do município e suas ações realizadas associadas ao resgate e conservação da fauna local.

Mapear os registros de espécies encontradas no município e identificar as áreas prioritárias para conservação.

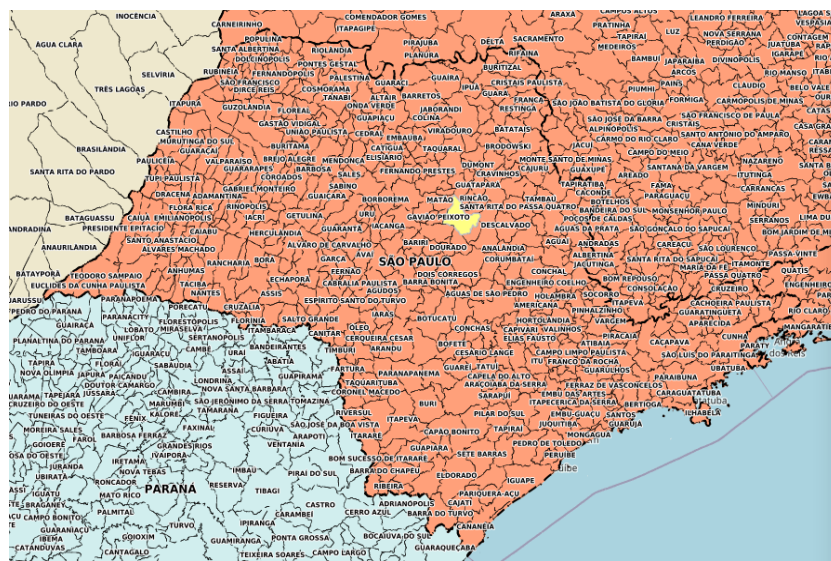
Fornecer subsídios para o desenvolvimento de Políticas Públicas ambientais e de saúde pública.

5 METODOLOGIA

5.1 Área de estudo

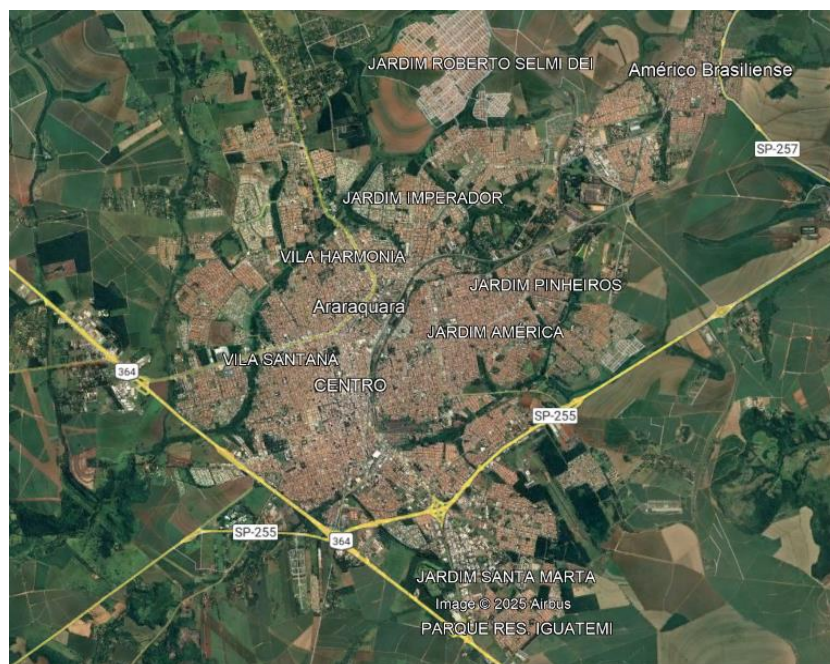
O município de Araraquara está situado na região central do Estado de São Paulo (Figuras 1 e 2), localizado a $21^{\circ}47'31''$ de latitude sul e $48^{\circ}10'52''$ de longitude oeste. Possui média de 646m acima do nível do mar, com máxima de 715m e mínima de 600m (IBGE, 2021). A topografia apresenta características tabulares, pouco onduladas, aplainadas (ARARAQUARA, 2023b).

Figura 1 - Localização do município de Araraquara no Estado de São Paulo.



Fonte: SIDRA, 2023.

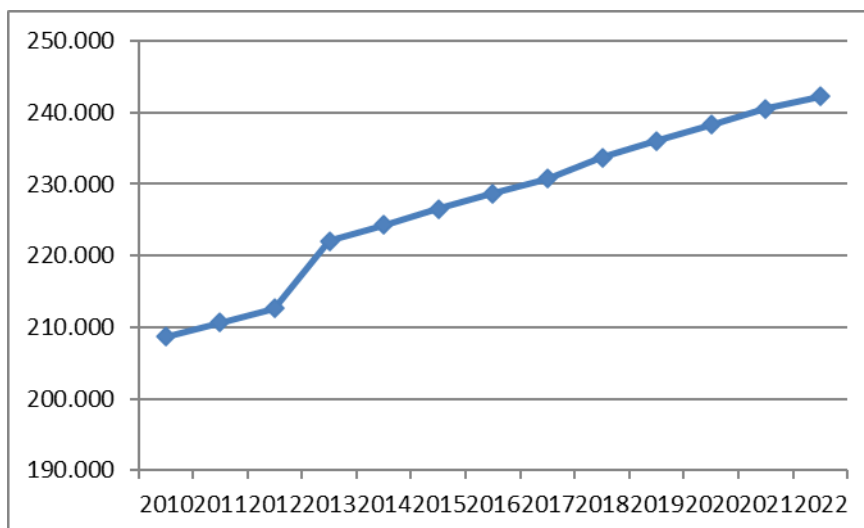
Figura 2 - Imagem de satélite da área urbanizada do município de Araraquara- SP.



Fonte: Google Earth, 2025.

A área total do município é de 1.003,625 km², com cerca de 80 km² ocupados pelo espaço urbano (ARARAQUARA, 2023b). Em 2022, a população da cidade era de 242.228 habitantes (Figura 3) (IBGE, 2023).

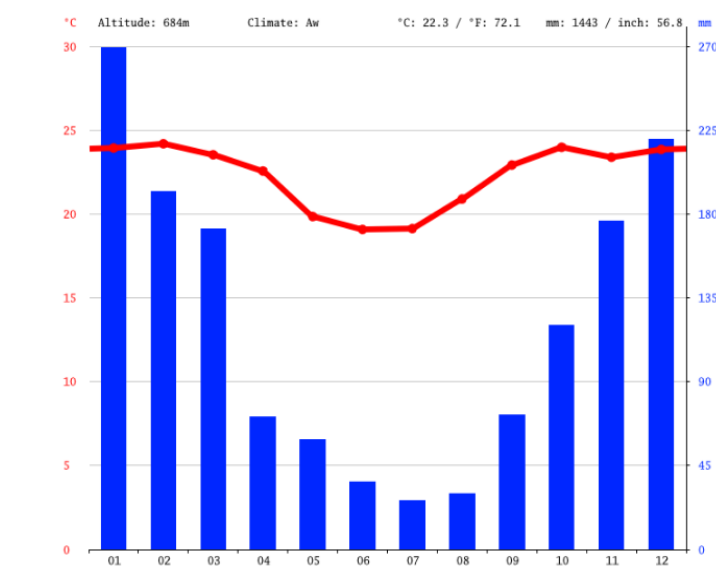
Figura 3 - População residente estimada da cidade de Araraquara-SP, de 2010 a 2022.



Fonte: Adaptado de IBGE, 2023.

O clima é classificado como Aw de acordo com a classificação climática de Köppen-Geiger, clima tropical, com verões chuvosos e invernos secos. A temperatura média é de 22,3 °C e a precipitação anual é de 1443 mm. Julho é o mês mais seco, com 26 mm de chuva e janeiro é o mês mais chuvoso com média de 269 mm de chuva. O mês mais quente do ano é fevereiro, com temperatura média de 24,2 °C e com 19,1 °C em média, junho é o mês mais frio do ano (Figura 4) (CLIMATE-DATE, 2023).

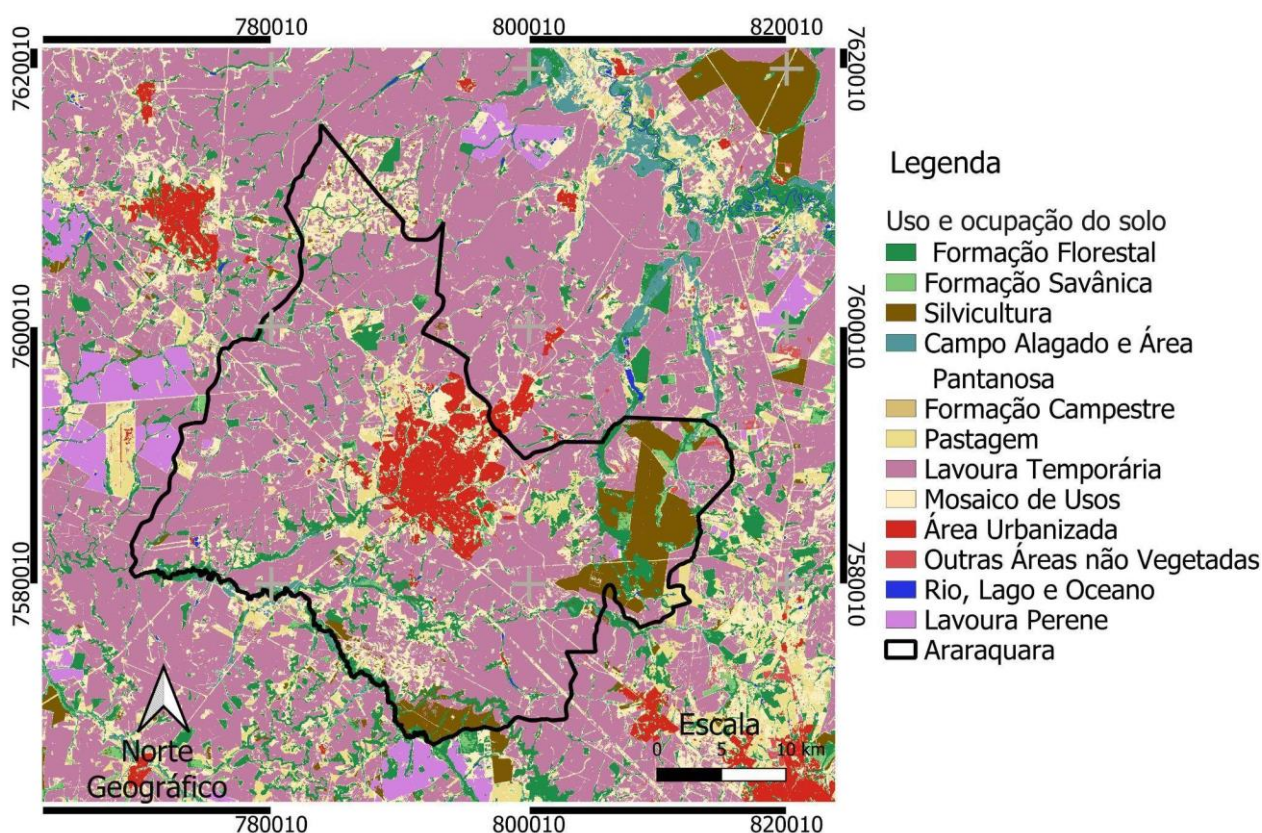
Figura 4 - Clima tempo, por mês, da cidade de Araraquara –SP.



Fonte: CLIMATE-DATE, 2023.

A vegetação é composta pelos biomas de Cerrado e Mata Atlântica (IBGE, 2023) e o município de Araraquara está entre as cidades mais arborizadas do país, com 34,2 m² de área verde por habitante, cerca de 90 mil árvores que ornamentam as vias públicas e 113 praças na cidade (ARARAQUARA, 2023b). Com relação ao uso e ocupação do solo (Figura 5), a cana-de-açúcar é predominante, cobrindo mais da metade da área do município, com uma área de 54.144,88 hectares, enquanto a área de vegetação aborda uma área de 18.015,19 hectares (BRIZOLARI; PISANI, 2022).

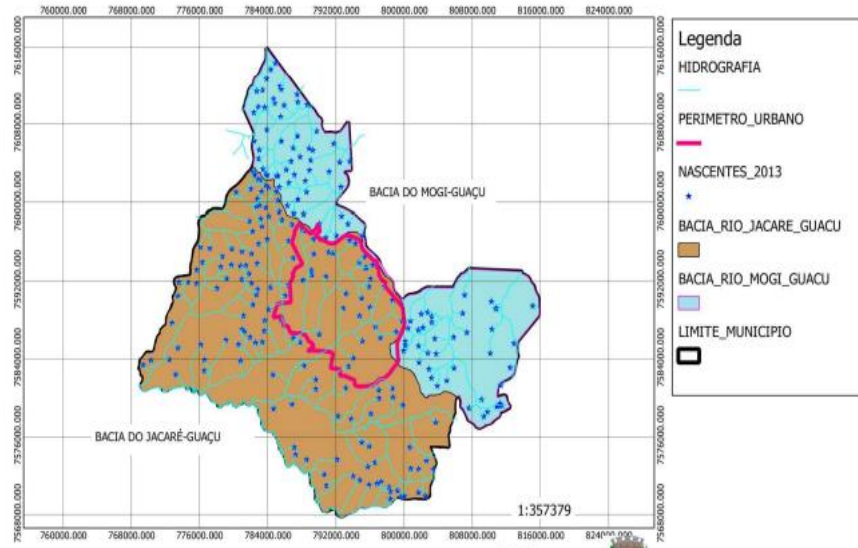
Figura 5 -Uso e Ocupação do solo do município de Araraquara- SP.



Fonte: Adaptado de Map Biomas, 2022.

O município apresenta duas principais bacias hidrográficas (Figura 6), a do Rio Jacaré-Guaçu, localizada a oeste, como afluente do Rio Tietê, e a do Rio Mogi Guaçu, localizada a leste, como afluente do Rio Pardo (ARAÚJO NETO et al., 2023). O Plano Diretor de Araraquara, divide o município em 7 microbacias regionais: Ribeirão das Cruzes e seus tributários ribeirão do Lajeado e Água do Paiol; córrego do Ouro; rio Chibarro; córrego do Tanque; rio Jacaré; ribeirão Rancho Queimado e ribeirão Rancho Alegre; e ribeirão das Anhumas. As duas últimas pertencem à bacia do rio Mogi-Guaçu e as demais à bacia do rio Jacaré-Guaçu (FULLER, 2008).

Figura 6 – Município de Araraquara com delimitação do perímetro urbano e as bacias hidrográficas dos Rios Mogi-Guaçu e Jacaré-Guaçu.



Fonte: ARAÚJO NETO et al., 2023.

5.2 Coleta e análise de dados

O estudo analisou os registros de solicitação de resgate de animais selvagens, ou seja, nativos e exóticos de vida livre, no município de Araraquara -SP, entre os períodos de janeiro de 2016 a setembro de 2024, solicitados junto à Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Araraquara. Foram levantados os dados registrados pela Gerência de Proteção à Fauna da Secretaria do Meio Ambiente (2016), pela Unidade de Gestão de Fauna do DAAE (2017 a 2020) e pela atual Gerência de Áreas de Proteção Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Araraquara (2021 a 2024).

Foram obtidas e analisadas as planilhas de ocorrências envolvendo animais selvagens e registrados pela gestão de fauna municipal, que contém os dados referentes a seis segmentos: identificação da ocorrência (número da ocorrência, data e horários); dados do atendimento (data e período do atendimento); dados do solicitante (nome e telefone do munícipe, endereço da ocorrência, coordenadas do endereço em que houve a presença do animal, a microbacia em que o endereço faz parte); dados da fauna (nome popular e científico da espécie, grupo faunístico, número de indivíduos), dados da ocorrência (descrição da ocorrência e resultado padrão); e os dados da área de soltura, com coordenadas, ou local de encaminhamento.

Após a obtenção dos dados, estes foram selecionados e organizados em planilha eletrônica no programa Microsoft Office Excel. Os dados foram selecionados sob os critérios de exclusão dos registros com localização de outros municípios ou do Distrito de Bueno de Andrada, com espécies não identificadas, domésticas ou de invertebrados. Os registros de retorno em ocorrências foram utilizados apenas para a complementação das informações do primeiro registro de ocorrência.

Utilizando os dados de 2016 a 2024, as espécies encontradas foram listadas e classificadas por grupo faunístico (herpetofauna, avifauna e mastofauna), ordem e família e foram calculadas as frequências do número de espécies, da quantidade de ocorrências e da abundância das espécies individualmente e agrupadas por grupo faunístico.

Para a análise e determinação dos grupos faunísticos mais frequentes, bem como estabelecimento das áreas prioritárias para conservação, foram utilizados procedimentos adaptados de Gaston (1994), seguidos dos índices de Diversidade de Shannon-Wiener (H'), Riqueza e Abundância. Para os cálculos foi utilizado o software R versão 3.1.1 (R CORE TEAM, 2018), com auxílio do pacote *vegan* (OKSANEN et al., 2017). Para o cálculo dos índices, foram utilizados os dados ano a ano dentro do período de 2016 a 2023, descartando o ano de 2024 por possuir os registros somente até setembro, além disso, as espécies cujo o encontro foi considerado raro (apenas uma ocorrência) também foram descartadas.

O georreferenciamento da ocorrência de cada espécime foi realizado com as coordenadas geográficas contidas nas planilhas de ocorrência, onde os endereços já estavam convertidos em coordenadas geográficas utilizando-se o datum WGS84 (compatível com o SIRGAS 2000), e UTM-22S metros. As espécies e coordenadas foram organizados em planilhas eletrônicas, uma para cada espécie, no programa Microsoft Office Excel e salvas no formato CSV. Em seguida, as planilhas foram importadas para o software QGIS versão 3.34.13 Prizren LTR (QGIS, 2023), onde foram gerados mapas, o mapa de fundo utilizado foi o Google Terrain, Google Satellite e Uso e ocupação do solo do Map Bioma, e a base cartográfica com o mapa de divisão municipal do IBGE 2022, 1:250.000. Nos mapas, foram plotados os pontos de registro de cada espécime, sendo considerados mais de um ponto para ocorrências com mais de um indivíduo, para a obtenção da estimativa de densidade dos espécimes foi utilizada a ferramenta de mapa de calor. Também foram produzidos mapas com os pontos de soltura dos espécimes, agrupados por grupo faunístico, utilizando as informações contidas nas planilhas de ocorrências dos anos de 2018 a 2024, para as ocorrências em que

houve a soltura. As planilhas dos anos de 2016 e 2016 não possuem os registros da localização da área de soltura.

Para a análise da gestão de fauna, foi realizada uma análise quantitativa do “Resultado padrão”, classificação dada pela unidade de gestão de fauna para cada ocorrência e presente na planilha de ocorrências, que pode ser denominada como: resgate e soltura imediata (animais que precisaram ser capturados mas estavam aptos para soltura), óbito, encaminhamento (quando a resolução do problema não cabe a esse setor), monitoramento (não houve resgate mas considera-se importante fazer o monitoramento do espécime ou do local), orientação (fornecimento de informações sobre biologia da espécie para o munícipe), resgate e encaminhamento (animal capturado não apto para soltura imediata que será encaminhado para tratamento ou cuidados parentais), óbito e monitoramento (animal já em óbito, mas há necessidade de monitoramento do local para evitar futuros óbitos), óbito e encaminhamento (corpo encaminhado para análises de doenças zoonóticas) e óbito com resgate e soltura (geralmente associados à filhotes órfãos), em alguns casos ocorre a combinação dessas ações.

Informações descritivas das ocorrências também foram utilizadas para complementar os dados encontrados com exposição de alguns casos relevantes e observações acerca dos relatos lidos.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro do período de 2016 a setembro de 2024, foram registradas 3763 ocorrências, associadas à unidade de gestão de fauna municipal atuante em cada ano, que após o processo de seleção das ocorrências, envolvendo apenas animais vertebrados selvagens dentro do município, contabilizaram 2834 ocorrências. Com as alterações políticas municipais, e consequentemente, mudanças da unidade responsável pela gestão de fauna, as ações de gestão de fauna também passaram por adaptações, como por exemplo, a unidade deixou de ser responsável pelas ocorrências envolvendo invertebrados (abelhas, vespas e formigas) em 2021, o que pode interferir na quantidade de ocorrências.

Ao longo dos anos, é possível observar o aumento do número de solicitações de resgate de fauna (Figura 7), o que também pode estar relacionado ao aumento do conhecimento da população sobre o trabalho realizado pela unidade de gestão, porém após 2021, há uma queda no número de ocorrências, provavelmente, pela alteração da gestão em não atuar nas ocorrências associadas a invertebrados e também pela maior restrição social gerada pela pandemia do COVID-19.

Figura 7 -Número de solicitações gerais e solicitações selecionadas envolvendo apenas vertebrados selvagens dentro do município, em cada ano, do período de 2016 a 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

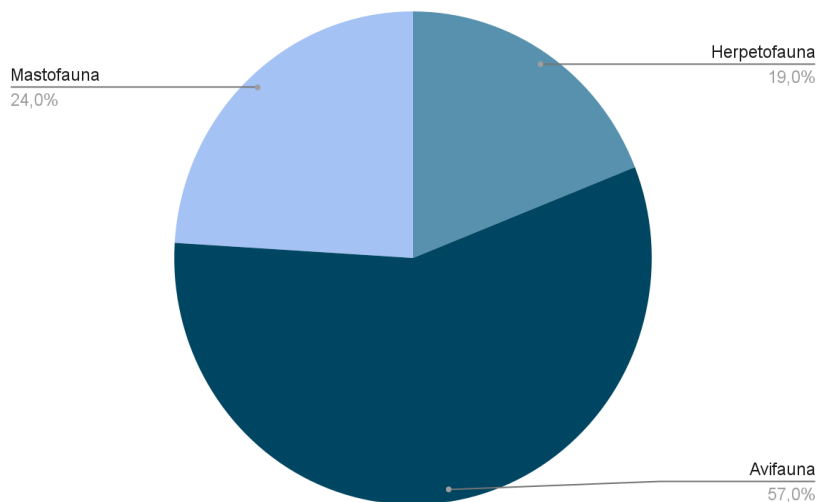
O aumento no número de ocorrências é benéfico caso seja reflexo da ampliação das atividades de gestão e maior cobertura das ocorrências existentes, entretanto, é preocupante, se for gerado pelo aumento do conflito entre a relação homem-fauna. A Lei Complementar

nº350 de 2005, que instituiu o Plano Diretor do município, trazia em seu artigo 141, que o Plano Diretor de Arborização Urbana Pública deveria criar legislações que estimulem o uso de plantas frutíferas, nativas e exóticas, em áreas públicas, recantos protegidos, parques, praças e outros buscando promover a diversidade arbórea e a atração da fauna em meio urbano (ARARAQUARA, 2005), este artigo, não permaneceu no Plano Diretor de 2014 (ARARAQUARA, 2014), visto que, essa aproximação com a área urbanizada aumenta o risco de que os animais selvagens sejam vitimados pela ação antrópica (BRANCO, 2008).

Dentre as ocorrências selecionadas, foram listadas 179 espécies de animais, sendo 34 espécies pertencentes a herpetofauna, 102 espécies da avifauna e 43 espécies da mastofauna, sendo, portanto a avifauna é o grupo faunístico com maior riqueza, abrangendo 57% das espécies encontradas (Figura 8).

Ao comparar com o último inventário de fauna do município, liberado em 2023 (ARARAQUARA, 2023c), os dados analisados registraram 37,9% das espécies inventariadas, além de 4 espécies não catalogadas no inventário de 2023 (1 espécie de anfíbio, 1 de réptil, 1 de ave e 1 de mamífero), o que demonstra a ampla diversidade de espécies que necessitaram da atuação da unidade de gestão.

Figura 8 - Número de espécies listadas por grupo faunístico de janeiro de 2016 a setembro de 2024.

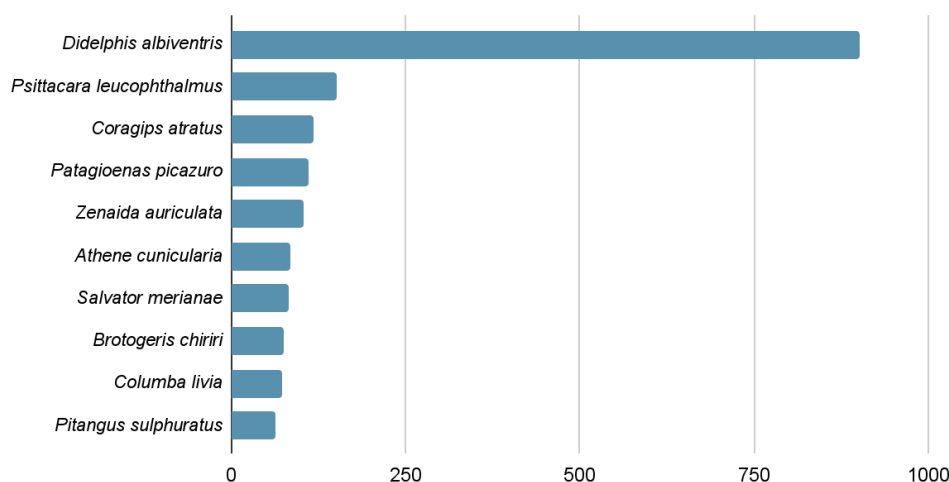


Fonte: Autoria própria, 2024.

A espécie mais frequente nas ocorrências é a do gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) com 901 solicitações (31,7%), esse animal também é o mais comum nos resgates realizados pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (MACÁRIO, 2023) e de Joinville-SC (VIEIRA; MERIS, 2022). A segunda espécie que mais apareceu foi a maritaca (*Psittacara*

leucophthalmus) com 151 registros (5,3%), seguida pelo urubu de cabeça preta (*Coragyps atratus*) com 118 (4,2%), a pomba asa branca (*Patagioenas picazuro*) com 110 (3,9%) e a avoante (*Zenaida auriculata*) com 104 solicitações (3,7%) (Figura 9).

Figura 9 - Espécies mais frequentes nas solicitações de resgate de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

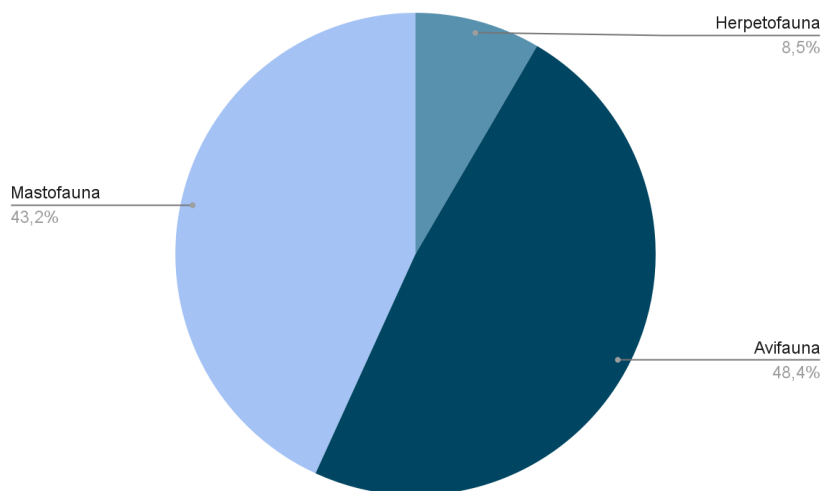
A urbanização tende a gerar uma homogeneização da fauna, favorecendo a sobrevivência de espécies generalistas, e acarretando que as espécies especialistas tenham sua ocorrência mais restrita, assim a urbanização reduz a diversidade por meio da seleção de espécies que se mostram mais adaptadas ao convívio com o homem (NETO; VIADANA, 2006). Tal fato explica a predominância da espécie *Didelphis albiventris*, e de outras espécies comuns de áreas urbanizadas.

Apesar da espécie *D. albiventris* representar quase um terço de todas as ocorrências, a avifauna é o grupo faunístico que mais gerou solicitações, somando 1374 solicitações, seguida pela mastofauna com 1226 registros e pela herpetofauna com 240 ocorrências (Figura 10). No Distrito Federal, a avifauna também é o grupo faunístico predominante nas ocorrências, seguido pela mastofauna e herpetofauna, dos resgates feitos pelo Corpo de Bombeiros (MACÁRIO, 2024).

Ao comparar com os animais enviados aos Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), na unidade do Distrito Federal, a avifauna correspondia a 87,41% dos animais recebidos, seguida pelos répteis (6,52%) e mamíferos (6,07%), porém 60,70% dos animais foram encaminhados de apreensões (CUNHA et al., 2023); no CETAS de Calda Novas-GO, o grupo das aves representou 68% dos animais acolhidos, seguido pelos mamíferos (18%) e

répteis (14%), sendo que 59,7% dos animais são provenientes de resgates (CARVALHO, 2024), portanto, a origem das ocorrências pode interferir na diversidade da fauna encontrada.

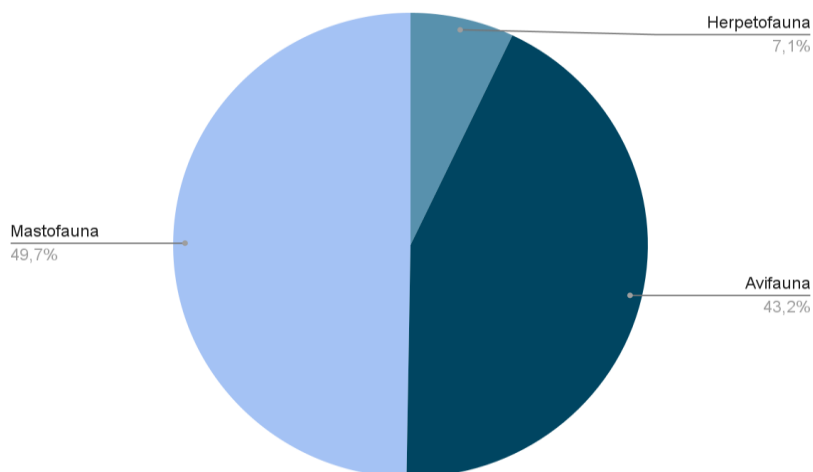
Figura 10 - Ocorrências registradas por grupo faunístico de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Com relação ao número de indivíduos, somou-se 3764 espécimes, sendo 266 da herpetofauna, 1626 da avifauna e 1872 da mastofauna (Figura 11), ressaltando que em uma ocorrência mais de um espécime pode ser encontrado. A espécie *Didelphis albiventris* foi a mais abundante com 1502 exemplares, o que corresponde a 39,9% dos indivíduos registrados, esse elevado número deve-se à grande presença desses animais no meio urbano, ao encontro de mães com grande número de filhotes e à instalação de armadilhas, em dias subsequentes, para a captura de mais de um indivíduo em uma mesma ocorrência.

Figura 11 - Abundância por grupo faunístico de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

A espécie *D. albiventris* adaptou-se muito bem ao meio urbano devido às suas características de generalistas de habitat, e de explorar uma ampla variedade de fontes de alimento, podendo ser até considerado uma espécie-praga em algumas áreas (SMITH, 2007). Os gambás muitas vezes são vítimas da desinformação da população; pesquisas mostram que esses animais, geralmente são associados à liberação de mau-cheiro, agressividade e disseminação de doenças (MOTTA, 2019), à predação de aves, como galinhas, (REIS et al., 2006), e pouco conhecidos pelo seu papel ecológico como dispersores de sementes, inclusive em áreas perturbadas (CANTOR et al., 2010), e no controle de animais peçonhentos e invertebrados (MOTTA, 2019).

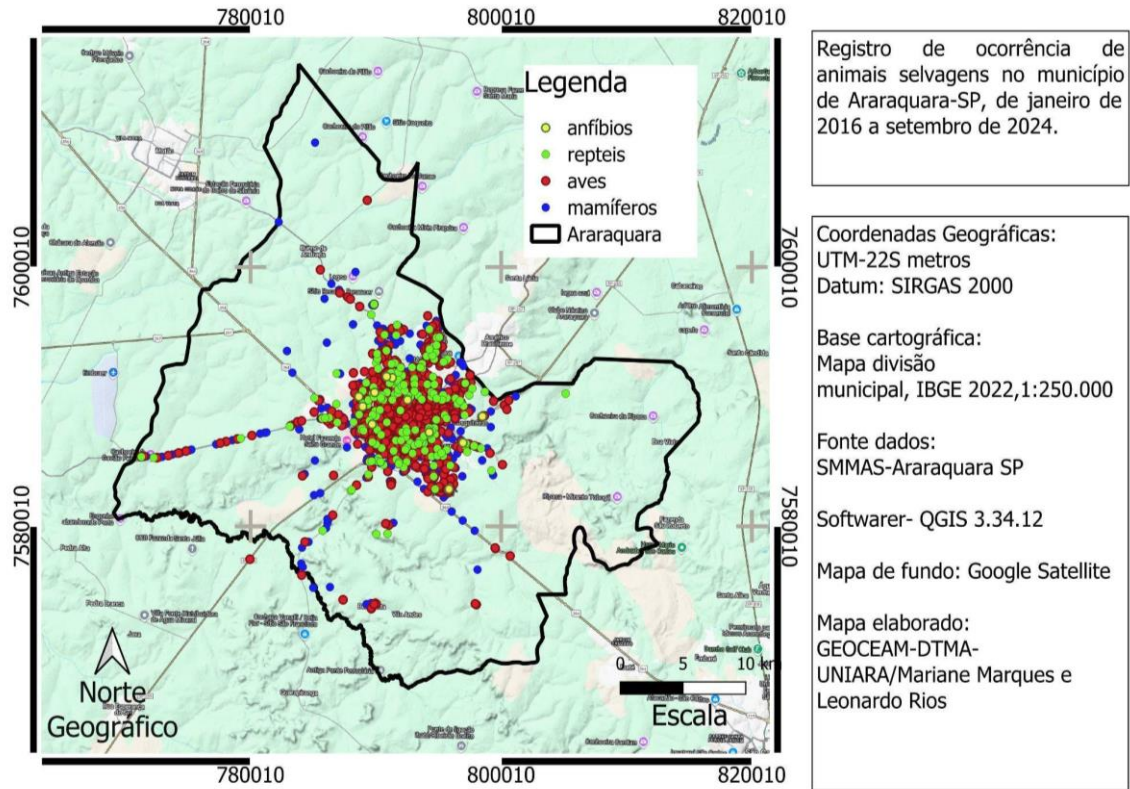
A planilha de ocorrência de fauna descreve a presença destes passando pelas casas e edifícios, entrando acidentalmente nesses locais, se abrindo no forro das residências, há também relatos de ataques por cães e atropelamentos, na busca por alimento, foram encontrados indivíduos em lixeiras e existe relato de ataque a pintinhos. As ocorrências envolvem adultos, fêmeas com filhotes no marsúpio ou dorso, jovens e filhotes órfãos que precisam de cuidados parentais sem a mãe ou com esta em óbito, portanto, estes animais residem e se reproduzem na área urbana do município.

O georreferenciamento dos indivíduos (Figura 12), descritos nas planilhas de ocorrência, mostra que a concentração das ocorrências dos animais selvagens registrados pelos gestores na área urbanizada do município é alta (Figura 13), outro ponto relevante são os registros ao longo de estradas, como os da Estrada Municipal Gavião Peixoto, além de outras rodovias como, a Estrada Abílio Augusto Corrêa (Figura 14), a Via Clito Bastia e trechos de rodovias mais próximos da área urbana, como os da Rodovia Washington Luís, da Rodovia Antônio Machado Sant'Anna e da Rodovia Pedro Sanches Alcarás.

O atropelamento de animais selvagens é frequente em rodovias e medidas para minimizar o impacto dessas vias são importantes (SÁSSI et al., 2013; WEISS.; VIANNA, 2012). Medidas para a mitigação de atropelamentos incluem o desenvolvimento de uma estratégia de coleta, organização e difusão dos registros de atropelamento de fauna selvagem que seja integrada e nacional. No Brasil, foi desenvolvido o Sistema Urubu, que consta com um aplicativo de celular, o Urubu Mobile, que pode ser usado por qualquer pessoa para registrar um animal vítima de atropelamento, esses dados podem ser acessados no Urubu Web, e as informações são enviadas para os gestores e validadas por consultores, que após aprovação podem ser visualizados através do Urubu Map ou por relatórios padrões

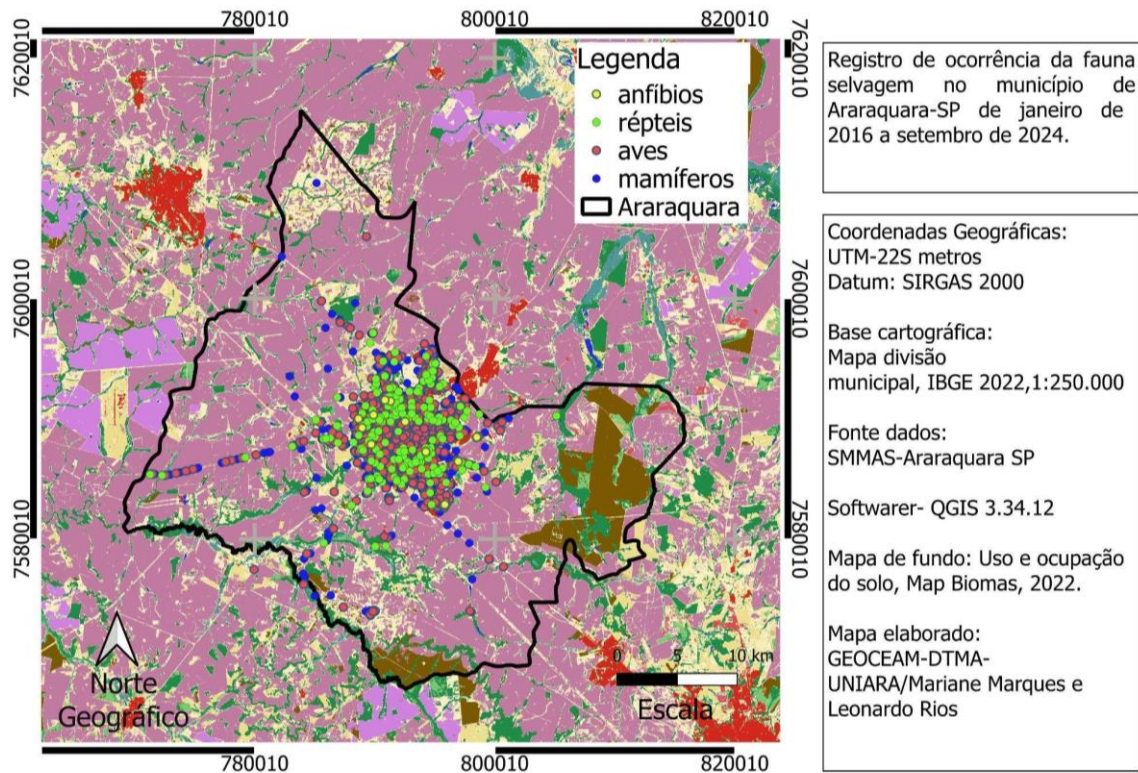
disponíveis no Portal do Centro Brasileiro de Estudos em Ecologia de Estradas (BAGER et al., 2016).

Figura 12- Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência de animais selvagens listados pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



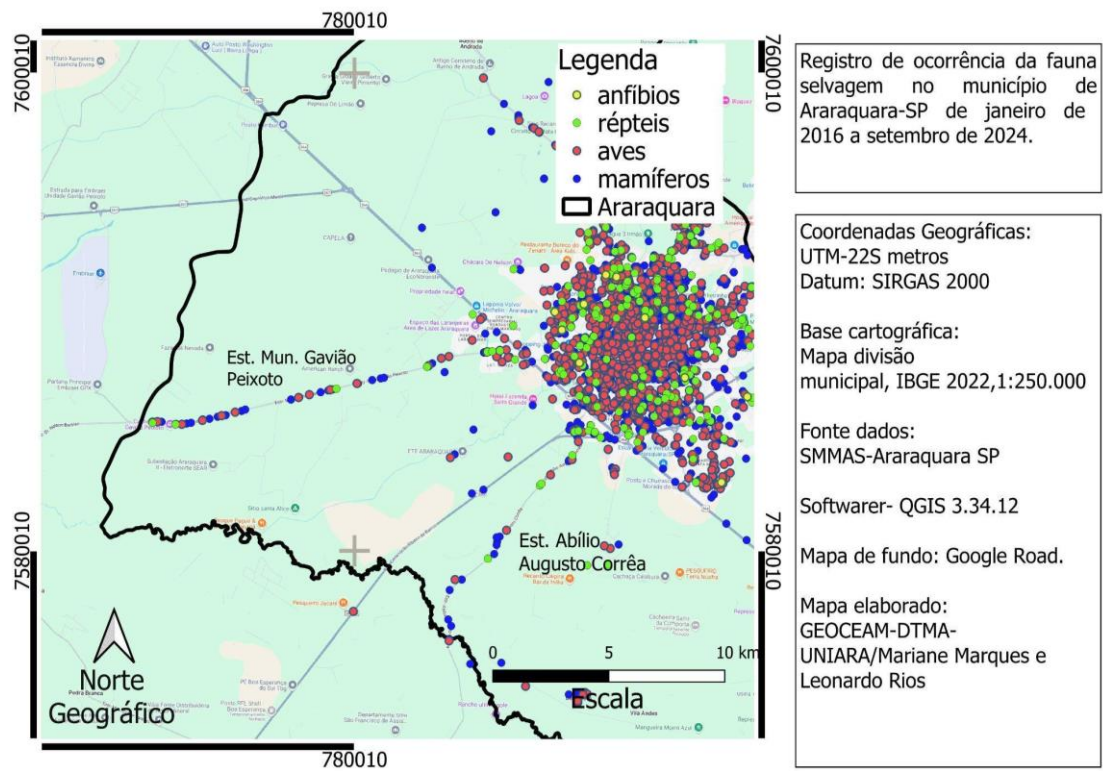
Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 13- Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência de animais selvagens listados pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, de acordo com o uso e ocupação do solo.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 14- Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência de animais selvagens listados pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, com foco nas estradas Gavião Peixoto e Abílio Augusto Corrêa.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

A herpetofauna, registrada nas planilhas de ocorrência, é composta por 34 espécies pertencentes a 16 famílias e 5 ordens, dentre estas, os anfíbios correspondem a 5 espécies pertencentes a duas ordens, Anura e Gymnophiona. Os anfíbios são mais sensíveis ao impacto humano, seguidos pelos mamíferos e répteis e, por último, as aves (DIRZO et al., 2014). Nos anfíbios encontrados, a ordem Gymnophiona está representada por duas espécies de cobras-cega (*Siphonops annulatus* e *Siphonops paulensis*), apesar dos indivíduos dessa ordem serem encontrados em todos os biomas, ainda é um grupo pouco conhecido no país e mais difícil de ser encontrado devido ao seu comportamento discreto e fossorial. Enquanto que, os anuros são mais conhecidos e diversificados dentro do grupo dos anfíbios (JARED; NAVAS; TOLEDO, 1999, PAULA; TOLEDO, 2014).

A ordem Anura é o grupo de vertebrados mais ameaçado do planeta, em grande parte em decorrência do desmatamento e das modificações antrópicas nos ambientes naturais (PAULA; TOLEDO, 2014), como contaminação das águas; no país os estudos mostrando o declínio de suas populações ainda são escassos (SILVANO; SEGALLA, 2005). Nos registros foram encontradas duas espécies de sapo (*Rhinella diptycha* e *Rhinella ornata*) e uma espécie de rã (*Leptodactylus labyrinthicus*). Entretanto, é válido ressaltar que nos registros da unidade de gestão de fauna, muitos indivíduos do gênero *Rhinella* não foram identificados, sendo muitos deles vítimas de atropelamento, o que pode ter dificultado a distinção da espécie.

Dos répteis, são classificadas 29 espécies de 13 famílias e 3 ordens, sendo quatro espécies de quelônios, um crocodiliano, quatro lagartos, dois anfisbenídeos e dezoito serpentes. Dentre as espécies encontradas podemos citar a sucuri (*Eunectes murinus*), o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), a iguana (*Iguana iguana*), o cágado-de-barbicha (*Phrynosoma geoffroanus*) e três espécies de falsa-coral (*Apostolepis flavotorquata*, *Phalotris mertensi* e *Oxyrhopus guibei*)

Das ocorrências envolvendo a herpetofauna, o teiu (*Salvator merianae*) é o mais frequente da herpetofauna (Tabela 1), o que equivale a 34,6% das solicitações envolvendo este grupo faunístico. Nas ocorrências municipais, a maior parte das solicitações envolvem a presença destes animais nas residências, outros relatos também foram encontrados como animal em via pública e óbito por atropelamento.

O *Salvator merianae* possui hábito generalista e oportunista, podendo se alimentar de frutos, vegetais, insetos, pequenos vertebrados, lixo e carniça, forrageando em áreas abertas adjacentes a áreas florestadas ou pouco urbanizadas (ABRAHÃO, 2019, BOVENDORP;

ALVAREZ; GIALETTI, 2008), e por se alimentarem de frutos, esses animais possuem grande potencial como dispersores de sementes (CASTRO; GALETTI, 2004).

Para o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, a espécie de réptil de maior ocorrência é a jiboia (*Boa constrictor*) (MACÁRIO, 2023), a segunda espécie mais frequente nas ocorrências relacionadas a anfíbios e répteis do município de Araraquara. A *B. constrictor* não é peçonhenta, mata a sua presa por constrição, se alimenta de pequenos mamíferos, aves e lagartos, têm hábitos diurnos e noturnos, é terrícola e arborícola, e habitam matas, cerrados e caatinga (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014, FRAGA et al, 2013). Nas planilhas analisadas, o atropelamento desses animais é comum, entretanto também há registros de indivíduos em residências e em vias públicas que necessitam de resgate, sendo este feito pela equipe de gestão de fauna ou pelo corpo de bombeiros com o encaminhamento do animal à unidade de gestão para a soltura.

Tabela 1 - As cinco espécies da herpetofauna com maior número de ocorrências, de janeiro de 2016 a setembro de 2024.

Nome científico	Nome popular	Número de ocorrências
<i>Salvator merianae</i>	Teiu	83
<i>Boa constrictor</i>	Jiboia	32
<i>Chelonoidis carbonaria</i>	Jabuti-piranga	29
<i>Phrynops geoffroanus</i>	Cágado-de-barbicha	12
<i>Oxyrhopus guibei</i>	Falsa-coral	8

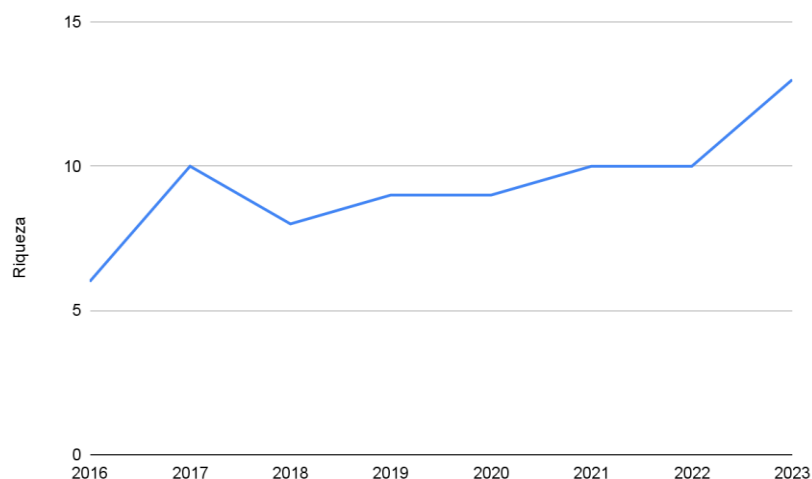
Fonte: Autoria própria, 2024.

A riqueza da herpetofauna (Figura 15) é a menor dentre os grupos faunísticos estudados, seu índice mostra-se menor nos anos de 2016 e 2018, possivelmente, por corresponderem aos anos com menores números de dados, enquanto que, em 2023, houve um aumento na riqueza registrada. Dentre os répteis registrados, algumas espécies têm importância para saúde pública ou para a preservação. De relevância para a preservação, encontrou-se uma espécie exótica, o tigre d’água de orelha vermelha (*Trachemys scripta elegans*), e uma espécie classificada como vulnerável pela IUCN, o jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*) (IUCN, 2024).

A espécie *Trachemys scripta elegans* é um cágado de água-doce norte-americano, que tem sido relatada como exótica em diversos países, no Brasil, é encontrada na natureza em consequência da soltura por donos que criavam como animais de estimação, habitando inclusive em área urbanas, como rios poluídos, o que demonstra a sua alta capacidade de manutenção em áreas antropizadas (FERRONATO et al., 2009). Além da concorrência por recursos, tal espécie coloca em risco a conservação da espécie nativa *Trachemys dorbigni*

(Tigre-d'água-de-orelha-amarela) pelo cruzamento dessas duas espécies na natureza, gerando indivíduos híbridos (COUTINHO, 2002, FIGUEIREDO, 2014).

Figura 15 - Riqueza da herpetofauna de 2016 a 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

O jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*) tem como habitat as florestas úmidas (JEROZOLIMSKI, 2005). Portanto, o desmatamento torna-se um risco para sobrevivência dessa espécie. Outro fator que interfere na abundância desses animais na natureza é a cultura da caça e alimentação de jabutis, como ocorre na comunidade de quilombolas no Pará, que além de cultural, tem valor religioso por influência da tradição judaico-cristã local, sendo consumidos com maior frequência durante a Semana Santa (FIGUEIREDO; BARROS, 2016). Entretanto, os jabutis têm papel ecológico de dispersores de sementes, sendo equiparado ao papel das aves em áreas que possuem elevada abundância (JEROZOLIMSKI, 2005, STRONG; FRAGOSO, 2006).

De importância para a saúde, estão as espécies de serpentes peçonhentas que totalizam cinco espécies, sendo a cascavel (*Crotalus durissus*), e coral verdadeira (*Micrurus lemniscatus*) e três espécies de jararacas (*Bothrops alternatus*, *Bothrops jararaca*, *Bothrops moojeni*). No Brasil, a maioria dos acidentes ofídicos é provocada por serpentes do gênero *Bothrops*, seguido pelo gênero *Crotalus*, poucos são os registros de acidentes associados aos gêneros *Micrurus* e *Lachesis*. Os acidentes ocorrem com maior intensidade em áreas rurais (BRASIL, 2019, BOCHNER; STRUCHINER, 2003, MELO; MAQUI, 2020), no município de Araraquara, a unidade de gestão registrou a presença desses animais em área rural e urbana.

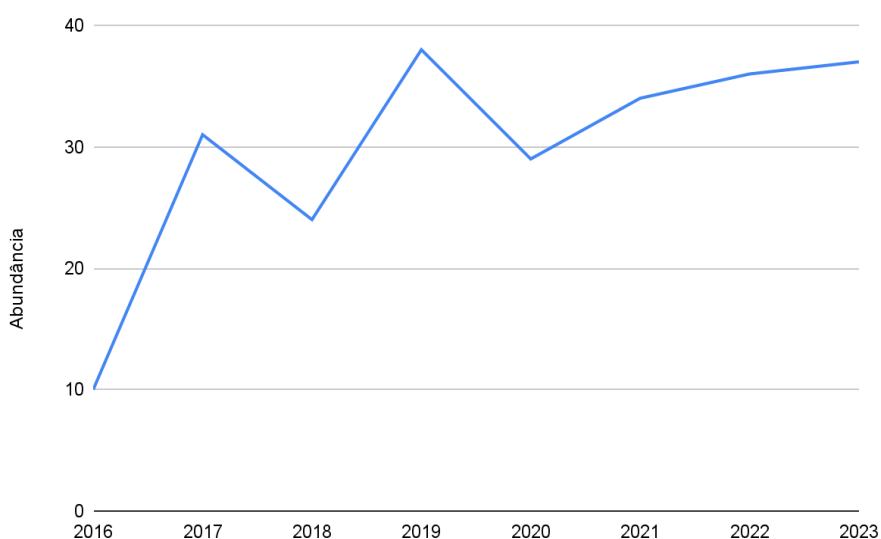
As serpentes são animais intensamente perseguidas pelos seres humanos, sendo mortas indiscriminadamente por apresentarem espécies peçonhenta, entretanto a maioria das espécies é inofensiva, e possuem função ecológica importante na cadeia alimentar atuando como presa

ou predador de outros animais, são controladores biológicos de roedores e, na saúde humana, a composição da peçonha está associada à produção de medicamentos e estudos na área médica (GREGO, ALBUQUERQUE; KOLESNIKOVAS, 2014).

A abundância da herpetofauna (Figura 16) é a menor dentre os grupos, esse índice mostrou oscilações até 2020, passando a ser mais constante a partir de 2021, essa variação reflete a inconstância no encontro desses animais pela unidade de gestão de fauna. As espécies *Salvator merianae* (teiu) e *Chelonoidis carbonaria* (jabuti-piranga) foram registradas em todos os anos, e a *Boa constrictor* (jiboia) que só não tem dados em 2016, as demais espécies não seguem um padrão de ocorrência, o que pode ter gerado a variação da abundância entre os anos.

As espécies deste grupo faunístico mais abundantes foram o teiu (*Salvator merianae*), o jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*), a jiboia (*Boa constrictor*), o cágado-de-barbicha (*Phrynops geoffroanus*) e a falsa-coral (*Oxyrhopus guibei*), com, respectivamente, 89, 39, 35, 17 e 8 indivíduos.

Figura 16 - Abundância da herpetofauna de 2016 a 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

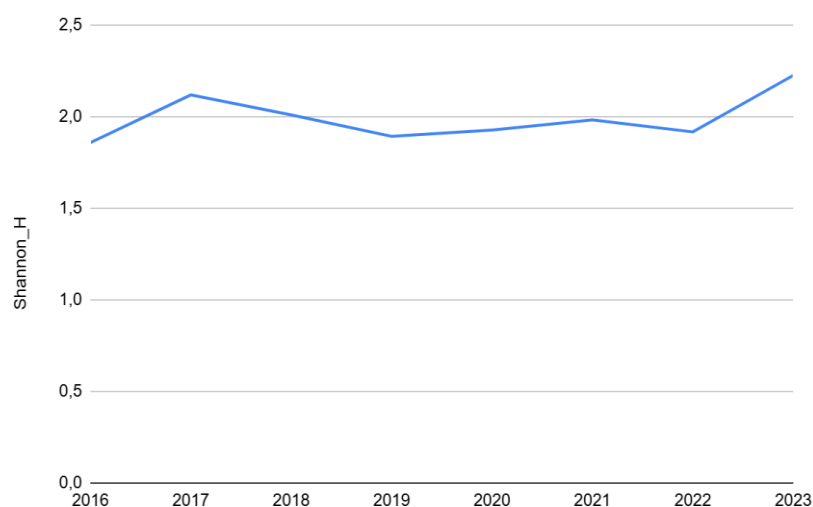
A espécie jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*) registrou 39 indivíduos, enquanto que a espécie jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*) foi representada por apenas um indivíduo, ambas espécies podem viver em simpatria, porém a *C. carbonaria* prefere áreas abertas, enquanto *C. denticulata* habita preferencialmente florestas tropicais e úmidas, o que explica o maior encontro do jabuti-piranga. Além disso, a *C. carbonaria* foi registrada em áreas com temperatura, umidade e cobertura vegetal contrastantes o que revela uma maior

adaptabilidade e facilidade para sua expansão territorial, inclusive em áreas antropizadas, como centros urbanos (JEROZOLIMSKI, 2005, FARIAS et al., 2007).

Segundo o cálculo do Índice de Diversidade de Shannon-Wiener (H') (Figura 17) das espécies encontradas, no período de 2016 a 2023, nas solicitações de resgate de fauna, a diversidade da herpetofauna encontrada é baixa e mantém-se praticamente constante ao longo do período analisado. O Brasil ocupa o primeiro lugar de maior diversidade de anfíbios e o terceiro lugar em diversidade de répteis do mundo (ICMBIO, 2024), apesar disso, a diversidade é menor quando comparada ao grupo das aves, porém maior que a dos mamíferos. Na herpetofauna, a ordem mais diversa é a de Squamata com 9 famílias e 24 espécies.

A urbanização é capaz de gerar respostas diferentes nas populações de répteis devido à heterogeneidade das paisagens e características das espécies e, também, de provocar mudanças comportamentais e fisiológicas para se adaptarem ao meio urbano, porém os estudos do efeito da urbanização em répteis ainda apresentam lacunas importantes (FRENCH et al., 2018).

Figura 17 - Índice de diversidade de Shannon-Wiener da herpetofauna de 2016 a 2023.



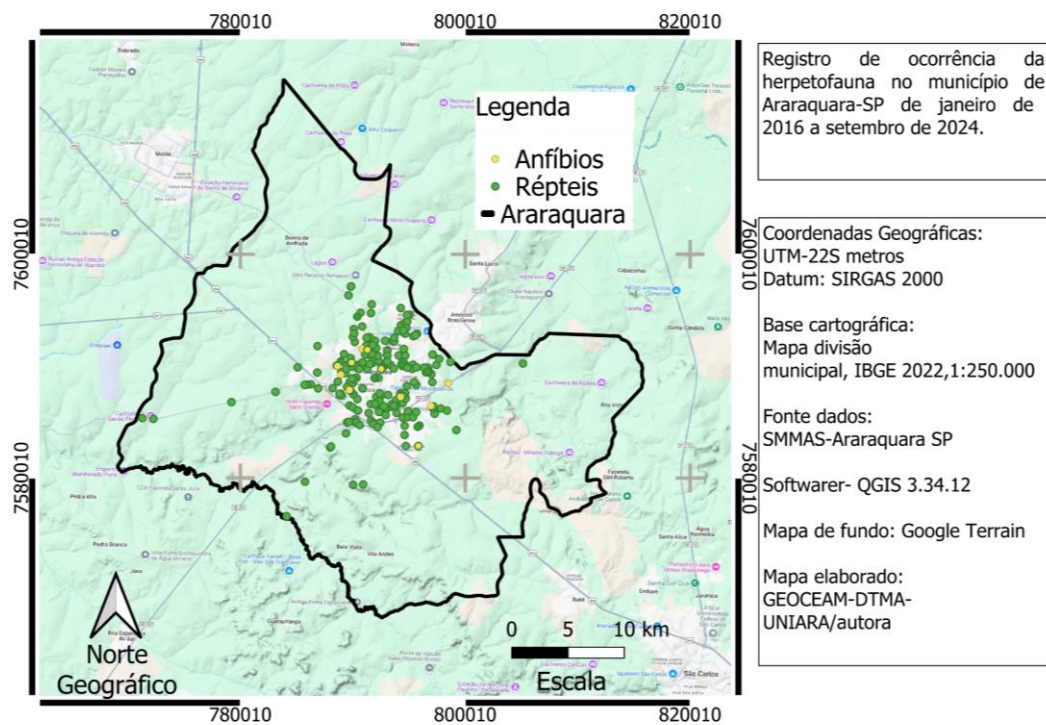
Fonte: Autoria própria, 2024.

O georreferenciamento dos registros de anfíbios e répteis (Figura 18) mostra um maior número de ocorrências na área urbanizada (Figura 19), porém pontos mais distantes do centro urbano também podem ser encontrados. O ponto de maior concentração de indivíduos da herpetofauna é a área do Parque Natural Municipal do Basalto (Figura 20), há descrição principalmente de resgate de serpentes, inclusive peçonhentas, no local e nas suas proximidades. Esse parque é hoje uma Unidade de Conservação Integral que está sob o

controle, administração e gerenciamento da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade desde 2021 (ARARAQUARA, 2024).

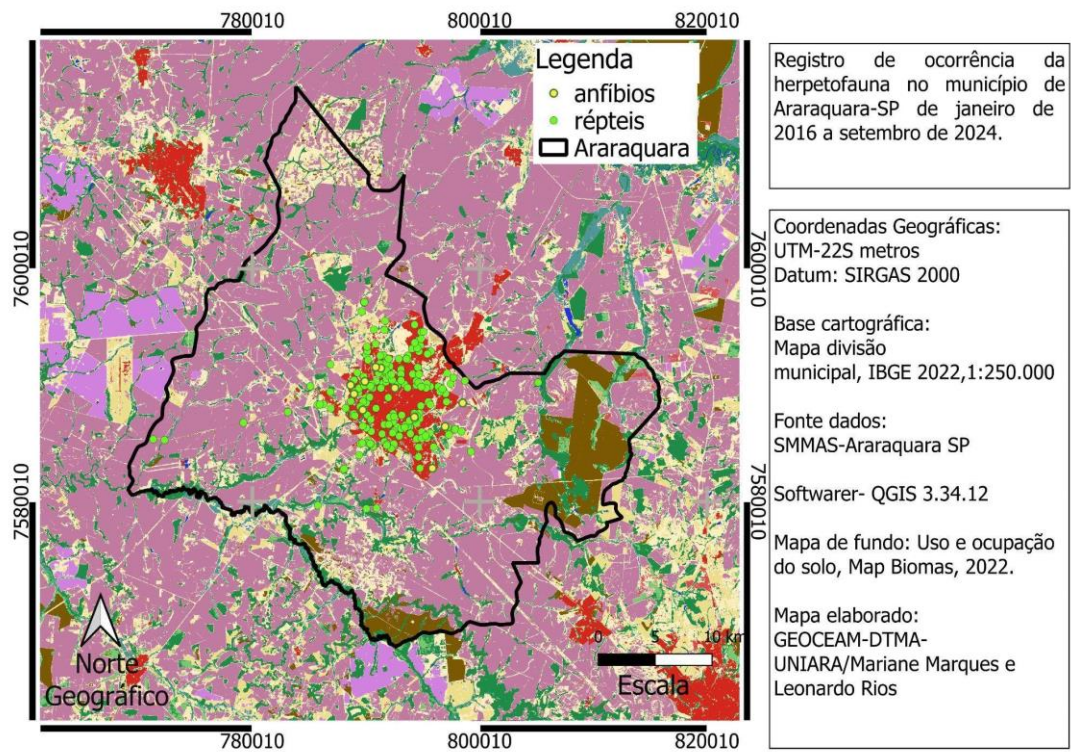
No georreferenciamento é possível observar uma ausência de ocorrências com animais da herpetofauna na região mais central da área urbanizada (Figura 19), abordando parte do bairro Centro, e no bairro da grande Vila Xavier. Entretanto, este último, possui a maior concentração de ocorrências de animais sinantrópicos do município, devido à existência de muitos loteamentos vazios e acúmulo de resíduos sólidos favorecendo o habitat de certos animais, como ratos e invertebrados, além de ter a passagem da linha férrea com área verde ao entorno (RODRIGUES, et al.,2017), portanto essa área possui abrigo e alimento propícios para o aparecimento de serpentes e lagartos.

Figura 18 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da herpetofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



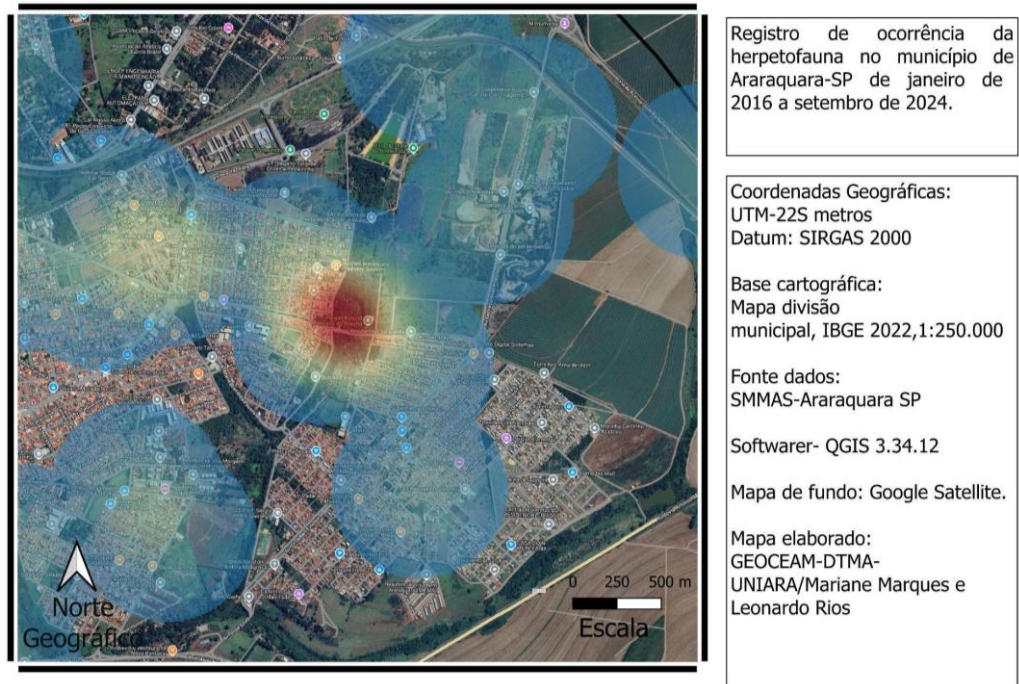
Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 19 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da herpetofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, de acordo com o uso e ocupação do solo.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 20 - Mapa da região do Parque Natural Municipal do Basalto de Araraquara-SP, com a concentração da herpetofauna de acordo com os registros de ocorrência da gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, na região do Parque Natural Municipal do Basalto.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Em relação à avifauna, este grupo se mostra mais diverso, com 101 espécies diferentes pertencentes a 37 famílias e 20 ordens. Na lista de aves, é possível identificar três espécies exóticas: o pombo-doméstico (*Columba livia*), o pardal (*Passer domesticus*), e o bico-de-lacre (*Estrilda astrild*).

O pombo-doméstico (*Columba livia*) é originário da Ásia e Europa, introduzido como ave doméstica no Brasil, onde é encontrado em locais com concentração de alimentos, como praças públicas, feiras e praças de alimentação (GUIMARÃES, 2014). Esse animal é considerado uma praga em muitos países devido à superpopulação existente nas ruas, e a melhor forma de realizar o seu controle populacional é por meio da redução dos recursos alimentares (HAAG-WACKERNAGEL, 1993). Estudos mostram que esses pombos têm preferência por prédios mais antigos (SACCHI et al., 2002) e que tanto a área da cidade quanto o número de habitantes humanos influenciam positivamente no tamanho da população dessa ave (HETMAŃSKI et al., 2010).

O pardal (*Passer domesticus*), originário do Oriente Médio, é uma espécie exótica considerada problemática em diversos países (SICK, 1959). Os pardais preferem habitats antrópicos e evitam habitats naturais (VICENTE; FRANÇA; ARAÚJO, 2024), sendo encontrados em áreas urbanas e sistemas agrícolas, porém possuem preferência pela periferia dos centros urbanos. Foi introduzida no Brasil para o controle e combate de pragas, entretanto foi comprovado que os prejuízos provocados são maiores que os benefícios. Essa espécie pode se adaptar a novas regiões alterando seus padrões de reprodução, como mudanças no tamanho da ninhada e no período reprodutivo (FERREIRA, 2017, SICK, 1959). Frestas em telhados e praças e terrenos que permitam o crescimento de gramíneas que produzem sementes podem ter contribuído para que os pardais residam nos centros urbanos (ALEXANDRE, 2021).

O bico-de-lacre (*Estrilda astrild*) tem origem na África e sua distribuição ocorre de forma descontínua no Brasil, conhecido por fugir de gaiolas, o que pode ser facilitado pelo seu pequeno tamanho, poderia justificar o aparecimento de populações em cidades geograficamente distantes, sendo a sua alimentação dependente de capins africanos que também foram introduzidos no país (OREN; SMITH, 1978), o que facilita a sobrevivência destes em vida livre.

A Tabela 2 contém as cinco espécies com maior número de ocorrências envolvendo a avifauna, a maritaca (*Psittacara leucophthalmus*) é a mais frequente e representa 10,9% das ocorrências da avifauna. Em comparação com as cinco espécies de aves com maior ocorrência

registradas pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (MACÁRIO, 2023), três estão entre as cinco de Araraquara, a *Athene cunicularia* (coruja buraqueira), a *Coragyps atratus* (urubu) e a *Zenaida auriculata* (avoante).

Tabela 2 – As cinco espécies da avifauna com maior número de ocorrências de janeiro de 2016 a setembro de 2024.

Nome científico	Nome popular	Número de ocorrências
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Maritaca	151
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta	118
<i>Patagioenas picazuro</i>	Pomba-asa-branca	110
<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante	104
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira	84

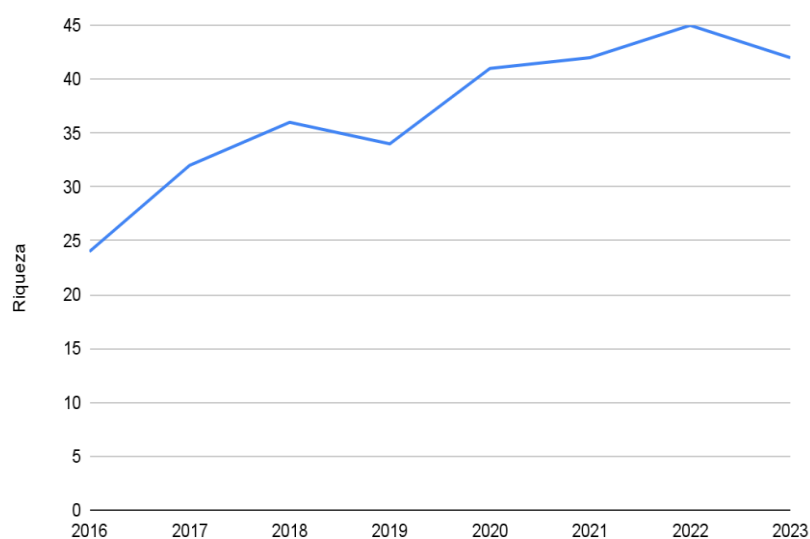
Fonte: Autoria própria, 2024.

A *maritaca* (*Psittacara leucophthalmus*), também conhecida como periquitão-maracanã, pode se ajustar às condições urbanas, se aproximando das cidades, principalmente, na época reprodutiva em busca de locais para nidificação, como o forro das residências (JOFFILY, 2010). No ambiente urbano, alimenta-se tanto de espécies vegetais nativas quanto de espécies exóticas (LEONI; REIS; DIAS FILHO, 2023). Quando nidificam em habitações, são discretos na entrada e saída dos ninhos, entretanto, podem causar problemas pelo hábito de roer fios e provocar curtos-circuitos (SMASP, 2014). Nos registros da gestão de fauna, há relatos de indivíduos doentes, em óbito por eletrocussão, com ferimentos ou fio enroscado no membro pélvico, indivíduos com penas da asa cortadas provavelmente mantidos como pet, e também relatos reprodutivos como nidificação nos forros e filhotes caídos do ninho.

O *urubu-de-cabeça-preta* (*Coragyps atratus*) se alimenta de pequenos animais ou filhotes e de animais em putrefação, nas cidades, sua incidência está diretamente relacionada à quantidade de resíduo sólido disponível no ambiente (SICK, 1959). Outro fator que contribui para sua manutenção no meio urbano, é a capacidade de se reproduzir regularmente em edifícios altos (NOVAES; ALVAREZ, 2013, SICK, 1959), tal fato foi confirmado pela gestão de fauna com a descrição da existência de ninhos e filhotes nos edifícios da cidade.

O grupo das aves registradas nas planilhas de ocorrências é o que apresenta maior riqueza (Figura 21) e seu valor tem crescido ao longo do período estudado. As aves representam cerca de 90% da fauna urbana, pois se adaptam melhor aos desafios impostos pelas cidades, essa adaptação é facilitada pelo deslocamento via ar e por usarem as edificações para nidificar (SMASP, 2014).

Figura 21 - Riqueza da avifauna de 2016 a 2023.



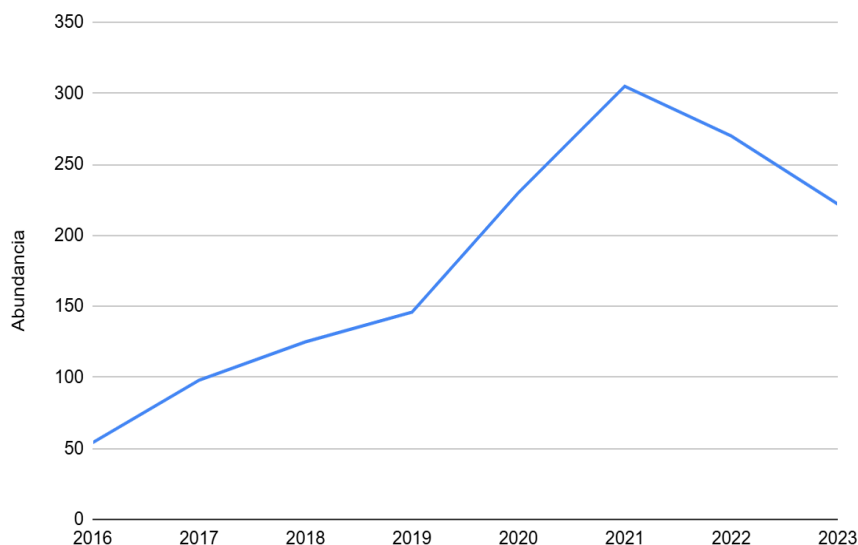
Fonte: Autoria própria, 2024.

A lista de fauna municipal contém 12 espécies com algum grau de ameaça segundo a lista vermelha de animais em extinção da IUCN (ARARAQUARA, 2023c), dentre elas, a planilha de solicitação de resgate de fauna registrou uma espécie classificada como vulnerável, a arara-canindé (*Ara ararauna*) (IUCN, 2024), registrados como espécime de vida livre, havendo também registros de animais anilhados mantidos como pet não convencional que fugiram e foram devolvidos aos donos.

A abundância da avifauna (Figura 22) registrada pela unidade de gestão mostrou-se ascendente até o ano de 2021, apresentando um declínio nos anos posteriores, esse declínio pode estar associado à redução no número de solicitações de resgate de fauna pela população em virtude das restrições sociais geradas pela pandemia do COVID-19.

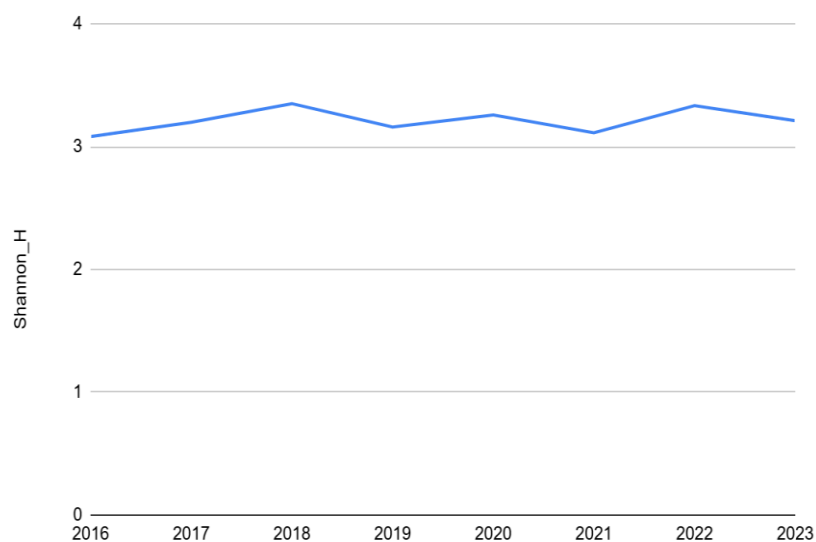
As espécies mais abundantes da avifauna registradas pela gestão de fauna do município são a maritaca (*Psittacara leucophthalmus*), o urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), a avoante (*Zenaida auriculata*), o pombo-doméstico (*Columba livia*), e a pomba-asa-branca (*Patagioenas picazuro*), com respectivamente, 176, 154, 136, 124 e 111 indivíduos.

Os Columbídeos são comuns nos centros urbanos. A avoante (*Zenaida auriculata*) também é encontrada em áreas de cultura agrícola e de pastoreio, alimenta-se, geralmente, de sementes de espécies silvestres e cultivadas e frutos. Os plantios de monocultura favoreceram essas aves que aumentaram sua abundância e expandiram sua distribuição geográfica, tornando-se um problema para os agricultores. O pombo-doméstico (*Columba livia*) pode se alimentar de restos de alimentos, sementes, insetos, vermes e frutos. Nas cidades, há muitas pessoas que alimentam diariamente com milho, pão e restos de refeições esses animais em vida livre, acarretando na proliferação dessa espécie (SMASP, 2014).

Figura 22 - Abundância da avifauna de 2016 a 2023.

Fonte: Autoria própria, 2024.

A ordem Passeriforme é a mais diversa com 14 famílias e 44 espécies e entre as famílias mais diversas estão a Tyrannidae e Thraupidae. Conforme o índice de Shannon-Wiener para avifauna (Figura 23), a diversidade é média nas ocorrências registradas em cada ano, porém a diversidade registrada é maior quando comparada à dos demais grupos faunísticos.

Figura 23 - Índice de Shannon- Wiener para a avifauna de 2016 a 2023.

Fonte: Autoria própria, 2024.

A avifauna é o grupo mais diverso no país, com 1971 espécies listadas (1.742 residentes ou migrantes que reproduzem no país, 126 visitantes sazonais e 103 vagantes), e

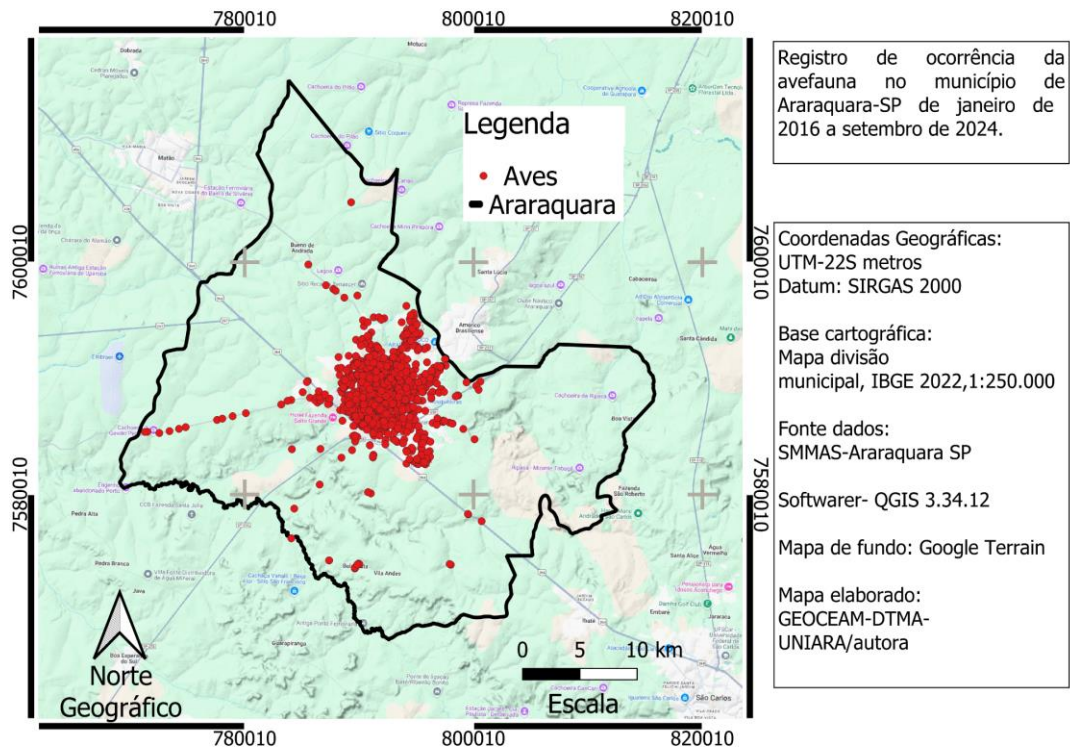
293 espécies endêmicas do Brasil (PACHECO et al., 2021). O município de Araraquara-SP pode ser considerado um importante ponto para observação de aves, abrigando 338 espécies de aves, o que corresponde a 42% de todas as espécies identificadas no estado de São Paulo (ARARAQUARA, 2023c).

Outras espécies de aves também foram registradas, como beija-flores (*Amazilia fimbriata*, *Chlorostilbon lucidus* e *Eupetomena macroura*), corujas (*Tyto furcata*, *Asio clamator*, *Asio stygius* e *Megascops choliba*), tucano (*Ramphastos toco*), garças e socóis (*Ardea alba*, *Ardea cocoi*, *Bubulcus ibis*, *Ixobrychus exilis*, *Ixobrychus involucris* e *Syrigma sibilatrix*), gaviões (*Gampsonyx swainsonii* e *Rupornis magnirostris*), quero-quero (*Vanellus chilensis*), pica-paus (*Colaptes campestris*, *Colaptes melanochloros* e *Veniliornis passerinus*), falcões (*Caracara plancus*, *Falco femoralis*, *Falco sparverius* e *Milvago chimachima*). Os psitacídeos foram representados por araras, papagaios e periquitos, e os passeriformes, que são a maioria, apresenta sabiás, saíras, sanhaços, bem-te-vis e outros.

Nas aves, a urbanização tende a homogeneizar a comunidade, pois algumas espécies são favorecidas pela disponibilidade de recursos gerados pelo homem, e devido a sua plasticidade, as espécies podem se tornar inclusive pragas urbanas. O meio urbano também pode alterar o comportamento desses animais, como o fato de algumas espécies aprenderem a piar mais alto, para sobressair aos ruídos das cidades gerados pelos carros e toques de celulares (SMASP, 2014).

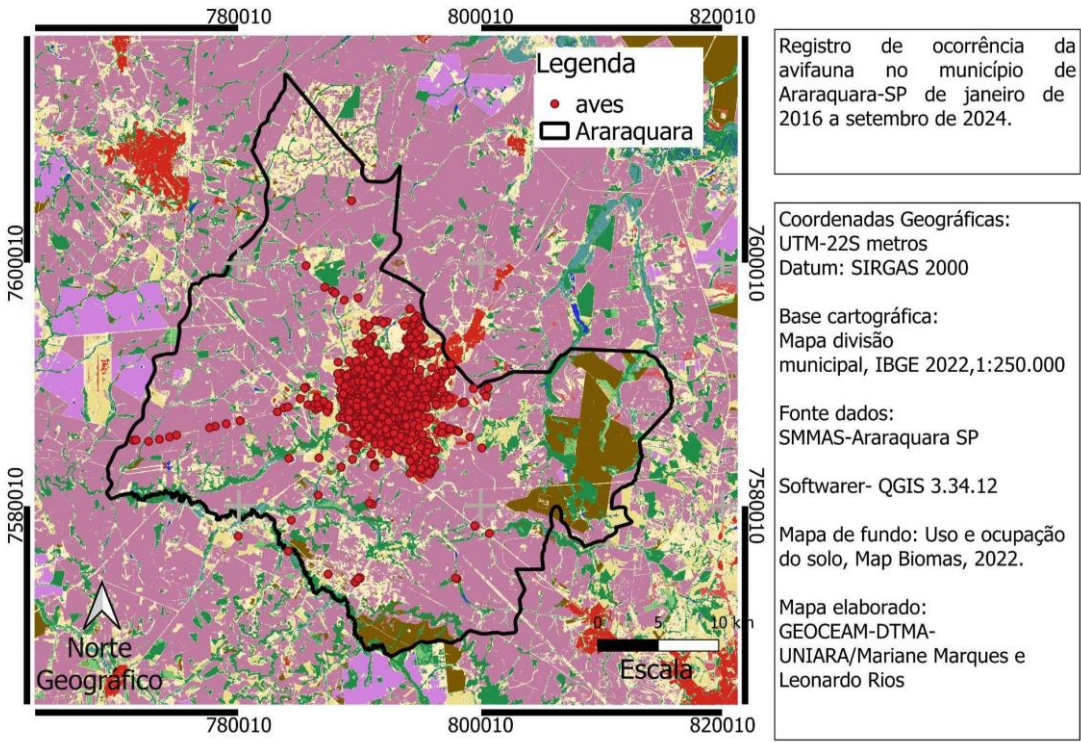
As ocorrências envolvendo a avifauna são em sua maioria da região urbanizada, entretanto, também apresenta registros na Estrada Municipal Gavião Peixoto (Figura 24 e 25). Na área mais urbanizada, é possível identificar regiões de concentração da avifauna no bairro Centro, abrangendo o Parque Infantil e no bairro da Fonte Luminosa, incluindo a Avenida Bento de Abreu e a Praça da Fonte Luminosa (Figura 26). Essa concentração pode ser explicada por serem áreas de grande movimentação de pessoas, associada à presença de áreas arborizadas próximas.

Figura 24 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da avifauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



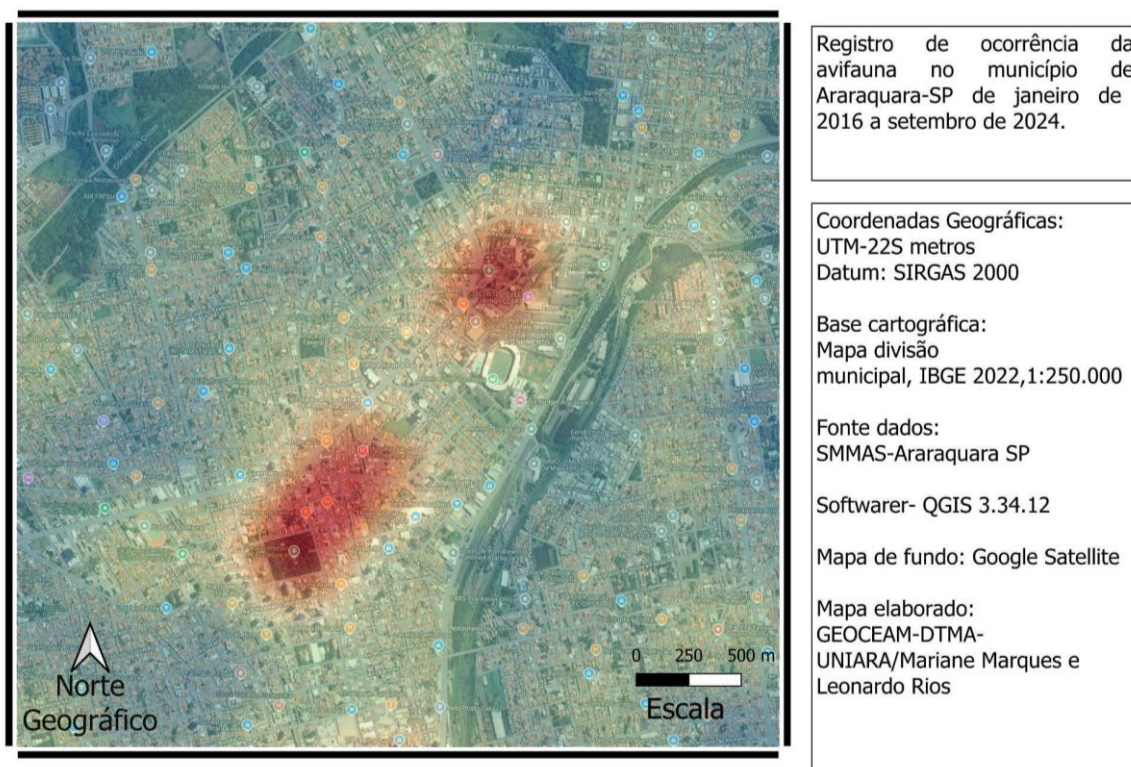
Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 25 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da avifauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, de acordo com o uso e ocupação do solo.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 26 - Mapa do município de Araraquara-SP com a concentração da ocorrência da avifauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, na região dos bairros do Centro e Fonte Luminosa.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Na mastofauna, foram registradas 43 espécies de 21 famílias e 9 ordens diferentes. O número de espécies associadas a ocorrências pela unidade de gestão de fauna corresponde a 69,3% das espécies inventariadas no município até 2023 (ARARAQUARA, 2023c), e todas as espécies com algum grau de ameaça classificada pela IUCN inventariadas no município estão presentes nas planilhas de ocorrência, destacando assim a importância do trabalho municipal local para a mastofauna.

Das espécies de mamíferos, são consideradas pela IUCN em perigo (EN) o tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*), vulneráveis (VU) o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), o gato do mato (*Leopardus tigrinus*) e o gato do mato pequeno (*Leopardus guttulus*) e quase ameaçadas (NT) o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), a lontra (*Lontra longicaudis*), o bugio-preto (*Alouatta caraya*), o macaco-prego (*Sapajus nigritus*), o sauá (*Callicebus nigrifrons*) e a raposinha-do-campo (*Lycalopex vetulus*).

A espécie tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) ocorre em todos os biomas do Brasil, possui locomoção terrestre e fatores que colocam em risco a espécie são a destruição de habitats, a caça, ataques de cães, atropelamentos rodoviários, e incêndios florestais (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014, REIS et al., 2006). Na planilha de ocorrências de 2023, há um registro de uma fêmea que foi filmada carregando o seu filhote nas costas, esses animais têm o comportamento solitário, exceto em períodos de acasalamento

ou quando a fêmea está com seu filhote, podendo carregá-lo até os seis meses de idade (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014)

O tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*) é o único lagomorfo nativo do Brasil, ocorre em quase todo o território nacional, ocupa ambientes que variam de mata até campos. Nas cidades, pode se esconder em edificações humanas, e são caçados para alimentação ou por consumirem frutas e verduras em lavouras (CORDEIRO-ESTRELA, 2023, REIS et al., 2006). Estudos determinaram que o tapiti utiliza com mais intensidade áreas nativas rodeadas por pastos, o que pode estar associado à maior disponibilidade de recursos, entre eles, as gramíneas exóticas invasoras (CARVALHO, 2022).

A lebre-europeia (*Lepus europaeus*) é uma espécie exótica, de origem na Europa e Ásia, e apresenta grande capacidade adaptativa, habita de florestas a campo abertos. Pode causar prejuízo às lavouras por se alimentar de culturas de feijão, soja, milho e plântulas de *Pinus* (REIS et al., 2006). Apesar da maior facilidade de sua expansão decorrente da heterogeneização dos territórios gerados pela ação antrópica, há segregação espacial em relação à espécie nativa *Sylvilagus brasiliensis* pois esta tem preferência por áreas de florestas nativas e distantes das residências rurais (SALVADOR, 2024), enquanto que a lebre-europeia possui ocupação maior nas proximidades das estradas de terra (SALVADOR; CHIARELLO, 2016).

As espécies da mastofauna com maior número de ocorrências é o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) com 73,5% das ocorrências de mamíferos, seguido pela capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) com 2,5% e o sagui-de-tufos-pretos (*Callithrix penicillata*) com 2,2% das ocorrências deste grupo faunístico (Tabela 3).

Tabela 3 – As cinco espécies da mastofauna com maior número de ocorrências de janeiro de 2016 a setembro de 2024.

Nome científico	Nome popular	Número de ocorrências
<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	901
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	31
<i>Callithrix penicillata</i>	Sagui-de-tufos-pretos	27
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro	27
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	21

Fonte: Autoria própria, 2024.

A capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) possui hábito semi-aquático, e se alimenta, principalmente, de gramíneas e vegetação aquática, em corpos d'água, podem nadar e ficar submersas, seu habitat varia de matas-ciliares a savanas inundáveis (REIS et al., 2006). Em áreas antropizadas, adaptam-se à alimentação com milho, cana-de-açúcar, soja, arroz, feijão e

entre outros, e somado ao desaparecimento de seus predadores naturais, pode se proliferar, tornando-se uma espécie-praga em diversas regiões do país, causando danos às plantações agrícolas (FERRAZ; VERDADE, 2001).

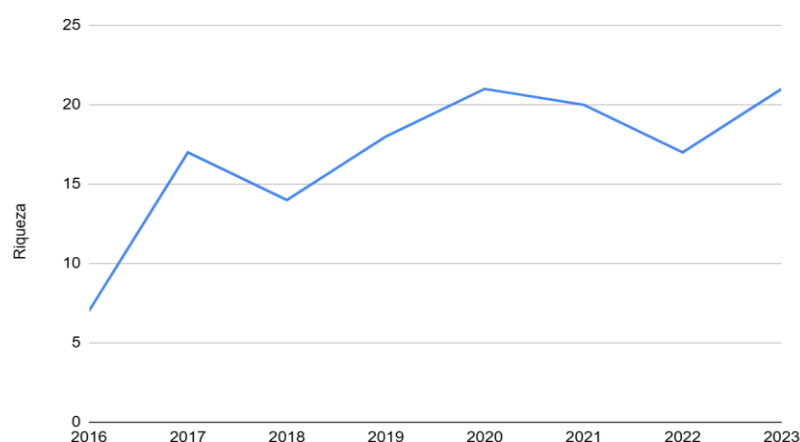
Em outubro de 2022, uma ocorrência envolvendo a espécie *H. hydrochaeris* registrada pela unidade de gestão de fauna e pela Guarda Civil Municipal, chamou a atenção da população e da mídia da cidade (A CIDADE ON, 2022), na qual, um espécime foi filmado correndo pelas principais ruas do centro da cidade, e posteriormente veio a óbito, por atropelamento ou por miopatia de captura causada pelo estresse.

A riqueza da mastofauna (Figura 27) registrada pela gerência de fauna é diretamente proporcional à quantidade de dados obtidos a cada ano, ou seja, é maior nos anos com mais registros de ocorrência. Isso demonstra a importância da obtenção de mais dados e estudos para a análise desses animais nos municípios. Quando comparada com os demais grupos faunísticos, sua riqueza foi maior do que a da herpetofauna, porém menor do que a da avifauna.

Além das espécies comuns de áreas urbanizadas, as planilhas de ocorrências de Araraquara-SP também contêm espécies de habitats mais florestais, como a Irara (*Eira barbara*), apesar de ter a capacidade de utilizar recursos de ambientes antropizados, e ser considerado um onívoro oportunista, a maioria das suas presas é proveniente de áreas de florestas. As principais ameaças a essa espécie são o desmatamento, a caça por retaliação de apicultores e agricultores, queimadas, doenças transmitidas por animais domésticos e atropelamentos (DE ALMEIDA RODRIGUES; PONTES; CAMPOS, 2013, REIS et al., 2006, PRESLEY, 2000).

Apesar das planilhas registrarem apenas duas ocorrências com *E. barbara*, ambas de 2020, quando foram encontrados os espécimes em óbito vítimas de atropelamento em rodovias que cortam a zona rural do município; em 2019, realizando o trabalho de levantamento de fauna, a gestão de fauna conseguiu capturar a imagem de três indivíduos em área de mata, com o uso de armadilhas fotográficas, indicando que é uma população residente e está se reproduzindo no local (G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2019), confirmando assim a relevância do trabalho de gestão de fauna também no monitoramento das áreas não antropizadas e no conhecimento da fauna local.

Figura 27 - Riqueza da mastofauna de 2016 a 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

A abundância da mastofauna (Figura 28) é a maior entre os grupos faunísticos abordados. Essa abundância está diretamente relacionada à quantidade de solicitações de resgate, o que era esperado, visto que há predomínio da espécie *Didelphis albiventris* entre os indivíduos registrados. As espécies mais abundantes da mastofauna, nos registros de ocorrência de fauna municipal, são o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o sagui-de-tufos-pretos (*Callithrix penicillata*), o ouriço-cacheiro (*Coendou prehensilis*) e o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) com respectivamente, 1502, 51, 36, 28 e 21 indivíduos.

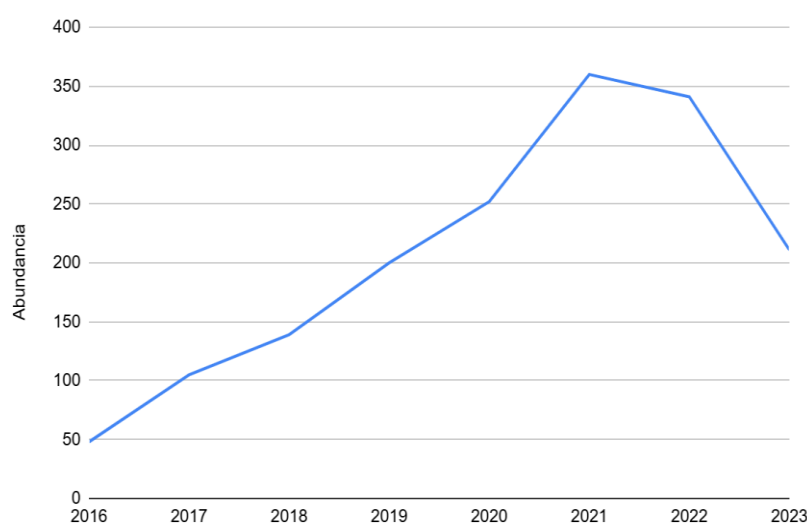
Duas espécies de saguis estão presentes nos dados analisados, o sagui-de-tufos-pretos (*Callithrix penicillata*) e o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o primeiro em 27 ocorrências e envolvendo 36 indivíduos, o segundo em 4 ocorrências com 4 indivíduos. A espécie *Callithrix penicillata* tem sua distribuição natural no cerrado do centro-leste do país, enquanto que a segunda espécie, possui distribuição natural na caatinga e cerrado da região nordeste (REIS et al., 2006), sendo esta, exótica na região do município de Araraquara-SP.

Os saguis habitam várias fisionomias florestais e podem ocupar áreas perturbadas e fragmentadas devido à sua plasticidade alimentar, porém implicam em riscos para a conservação da fauna quando inadvertidamente introduzidos, não havendo predadores e parasitos no ambiente ocupado, assumindo o papel de consumidores de topo de cadeia, competindo por recursos com outras espécies, afugentando e predando aves e ovos, e até gerando animais híbridos (*Callithrix jacchus penicillata*) (REIS et al., 2006, SILVA, 2014, TRAAD; WECKERLIN, 2012).

De hábito arborícola e cada vez mais comuns em áreas urbanas (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014), os ouriços estão inclusos na fauna local, duas espécies foram descritas, o ouriço-cacheiro da espécie *Coendou prehensilis* presente em 27 ocorrência e da espécie

Coendou spinosus em 10 registros, envolvendo um indivíduo em cada relato. O *C. prehensilis* habita os estados das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, enquanto que o *C. spinosus* é encontrado no Sudeste e Sul do Brasil (BONVICINO; OLIVEIRA; D'ANDREA, 2008). Os registros desses animais constam de sua passagem por casas e árvores, porém o contato conflituoso também foi relatado, como atropelamentos, eletrocussões, ataque por cães ou “atacando” cães.

Figura 28 - Abundância da mastofauna de 2016 a 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

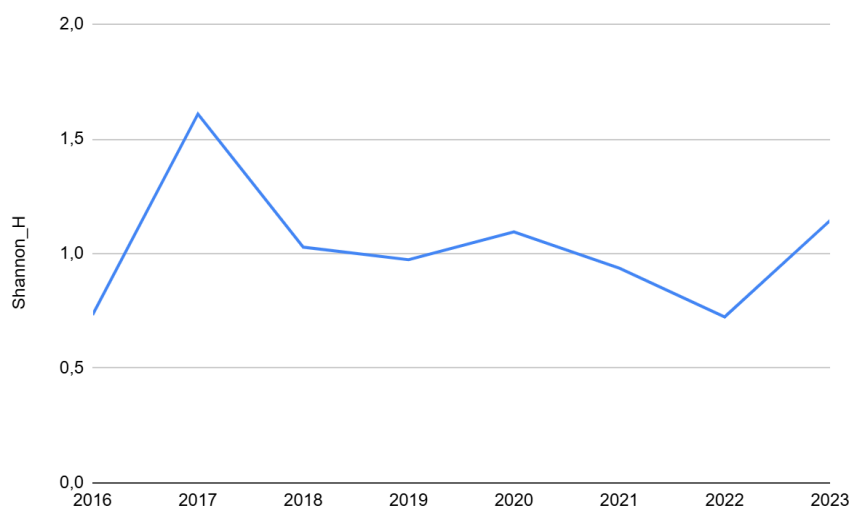
O cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) habita os biomas cerrado, caatinga, mata atlântica, pantanal, campos sulinos, utiliza bordas de matas e áreas antropizadas, classificado como onívoro, generalista e oportunista, é ameaçado pela perda de habitats devido à expansão agrícola, caça e atropelamentos (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014, REIS et. al, 2006). Em Araraquara, os registros dessa espécie aconteceram em todos os anos analisados, sendo muitas vezes relatados como vítimas de atropelamento.

O Índice de Diversidade de Shannon-Wiener para a mastofauna (Figura 29) registrado é baixo, sendo o menor valor entre os grupos faunísticos analisados, apesar disso, espécies importantes para a preservação foram listadas no município. No Brasil, são reconhecidas 778 espécies de mamíferos, organizadas em 11 ordens e 49 famílias, sendo as ordens Rodentia, Chiroptera e Primates mais diversas (ABREU et al., 2023). Nos dados avaliados, a ordem Carnívora é a mais diversa com 5 famílias contendo 14 espécies. Seguida pela ordem Rodentia com 4 famílias e 6 espécies.

A ordem Carnívora é representada por felídeos, canídeos, mustelídeos, procionídeos e mefílídeos. A diversidade de mamíferos local também abrange cervos (*Subulo gouazoubira*),

tatus (*Dasypus novemcinctus* e *Euphractus sexcinctus*), cuícas (*Caluromys philander*, *Gracilinanus agilis* e *Gracilinanus microtarsus*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), morcegos (*Artibeus lituratus*, *Platyrrhinus lineatus*, *Eumops auripendulus*, *Eumops perotis*, *Molossus molossus* e *Molossus rufus*), entre outras espécies.

Figura 29 - Índice de Shannon-Wiener da mastofauna de 2016 a 2023.

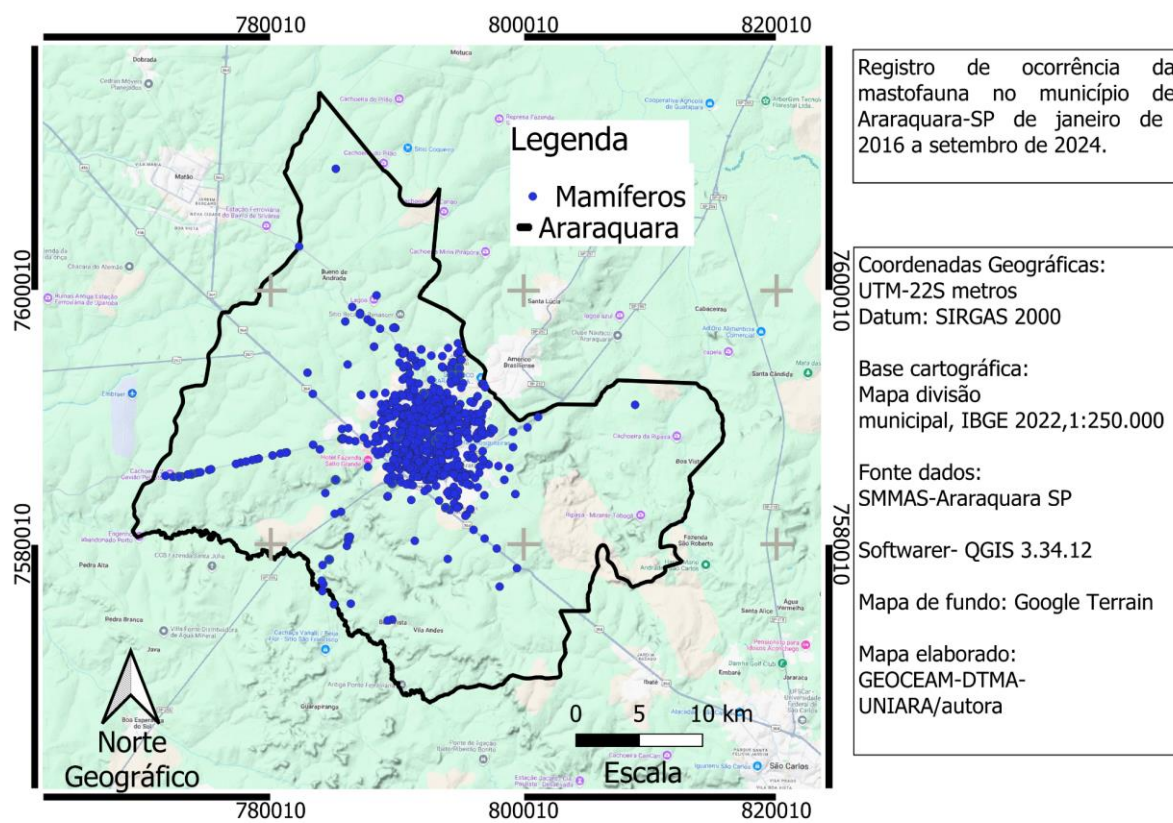


Fonte: Autoria própria, 2024.

Mamíferos urbanos passam por adaptações, como produção de ninhadas maiores, e algumas mudanças comportamentais podem ser observadas entre elas, a alteração no período de atividades como aumento nas atividades noturnas, estratégias de prevenção de predação e plasticidade alimentar, entretanto, características como tamanho corporal, plasticidade comportamental e dieta mais generalistas não são adaptações relevantes para todas as espécies (LIN, 2024, SANTINI, 2019).

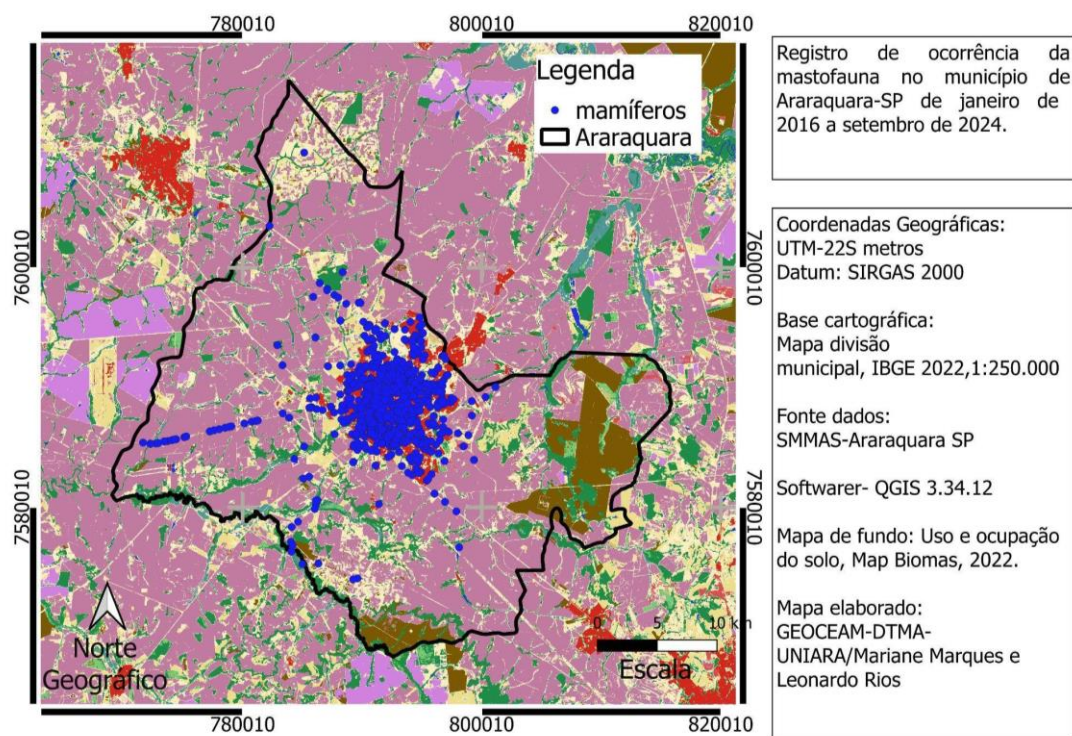
Os espécimes de mamíferos foram encontrados com maior frequência na área urbanizada (Figuras 30 e 31), com concentração na região do Fórum de Araraquara, na região da Praça da Fonte Luminosa e no bairro Vila Harmonia (Figura 32), principalmente devido às ocorrências com gambás-de-orelha-branca. Outra área relevante é a região do Centro, especialmente, o Parque Infantil quanto à presença dos gambás. Pontos importantes referentes aos mamíferos estão ao longo da Estrada Municipal Gavião Peixoto, com registro das espécies: capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*); tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*); tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*); mão-pelada (*Procyon cancrivorus*); furão-pequeno (*Galictis cuja*); cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) e veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*). O levantamento de animais atropelados na BR482, entre os municípios de Conselheiro Lafaiete-MG e Viçosa-MG, verificou que os mamíferos são a maioria dos animais vítimas de atropelamento, seguidos pelas aves, anfíbios e répteis (SÁSSI, et al., 2013).

Figura 30 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da mastofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



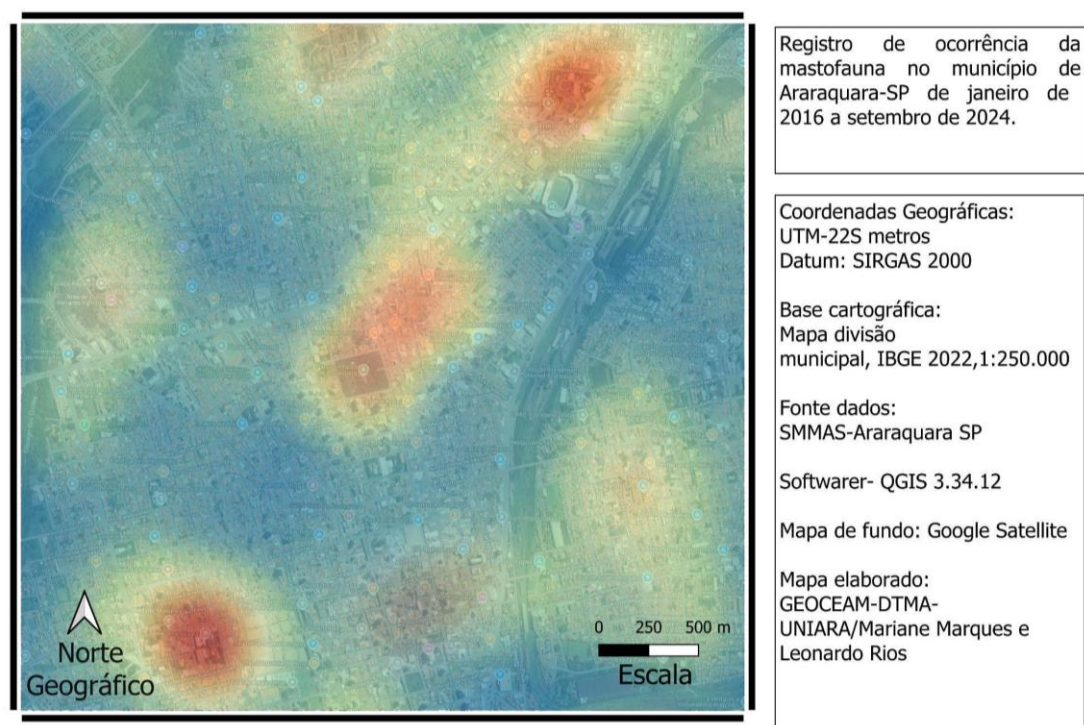
Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 31 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da mastofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024, em relação ao uso e ocupação do solo.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 32 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da mastofauna listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.

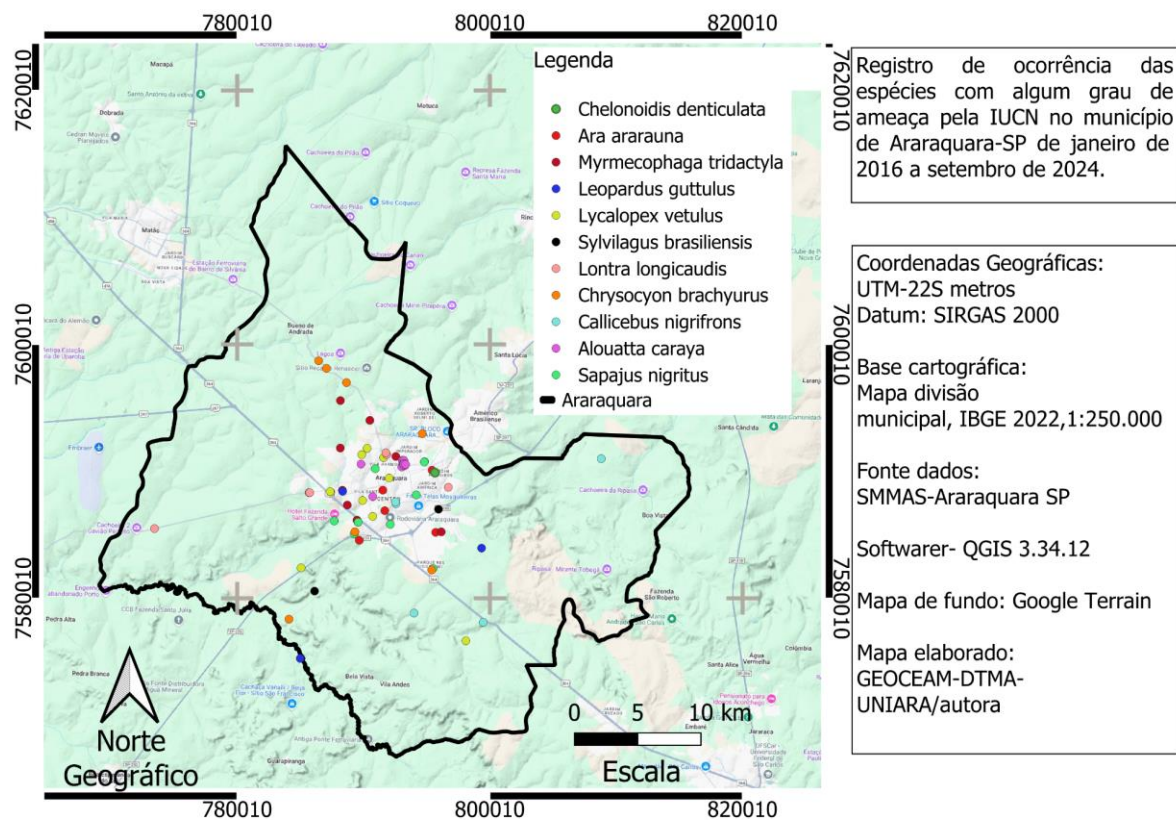


Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024..

O georreferenciamento de espécies classificadas pela IUCN com algum grau de ameaça (Figuras 33) mostra a distribuição destas no perímetro urbano, nas regiões peri-urbanas, nas rodovias e na área não urbanizada. É possível observar a presença do lobo-guará

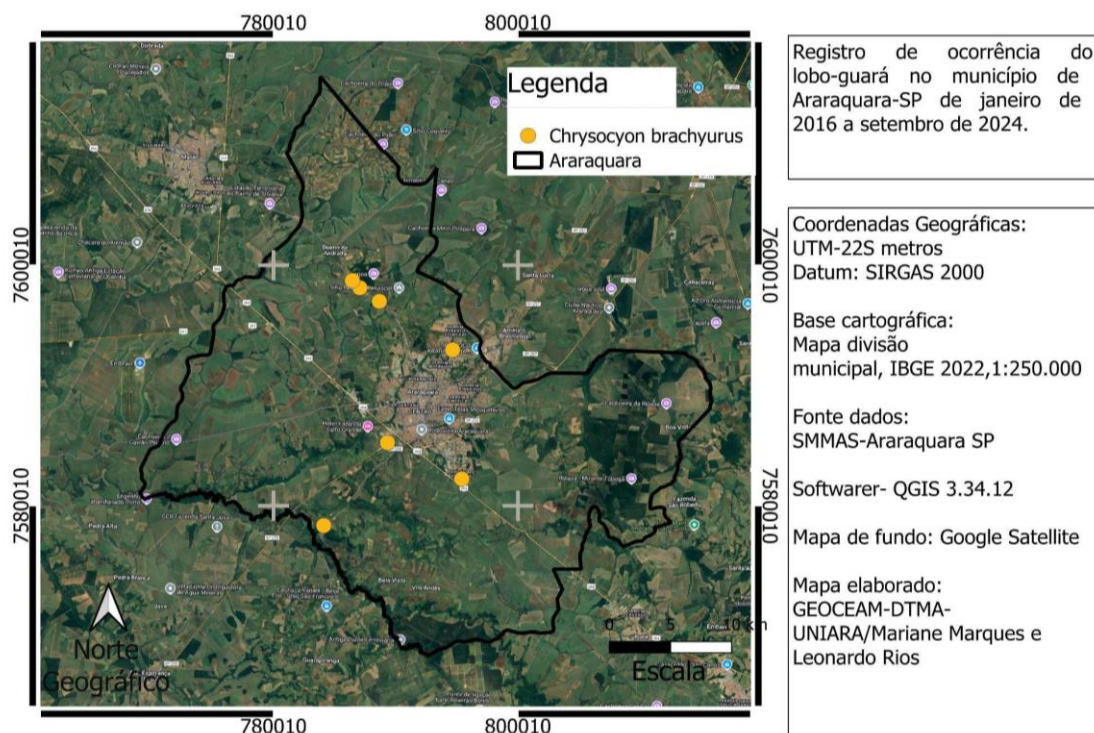
(*Chrysocyon brachyurus*) nas rodovias, ou proximidades, principalmente na Via Clito Bastia que liga o município de Araraquara ao distrito de Bueno de Andrada (Figura 34). O bugio-preto (*Alouatta caraya*) mostra uma concentração de ocorrência na mata ciliar do Córrego do Marivan, nos registros constam que os munícipes da área alimentam esses animais e a equipe de gestão de fauna atuou no monitoramento da área e dos animais e na educação ambiental dos munícipes (Figura 35). A lontra (*Lontra longicaudis*) possui dois registros nas proximidades da mata ciliar do Córrego das Cruzes, no bairro Portal das Laranjeiras (Figura 36).

Figura 33 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência das espécies que apresentam algum grau de ameaça pela IUCN listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



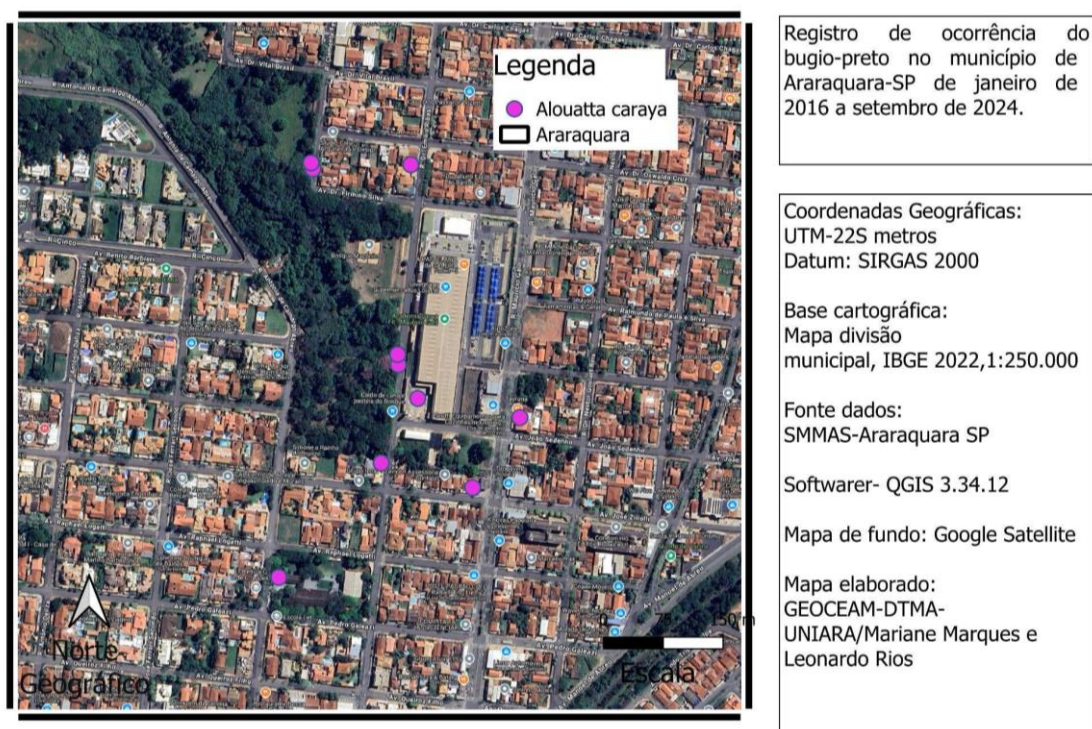
Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 34 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



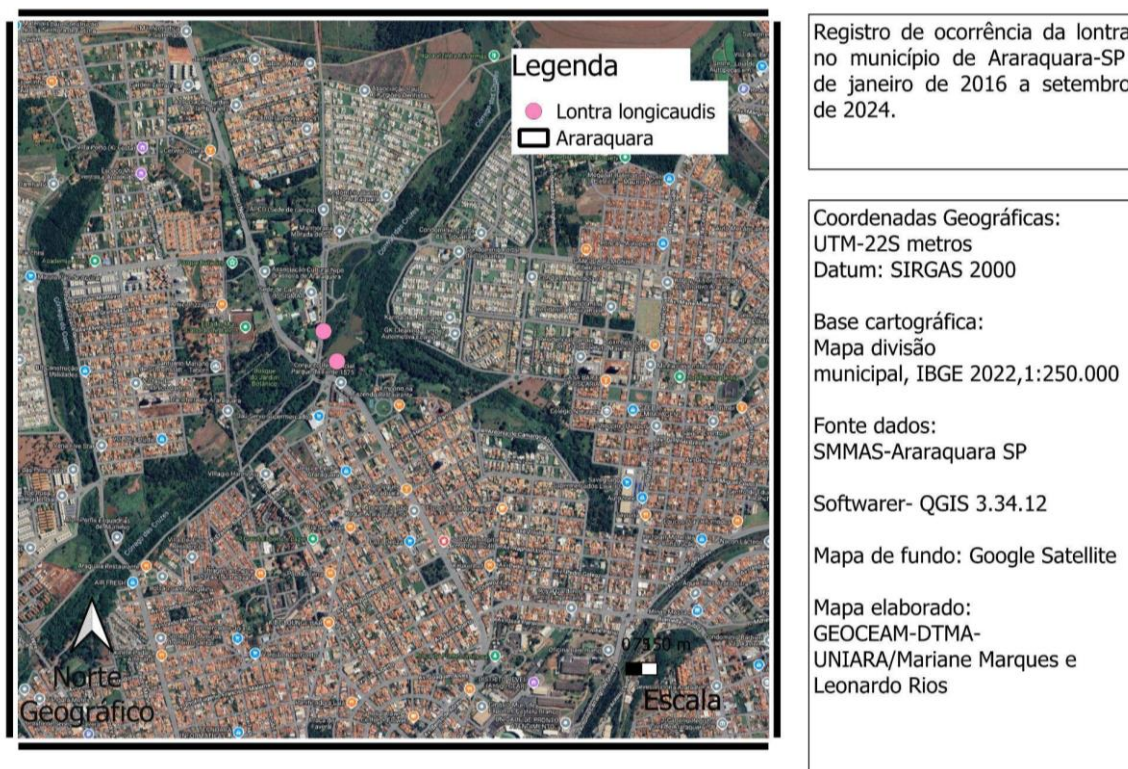
Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 35 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência do bugio-preto (*Alouatta caraya*) listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024.

Figura 36 - Mapa do município de Araraquara-SP com os registros de ocorrência da lontra (*Lontra longicaudis*) listada pela gestão de fauna de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2024..

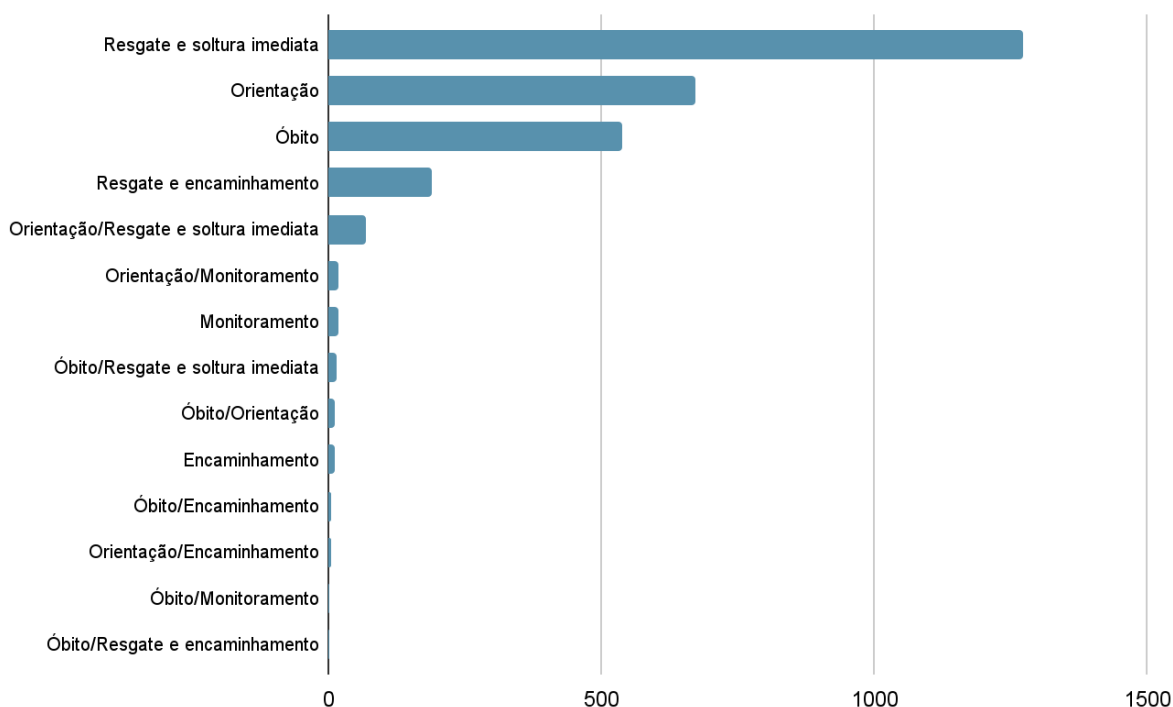
O estudo dos dados da planilha de ocorrência de animal selvagem no município de Araraquara-SP, associada às análises de biodiversidade, da descrição do contato fauna-humano, da biologia da espécie e efeitos da urbanização para os animais selvagens, mostram a importância da existência da gestão de fauna em nível municipal, tanto para a preservação da fauna local, quanto para a mitigação de conflitos.

As atividades da gestão de fauna municipal de Araraquara-SP, incluem, a produção do inventário de fauna local, educação ambiental por meio de orientações aos munícipes e construção de materiais informativos, monitoramento da fauna selvagem, e resgate de fauna para planejamento urbano e mitigação de conflitos, além de colaborar com outras entidades de conservação de fauna selvagem.

Conforme a Figura 37, o resultado padrão mais frequente é o “Resgate e soltura imediata” com 44,9% das ocorrências, seguido pela “Orientação” com 23,7%. “Óbito” 18,9 % e “Resgate e encaminhamento” com 6,7%. Comparando esses dados, é possível afirmar que muitos desses animais estão saudáveis, que estão de passagem ou se abrindo nas residências, e o resgate é realizado prioritariamente pelo incômodo causado pelos animais aos munícipes, enquanto que o número de resgates que buscam ajudar os animais feridos ou filhotes órfãos é menor. Comparando aos animais enviados ao CETAS do Distrito Federal, os animais que

necessitaram de encaminhamento para tratamento veterinário corresponderam a cerca de 13,5% (CUNHA et al., 2022).

Figura 37 - Resultado-padrão das ocorrências de janeiro de 2016 a setembro de 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

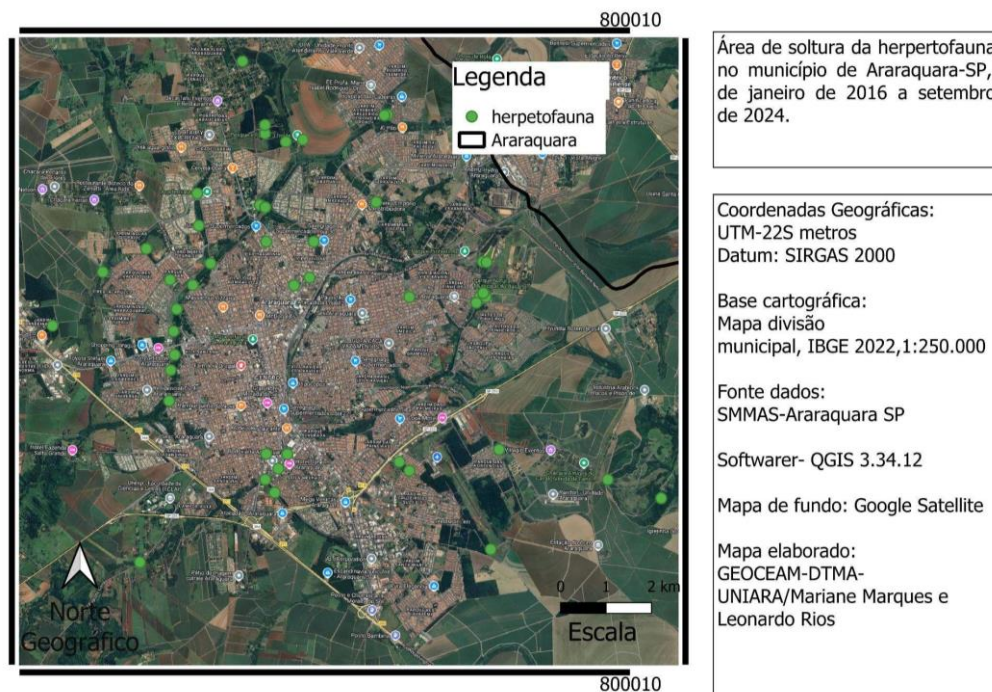
Nos municípios, o serviço público de resgate de fauna geralmente é realizado pelo Corpo de Bombeiros (CAVALCANTE; DA SILVA BRAZ, 2022; MACÁRIO, 2023) ou pela Guarda Civil Municipal, não existindo um setor público especializado na captura desses animais e integrados aos centros de atendimento de fauna selvagem (BRANCO, 2015) em muitos municípios.

A palavra “soltura” é um termo genérico usado para designar a recolocação do indivíduo, que consiste na devolução na mesma localidade de origem, em um pequeno intervalo de tempo (BRANCO, 2015), sendo que a recolocação dos espécimes resgatados é, preferencialmente, realizada dentro da mesma microbacia da captura, porém em áreas de vegetação. A área de soltura deve ser uma área de ocorrência da espécie e o espécime deve estar sadio e com sua anatomia e fisiologia recuperadas (BRANCO, 2015).

O georreferenciamento dos locais de recolocação da herpetofauna (Figura 38) revela áreas frequentemente utilizadas para essa ação, como o Horto Florestal e na mata ciliar do Córrego das Cruzes. A soltura da avifauna (Figura 39) é mais dispersa dentro da área do município, entretanto, alguns pontos podem ser destacados como a região da Fonte Luminosa,

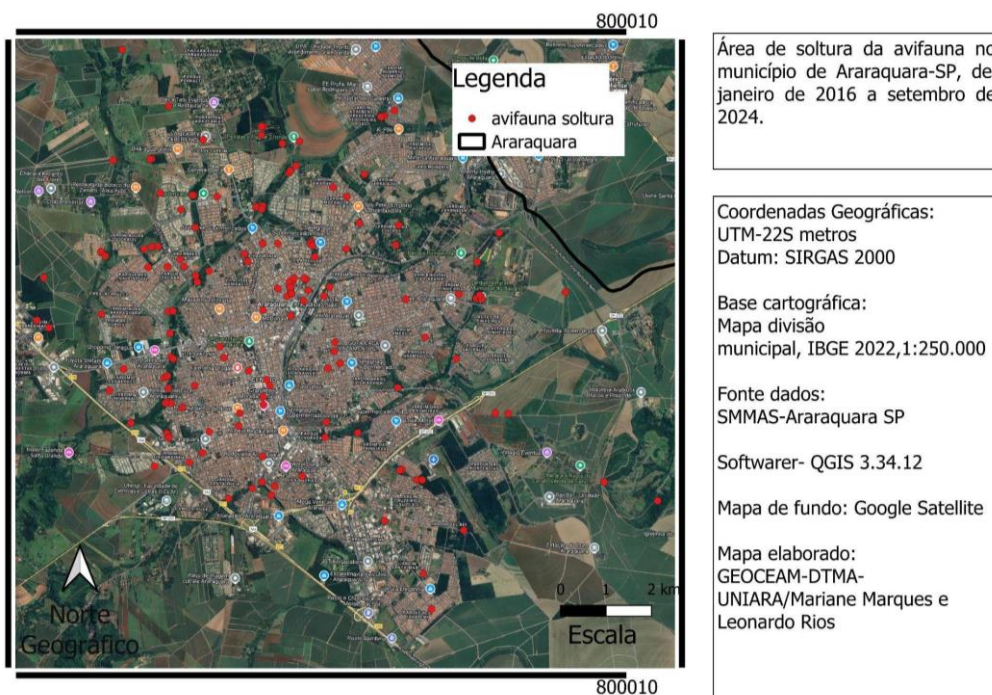
da mata ciliar do Córrego das Cruzes, Horto Florestal, Parque Natural Municipal do Basalto e outras áreas de mata de outros córregos da cidade.

Figura 38 - Mapa com os pontos de soltura da herpetofauna de janeiro de 2018 a setembro de 2024.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2025.

Figura 39 - Mapa com os pontos de soltura da avifauna de janeiro de 2018 a setembro de 2024.

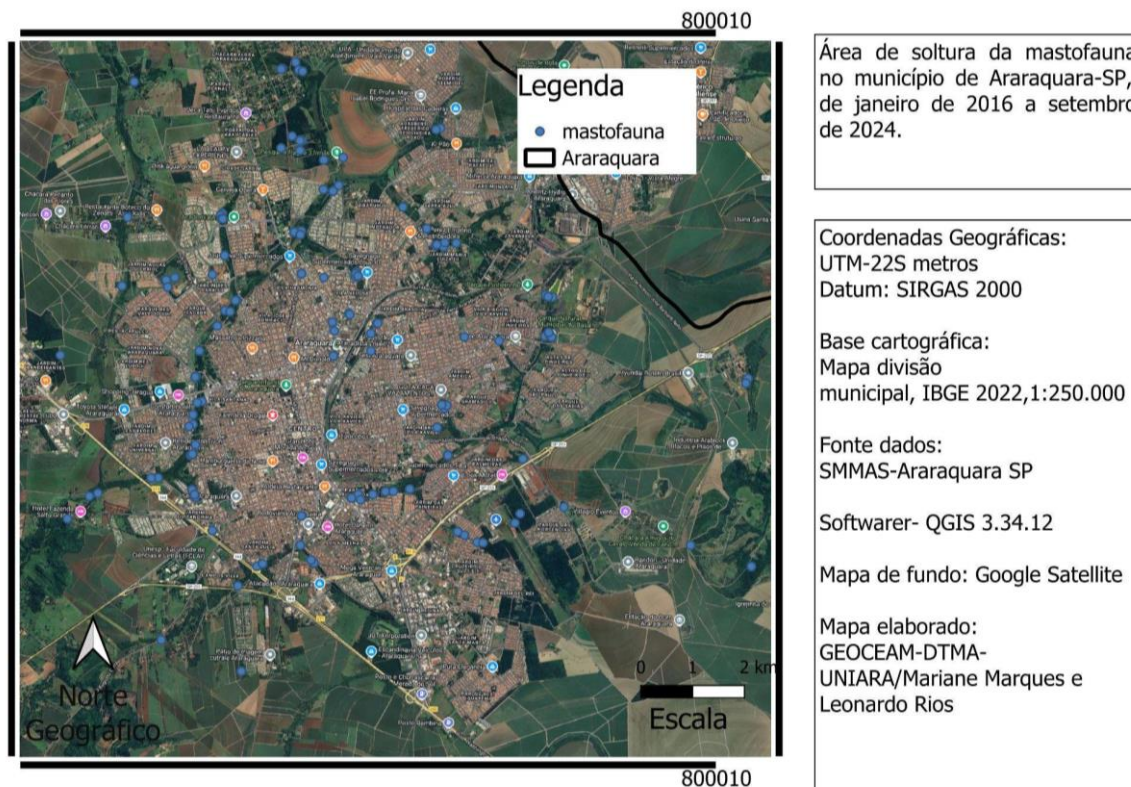


Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2025.

A mastofauna foi recolocada (Figura 40) em áreas como a mata ciliar do Córrego das Cruzes, Parque Natural, Municipal do Basalto, Horto Florestal, áreas de mata de córregos

como o do Marivan, do Paiva e do Lageado. É importante ressaltar que a escolha do local de recolocação deve levar em consideração a biologia de cada espécie.

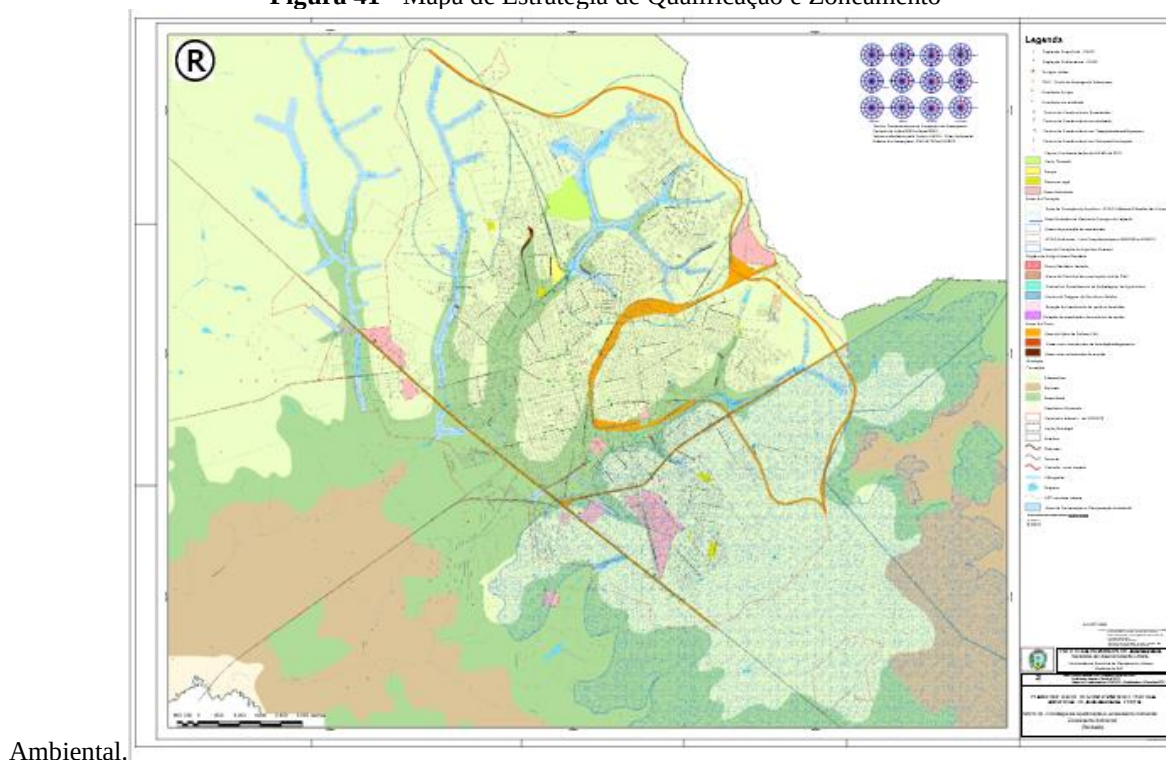
Figura 40 - Mapa com os pontos de soltura da mastofauna de janeiro de 2018 a setembro de 2024.



Fonte: Mariane Marques e Leonardo Rios, 2025.

As principais áreas de recolocação dos espécimes são retratadas no mapa de Estratégia de Qualificação e Zoneamento Ambiental do Plano Diretor de 2014 (Figura 41), com o Horto Florestal, as matas que acompanham os córregos, que são classificadas como áreas de preservação permanente (APP) e o Parque Natural Municipal do Basalto, que está identificado apenas como parque, porém trata-se de uma Unidade de Conservação Integral. Assim, essas áreas de vegetação dentro da área urbanizada são relevantes para a preservação ambiental e podem servir de refúgio para a fauna resgatada.

O alto número de orientações, corroboram com a importância da educação ambiental acerca da fauna selvagem presente nas áreas urbanas, e ressaltam a importância dessa ação pela unidade de gestão de fauna, que é realizada via telefone, pessoalmente ou por meio de materiais informativos. A taxa de óbitos exemplifica o contato conflituoso desses animais com a urbanização, pois a maior parte dos registros de óbitos são resultantes de atropelamentos, outras alterações da urbanização somam-se às causas de mortes, como eletrocussão, ataques de cães ou agressões humanas dentro do município.

Figura 41 - Mapa de Estratégia de Qualificação e Zoneamento

Ambiental.

Fonte: Araraquara, 2014.

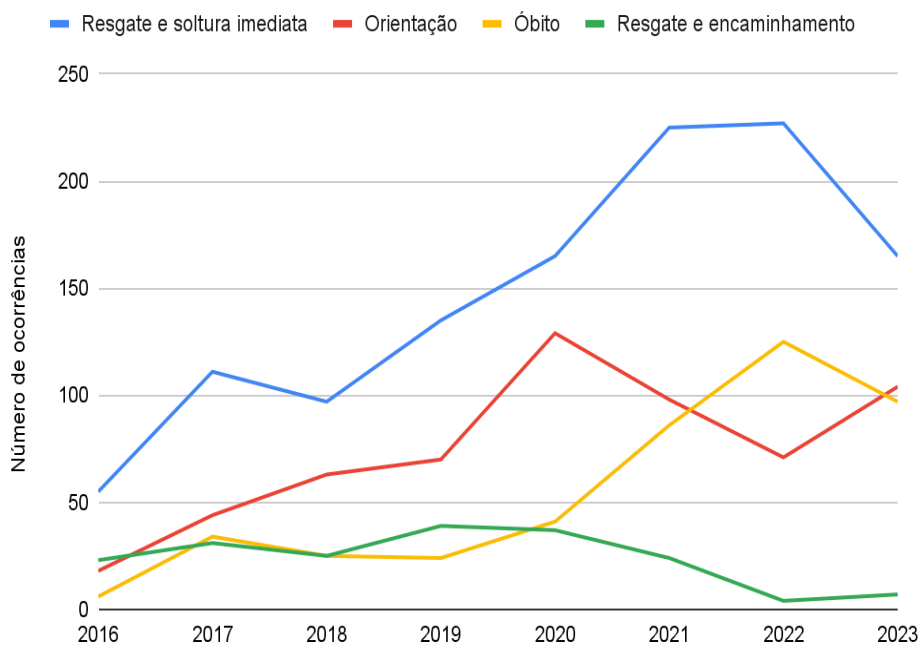
No município de São Paulo-SP, o número de óbito dos animais selvagens correspondem a 33,83% dos casos e 50,84% à soltura, entretanto, é válido ressaltar que essa unidade de gestão de fauna municipal conta com serviço público médico veterinário integrado à gestão de fauna para atendimento dos animais feridos, essa unidade de gestão se desenvolveu a partir do projeto apresentado em 1989, que culminou com a criação da Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Biologia da fauna (DEPAV-3) em 1993 (BRANCO, 2008).

Um resultado-padrão que deve ser destacado é o óbito e encaminhamento quando este está relacionado a espécies que participam do ciclo de zoonoses, como por exemplo, primatas que fazem parte do ciclo da febre amarela, a unidade de gestão encaminha a ocorrência para o Centro de Controle de Vetores para que sejam feitas as análises, contribuindo assim para a saúde pública local (BRANCO, 2015).

A Figura 42, apresenta o aumento das solicitações para resgate de animais sadios de 2016 a 2020, com uma estabilização em 2021 e 2022 e declínio em 2023, o número de óbitos aumentou, principalmente a partir de 2021, os resgates de animais doentes ou órfãos e nas orientações reduziu a partir de 2021. No ano de 2021, dois fatos podem justificar esse marco das alterações dos resultados-padrão, a passagem da responsabilidade da gestão de fauna do

DAAE para a Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade, com a geração de mudança nos protocolos de ação dos gestores de fauna, ou ainda, alterações no comportamento social impostas pela pandemia do COVID-19.

Figura 42 - Resultados-padrão resgate e soltura imediata, orientação, óbito e resgate e encaminhamento das ocorrências de 2016 a 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

No ano de 2016, os dados eram registrados pela Gerência de Proteção à Fauna da Secretaria do Meio Ambiente, o número de ocorrências desse ano é o menor em comparação com os demais anos, isso provavelmente deve-se ao pouco conhecimento da população sobre a disponibilidade dos serviços oferecidos pela unidade. No período de 2017 a 2020, cuja gestão estava sob responsabilidade da Unidade de Gestão de Fauna do DAAE, as solicitações envolvendo resgate e soltura imediata e orientação apresentaram crescimento dentro do período, enquanto que o resgate e encaminhamento e óbitos permaneceram praticamente constantes.

De 2021 a 2023, a gestão realizada pela Gerência de Áreas de Proteção Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade, exibe uma redução nos casos de resgate e encaminhamento, uma variação no número de orientações no período, aumento e variação nos resgates e soltura imediata e aumento no número de óbitos; o aumento no número de óbitos deve-se à maior coleta intencional de dados relacionados ao atropelamento de columbídeos para fins científicos. Portanto, é possível afirmar que as ações nas ocorrências variam

conforme as diretrizes da gestão política associada e outros fatores, como envolvimento da população.

7 CONCLUSÃO

Nos registros de ocorrência de fauna selvagem do município de Araraquara-SP, os registros do gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) são abundantes. Espécies exóticas e ameaçadas de extinção também habitam o município. A mastofauna é o grupo faunístico mais abundante, entretanto, a avifauna possui maior riqueza.

A gestão de fauna municipal de Araraquara-SP tem desempenhado um papel importante para a catalogação das ocorrências com fauna. Dentre as solicitações de resgate de fauna, o resgate de animais saudáveis e soltura imediata, são maioria, seguida pelas orientações e registros de óbitos.

O georreferenciamento mostra que o Parque Natural Municipal do Basalto é uma área importante para a herpetofauna, enquanto que, a avifauna está associada às áreas urbanas mais arborizadas e a mastofauna, influenciada pela espécie *D. albiventris*, apresenta maior concentração próximo às áreas como praças e parques, para as espécies ameaçadas de extinção, há preferência por área de matas, como matas ciliares, e o número de registros desse grupo em rodovias também se destaca. Em caso de resgate e recolocação da fauna, as áreas de preservação dentro do município são imprescindíveis.

Conhecer a fauna local é fundamental para o planejamento urbano e desenvolvimento de políticas públicas envolvendo ações de mitigação de conflitos que possam ser gerados pela coexistência humano-fauna.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, C. R. **Estratégias para o manejo do teiú (*Salvator merianae* Duméril & Bibron, 1839), um lagarto invasor no arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil.** 2019. 124 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ABREU, E. F., CASALI, D., COSTA-ARAÚJO, R., GARBINO, G. S. T., LIBARDI, G. S., LORETTO, D., LOSS, A. C., MARMONTEL, M., MORAS, L. M., NASCIMENTO, M. C., OLIVEIRA, M. L., PAVAN, S. E.; TIRELLI, F. P. **Lista de Mamíferos do Brasil (2023-1).** Zenodo. Disponível em: < <https://zenodo.org/records/10428436> > Acesso em: 20 nov. 2024

ALEXANDRE, D. H. R. **Associação entre pardais (*Passer domesticus*) e variáveis urbanas no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.** 2021. 16f. Trabalho de conclusão de curso (ciências biológicas). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 16p. 2021.

ARARAQUARA. **Lei Complementar n. 14**, de 27 de novembro de 1996. Institui o Código de Arborização Urbana Pública do Município de Araraquara, e dá outras providências. Disponível em < <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisComplementares/14> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei Complementar n. 350**, de 27 de dezembro de 2005. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento e Política Urbana e Ambiental de Araraquara e dá outras providências. Disponível em: < <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisComplementares/350#:~:text=Institui%20o%20Plano%20Diretor%20de,Araraquara%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs&text=Art.,%2F01%2DEstatuto%20da%20Cidade> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei Complementar n. 850**, de 11 de fevereiro de 2014. Estabelece a Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento e Política Ambiental de Araraquara - PDPUA, revoga a Lei Complementar nº 350/05 e alterações e institui o Plano Diretor de Desenvolvimento e Política Ambiental de Araraquara - PDDPA, conforme estabelece o § 3º do art. 40 do Estatuto da Cidade. Disponível em: < <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisComplementares/850> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei n. 10.108**, de 7 de janeiro de 2021. Altera a Lei nº 9.797, de 22 de novembro de 2019, de forma a adequar a estrutura administrativa e hierárquica do Departamento Autônomo de Água e Esgotos de Araraquara, e dá outras providências. Disponível em < <https://legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/10108> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei n. 10.110**, de 7 de janeiro de 2021. Dispõe, no âmbito do Município de Araraquara, sobre a organização das estruturas administrativa e hierárquica do Poder Executivo Municipal e dá outras providências. Disponível em < <https://legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/10110> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei n. 10.312**, de 15 de setembro de 2021. Institui e inclui no Calendário Oficial de Eventos do Município de Araraquara o dia do Protetor de Animais, a ser comemorada anualmente no dia 17 de janeiro e a Semana de Proteção Animal e dá outras providências. Disponível em < <https://legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/10312> >. Acesso em: 07 mai. 2023.

ARARAQUARA. **Lei n. 4.564**, de 24 de outubro de 1995. Dispõe sobre o desenvolvimento de ações que objetivam o controle das populações animais, a prevenção e o controle das zoonoses no município e dá outras providências. Disponível em < <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/a/araraquara/lei-ordinaria/1995/456/4564/lei-ordinaria-n-4564-1995-dispoe-sobre-o-desenvolvimento-de-aco-es-que-objetivam-o-controle-das-populacoes-animais-a-prevencao-e-o-controle-das-zoonoses-no-municipio-e-da-outras-providencias?r=p> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei n. 6.574**, de 11 de junho de 2007. Institui a Semana Municipal do Meio Ambiente, a ser comemorada anualmente na primeira semana do mês de junho; cria o Prêmio Professor “Waldemar Saffiotti” de Humanidade, Tecnologia e Natureza e dá outras providências. Disponível em < <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/6574> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei n. 7.023**, de 15 de junho de 2019. Dispõe sobre a criação do programa de educação ambiental da rede municipal de ensino de Araraquara. Disponível em < <https://leismunicipais.com.br/a/sp/a/araraquara/lei-ordinaria/2009/703/7023/lei-ordinaria-n-7023-2009-dispoe-sobre-a-criacao-do-programa-de-educacao-ambiental-da-rede-municipal-de-ensino-de-araraquara> >. Acesso em: 07 fev. 2023. 10.1126/science.1251817. 2014.

ARARAQUARA. **Lei n. 7.929**, de 29 de abril de 2013. Dispõe sobre a criação do fundo municipal de Proteção à fauna e dá outras providências. Disponível em <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/a/araraquara/lei-ordinaria/2013/792/7929/lei-ordinaria-n-7929-2013-dispoe-sobre-a-criacao-do-fundo-municipal-de-protecao-a-fauna-e-da-outras-providencias> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei n. 8.868**, de 6 de janeiro de 2007. Dispõe sobre a Estrutura Administrativa do Departamento Autônomo de Água e Esgotos de Araraquara - DAAE, e dá outras providências. Disponível em <<http://consulta.camara-arq.sp.gov.br/arquivo?Id=155123>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. **Lei Orgânica do Município de Araraquara/SP**. 1990. Disponível em < <http://consulta.camara-arq.sp.gov.br/arquivo?Id=201765> >. Acesso em: 07 fev. 2023.

ARARAQUARA. Prefeitura Municipal de Araraquara. **Histórico de Araraquara**. Disponível em: <<https://www.araraquara.sp.gov.br/nossamorada/conteudo-nossamorada/numeros-e-dados>>. Acesso em: 01 fev 2023a.

ARARAQUARA. Prefeitura Municipal de Araraquara. **Lista de espécies da fauna de Araraquara 2023**. Disponível em: < https://ecrie.com.br/sistema/conteudos/arquivo/a_138_0_1_22052023161920.pdf >. Acesso em: 24 set 2023c.

ARARAQUARA. Prefeitura Municipal de Araraquara. **Números e dados**. Disponível em: <<https://www.araraquara.sp.gov.br/nossamorada/conteudo-nossamorada/numeros-e-dados>>. Acesso em: 01 de fev 2023b.

ARARAQUARA. Prefeitura Municipal de Araraquara. **Parque Natural Municipal do Basalto**. Disponível em: <<https://araraquara.sp.gov.br/governo/secretarias/meio-ambiente-e-sustentabilidade/parque-do-basalto>>. Acesso em: 27 nov 2024

ARAÚJO NETO, L.; HANAI, F.Y.; NASCIMENTO, R.C.M.; ROSSO PINTO, M.J. **Atlas das Bacias Hidrográficas do Município de Araraquara-SP**. Araraquara-SP: PMA. São Carlos: UFSCar. 2023. Disponível em: <https://ecrie.com.br/sistema/conteudos/arquivo/a_138_0_1_21032023112817.pdf>. Acesso em: 20 de set 2023c.

BAGER, A.; DA SILVA LUCAS, P.; BOURSCHEIT, A., MAIA, B. Os caminhos da conservação da biodiversidade brasileira frente aos impactos da infraestrutura viária. **Biodiversidade Brasileira**, v. 6, n. 1, p. 75-86, 2016.

BARBOSA, J. H.; SCHLINDWEIN, M. N. Diagnóstico da fauna silvestre do município de Araraquara, São Paulo, Brasil. In: **ANAIS VII Workshop do PPGCFau**. 2019

BARBOSA, J. H. **Diagnóstico da fauna (aves, répteis, anfíbios e mamíferos) do município de Araraquara, São Paulo, Brasil, como subsídio para conservação eo manejo da diversidade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos. 2020.

BOCHNER, R.; STRUCHINER, C. J. Epidemiologia dos acidentes ofídicos nos últimos 100 anos no Brasil: uma revisão. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 07-16, 2003.

BONVICINO, C. R.; OLIVEIRA, J. A.; D'ANDREA, P. S. Guia dos roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos, Centro Pan-Americano de Febre Aftosa-Pan-American Health Organization. **World Health Organization: Rio de Janeiro, Brazil**, v. 120, 2008.

BOVENDORP, R.S.; ALVAREZ, A.D.; GIALETTI, M. Density of the tegu lizard (*Tupinambis merianae*) and its role as nest predator at Anchieta Island, Brazil. **Neotropical Biology and Conservation**, 2008.

BRANCO, A. M. **Modelo de gestão da fauna silvestre nativa vitimada para as Secretarias de Saúde, Meio Ambiente e Segurança Urbana**: Prefeitura de São Paulo. 2015. 204 f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

BRANCO, A. M. **Políticas públicas e serviços públicos de gestão e manejo da fauna silvestre nativa resgatada. Estudo de caso: Prefeitura da Cidade de São Paulo**. Dissertação (mestrado). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. De A a Z. **Acidentes por Animais Peçonhentos – Serpentes**. 2019. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/biblioteca/7567-acidentes-por-animais-pe%C3%A7onhentos-serpentes>> Acesso em: 03 fev 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Biodiversidade Brasileira**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade>>. Acesso em: 01 fev 2023.

BRIZOLARI, G. R.; PISANI, R. J. Análise de conflito de uso e cobertura da terra em áreas de preservação permanente no município de Araraquara-SP. **Cerrados**, v. 20, n. 2, p. 283-305, 2022.

Cachorro do Mato é visto em Parque de Araraquara. **A Cidade On Araraquara**. Araraquara, 24 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/Cachorro-do-mato-e-visto-em-parque-de-Araraquara-20210824-0014.html>> Acesso em: 8 fev 2023.

CANTOR, M.; FERREIRA, L. A.; SILVA, W. R.; SETZ, E. Z. F. Potential seed dispersal by *Didelphis albiventris* (Marsupialia, Didelphidae) in highly disturbed environment. **Biota Neotropica**, São Paulo - SP, v. 10, n. 2, p. 45 – 51, abr. 2010.

Capivara é flagrada em rua do Centro de Araraquara. **A Cidade On Araraquara**. Araraquara, 19 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/capivara-e-flagrada-em-rua-do-centro-de-araraquara/>>. Acesso em 20 nov 2024.

CARVALHO, A. C. **Fatores que influenciam o uso do habitat pelo tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*) em uma das maiores províncias minerárias do mundo**. 2022. 44 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Conservação e Manejo da Vida Silvestre. 2022.

CARVALHO, R.R.S.D.L. **Diagnóstico da fauna recebida no Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres de Caldas Novas Goiás, Brasil Central**. 2024. 33f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade e Conservação). Instituto Federal Goiano. Rio Verde, 2024.

CASTRO, E. R.; GALETTI, M. Frugivoria e dispersão de sementes pelo lagarto teiú *Tupinambis merianae* (Reptilia: Teiidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 44, p. 91-97, 2004.

CAVALCANTES, A. E.M.; DA SILVA BRAZ, V. Diagnóstico da fauna silvestre resgatada pelo Corpo de Bombeiros em Anápolis-GO. **CIPEEX**, v. 3, p. 1-5, 2022.

CITRÃO; L.M.G. **Os vazios urbanos na estruturação da cidade de Araraquara**. 2004. 155f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP. 2004.

CLIMATE-DATE. Araraquara- climate. Disponível em: <<https://en.climate-data.org/south-america/>>. Acesso em: 17 jun 2023.

CORDEIRO-ESTRELA, P. Determinação do nome científico do tapiti (Lagomorpha: Leporidae) do Pantanal. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais**, v. 17, n. 3, p. 689-699, 2022.

COUTINHO, M.B. **Introdução de Espécies Exóticas: o caso *Trachemys scripta elegans***. 2002. 24f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas). Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2002.

CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. **Tratado de animais selvagens: medicina veterinária**. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2014.

CUNHA, G. B.; LIMA, F. V. C. R.; SOARES, M. E. D. Q.; HIRANO, L. Q. L. Fauna silvestre recebida pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres e encaminhada para o hospital veterinário da Universidade de Brasília. **Ciência Animal Brasileira**, v. 23, p. e-72818E, 2022.

DE ALMEIDA RODRIGUES, L.; PONTES, A. R. M.; CAMPOS, C. C. R. Avaliação do risco de extinção da irara *Eira barbara* (Linnaeus, 1758) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, v. 3, n. 1, p. 195-202, 2013.

DINIZ, M. H. Defaunação: a atual crise da biodiversidade. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 12, n. 1, 2017.

DIRZO, R.; YOUNG, H.S. GALETTI, M.; CEBALLOS, G., ISAAC, N.J.B.; COLLEN, B.; Defaunation in the Anthropocene. **Science** (New York, N.Y.). 345. 401-6. 2014.

Discussão sobre fauna silvestre encerra 1ª Semana Municipal de Proteção Animal. **Notícias. Câmara Municipal de Araraquara**, Araraquara, 27 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://www.camara-arq.sp.gov.br/noticias/discussao-sobre-fauna-silvestre-encerra-1a-semana-municipal-de-protecao-animal?ver=194>> Acesso em: 3 mai 2024.

Em risco de extinção no estado, gato-do-mato é flagrado na zona rural de Araraquara. **G1 São Carlos e Araraquara**, Araraquara, 6 de agosto de 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/08/06/em-risco-de-extincao-no-estado-gato-do-mato-e-flagrado-na-zona-rural-de-araraquara.ghtml>> Acesso em: 8 fev 2023

FARIAS, I.; JEROZOLIMSKI, A.; MELO, A.; VIANA, M.; MARTINS, M.; MONJELÓ, L. Population genetics of the Amazonian tortoises, *Chelonoidis denticulata* and *C. carbonaria*, (Cryptodira: Testudinidae) in an area of sympatry. **Amphibia-Reptilia**, v. 28, n. 3, p. 357-365, 2007.

FERRAZ, K. P. M. B.; VERDADE, L. M. Ecologia comportamental da capivara: bases biológicas para o manejo da espécie. **Sociedade Brasileira de Zootecnia**, Piracicaba, SP, Brasil, p. 589-595, 2001.

FERREIRA, M. C. **Distribuição geográfica no Brasil e parâmetros reprodutivos de pardais (*Passer domesticus*) nativos e introduzidos**. 2017 79f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FERRONATO, B.O.; MARQUES, T.S.; GUARDIA, I; LONGO, A.L; PINÃ, C.I.; BERTOLUCI, J.; VERDADE, L.M. The turtle *Trachemys scripta elegans* (Testudines, Emydidae) as an invasive species in a polluted stream of southeastern Brazil. **Herpetological Bulletin**. n.109, p-29-34. 2009.

FIGUEIREDO, P. I. C. C. **Verificação da ocorrência de hibridação entre Tartaruga-Tigre-D'Água, *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bibron, 1835) e Tartaruga Americana, *Trachemys Scripta* (Thunberg & Schoepff, 1792) (Testudines, Emydidae).** 2014. 33f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Biociências. Imbé, 2014.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F. B.. Caçar, preparar e comer o ‘bicho do mato’: práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, p. 691-713, 2016.

FRAGA, R.; LIMA, A. P.; PRUDENTE, A.L.C; MAGNUSSON, W. E.. **Guia de cobras da região de Manaus Amazônia Central**. Editora Inpa. 2013.

FRENCH, S. SWEBB; A. C.; HUDSON, S. B.; VIRGIN, E.E. Town and country reptiles: a review of reptilian responses to urbanization. **Integrative and comparative biology**, v. 58, n. 5, p. 948-966, 2018.

FULLER, B. B. **Caracterização espaço-temporal dos recursos hídricos superficiais da sub-bacia do ribeirão do Ouro, Araraquara, SP**, 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Universidade de Araraquara, São Paulo, SP.

GASTON, K.J. **Rarity**. Chapman & Hall, London. 1994. 21p.

GREGO; K.F.; ALBURQUERQUE, L.R.; KOLESNIKOVAS, C.K.M. Squamata (Serpentes). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. **Tratado de animais selvagens: medicina veterinária**. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2014. cap. 12, p. 132-151.

GUIMARÃES, M.B. Columbiformes (pombos, rolinhas e gouras). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. **Tratado de animais selvagens: medicina veterinária**. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2014. cap. 27, p. 537-549.

HAAG-WACKERNAGEL, D. Street pigeons in Base. **Nature**, p.361:200, 1993.

HETMAŃSKI, T.; BOCHEŃSKI, M.; TRYJANOWSKI, P.; SKÓRKA, P. The effect of habitat and number of inhabitants on the population sizes of feral pigeons around towns in northern Poland. **European Journal of Wildlife Research**, v.57, n.3, p.421-428, 2010.

Homem é detido após matar gambá no Parque Infantil em Araraquara. **A Cidade On Araraquara**. Araraquara, 19 de outubro de 2022. Disponível em <<https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/homem-e-detido-apos-matar-gamba-no-parque-infantil-em-araraquara/>> Acesso em 20 nov 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. 2021. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/araraquara.html> > Acesso em: 01 fev 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/araraquara/panorama> > Acesso em: 01 fev 2023.

ICMBIO. **Anfíbios e répteis do Brasil.** Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/ran/anfibios-e-repteis-do-brasil.html#:~:text=De%20acordo%20com%20Costa%20e,292%20lagartos%20e%20430%20serpentes.>>>. Acesso em: 20 nov 2024.

IUCN. **The IUCN Red List of Threatened Species.** Disponível em: <<https://www.iucnredlist.org>> Acesso em: 01 nov 2024.

Jaguatirica é fotografada em Araraquara. **Portal Morada**, Araraquara, 3 de fevereiro de 2020. Disponível em: < <https://portalmorada.com.br/jaguatirica-e-fotografada-em-araraquara/>> Acesso em: 8 fev 2023.

JARED, C.; NAVAS, C.A.; TOLEDO, R. C. An appreciation of the physiology and morphology of the Caecilians (Amphibia: Gymnophiona). **Comparative Biochemistry and Physiology Part A: Molecular & Integrative Physiology**, v. 123, n. 4, p. 313-328, 1999.

JEROZOLIMSKI, A. **Ecologia de populações silvestres dos jabutis *Geochelone denticulata* e *G. carbonaria* (Cryptodira: Testudinidae) no território da aldeia de A'Ukre, TI Kayapó, sul do Pará.** 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

JOFFILY, D. **Soltura monitorada de exemplares do periquitão-maracanã, *Aratinga leucophthalma* (Statius Muller, 1776) apreendidos pelo IBAMA no Estado do Rio de Janeiro e aspectos da alimentação de indivíduos da família Psittacidae.** 2010. 68 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Zootecnia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010.

LEONI, A. M.; REIS, M. G.; DIAS FILHO, M. M. Uma rede de interação alimentar entre psitacídeos e plantas em uma área urbana na cidade de São Carlos–SP, sudeste do Brasil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 83, p. e269353, 2023.

LIN, X. Adaptive Strategies of Mammals to Changing Environments: Insights from Behavioral and Physiological Studies. **International Journal of Molecular Zoology**, v. 14, 2024.

LOPES, J.P.Z. **Urbanização e conflitos com fauna silvestre: ações e percepções da ONG Voluntários da Fauna.** 2022. Monografia. Especialização em Educação Ambiental. Pós-graduação em Educação Ambiental – Universidade Federal de Santa Maria, 2022.

MACÁRIO, L. M. **Resgate de animais silvestres no âmbito do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal.** 2023. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação de Oficiais) - Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Brasília, 2023.

MELO, P. A.; MAQUI, O. N. C. Aspectos epidemiológicos de acidentes ofídicos registrados no estado do Acre, Brasil, entre 2013-2017: um estudo ecológico. **Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 16, p. 174, 2020.

MOSCHINI, L.E. **Diagnóstico e riscos ambientais relacionados à fragmentação de áreas naturais e semi-naturais da paisagem. Estudo de caso: município de Araraquara, SP.** 2005. Dissertação (Mestrado) em Ecologia e Recursos Naturais- Universidade Federal de São Carlos, 2005.

MOTTA, M. C. H. **Percepção dos estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) sobre os gambás-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*)**. 2019. 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas – Ecologia e Biodiversidade) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

NETO, R. M.; VIADANA, A. G. Abordagem biogeográfica sobre a fauna silvestre em áreas antropizadas: o sistema Atibaia-Jaguari em Americana (SP). **Sociedade & Natureza**, v. 18, n. 35, p. 5-21, 2006.

NOVAES, W. G.; ALVAREZ, M. R. D. V. Relação entre resíduo sólido urbano e urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*): um perigo para as aeronaves no Aeroporto de Ilhéus (SBIL). **Revista Conexão SIPAER**, v. 5, n. 1, p. 22-29, 2013.

Nunca registradas em Araraquara, iraras são flagradas por biólogos em imagens inéditas. **G1 São Carlos e Araraquara**, Araraquara, 7 de março de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/03/19/video-nunca-registradas-em-araraquara-iraras-sao-flagradas-por-biologos-em-imagens-ineditas.ghtml>> Acesso em: 8 fev 2023.

OKSANEN, J.; BLANCHET, F.G.; FRIENDLY, M.; KINDT, R.; LEGENDRE, P.; MCGLINN, D.; MINCHIN, P.R.; O'HARA, R.B.; SIMPSON, G.L.; SOLYMOS, P.; STEVENS, M.H.H.; SZOECS, E.; WAGNER, H. **Vegan: Community Ecology Package**. R package versio 2.4-6. 2018.

OLIVEIRA, M. E.; SANTORI, R. T. Predatory behavior of the opossum *Didelphis albiventris* on the pitviper *Bothrops jararaca*. *Studies on Neotropical Fauna and Environment*, v. 34, n. 2, p. 72-75, 1999.

OREN, D. C.; SMITH, N. J. H. O bico-de-lacre (*Estrilda astrild*): um passarinho africano na avifauna de Manaus. **Acta Amazonica**, v. 8, n. 4, p. 699-701, 1978.

PACHECO, J.F., SILVEIRA, L.F. ALEIXO, A., AGNE, C.E., BENCKE, G.A., BRAVO, G.A. et al. 2021. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee - second edition. **Ornithology Research**. v. 29, n. 2, p.94-105. 2021.

PAULA, C.D.; TOLEDO, L.F. Anfíbios (Rã, Sapo e Cobra-cega). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. **Tratado de animais selvagens: medicina veterinária**. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2014. cap. 12, p. 132-151.

PIERINI, C.R.; FALCOSKI, L.A.N. A evolução urbana do município de Araraquara (SP): uma crítica ao espraiamento. **Revista Húmus**, vol. 9, num. 26, 2019.

PRESLEY, S.J. 2000. *Eira Barbara*. **Mammalian Species**, 636: 1-6. 2000.

PRIMACK, R. B.; E. RODRIGUES. 2001. **Biologia da Conservação**. Londrina, Editora Rodrigues, 2001.

QGIS. 2023. **QGIS 3.34.13. 'Prizren'**. Recuperado de <https://www.qgis.org/download/>

R CORE TEAM. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. **Mamíferos do Brasil**. 1 ed. 437p. 2006.

RODRIGUES, B. B.; SILVA, C. C., CASTAGERI, M. C., SANTOS, S. S., NAERDINI, A. A., TORRES, E. M., NETO, L. de A., PEIRÓ, D. F. Fauna sinantrópica no município de Araraquara, São Paulo, 2011 a 2014: Organização/Sistematização das ocorrências. **Revista Brasileira Multidisciplinar-ReBraM**, v. 20, n. 1, p. 20-32, 2017.

SACCHI, R.; GENTILLI, A.; RAZZETTI, E.; BARBIERI, F. Effects of building features on density and flock distribution of feral pigeons *Columba livia* var. *domestica* in an urban environment. **Canadian Journal of Zoology**, v.80, n.1, p.48-54, 2002.

SACCO, A. G.; RUI, A.M.; BERGMANN, F.B.; MULLER, S.C.; HARTZ, S.M. Perda de diversidade taxonômica e funcional de aves em área urbana no sul do Brasil. **Iheringia**. Série Zoologia, v. 105, n. 3, p. 276-287, 2015.

SALVADOR, N. A. P. **Invasão da lebre europeia no sudeste do Brasil: identificação dos fatores determinantes da ocupação e abundância e análise do efeito do invasor na distribuição espacial do tapeti**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo (USP). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALA/BC). 2024.

SALVADOR, N. A. P.; CHIARELLO, A. G. **Ocupação da paisagem pela lebre europeia (*Lepus europaeus*) e seu efeito na ocupação do *Sylvilagus brasiliensis* (mammalia, Lagomorpha), no nordeste do estado de São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

SANTINI, L; GONZÁLEZ-SUÁREZ, M. RUSSO, D.; GONZALEZ-VOYER, A.; VON HARDENBERG, A.; ANCILLOTTO, L. One strategy does not fit all: determinants of urban adaptation in mammals. **Ecology Letters**, v. 22, n. 2, p. 365-376, 2019.

SÃO PAULO (Estado). **Constituição do Estado de São Paulo**, de 05 de outubro de 1989. Disponível em: <https://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/dh/volume%20i/constituicao%20estadual.htm> >. Acesso em: 25 fev 2023.

SÃO PAULO (Estado). **Lei nº 11.977**, de 25 de agosto de 2005. Institui o código de proteção aos animais do Estado e dá outras providências. Diário Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo, 26 ago. 2005. v. 115, n. 162, p. 3-4. 2005.

SÁSSI, C. M. et al. Levantamento de animais silvestres atropelados em trecho da rodovia BR482. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 65, p. 1883-1886, 2013.

SICK, H. A invasão da América Latina pelo pardal, *Passer domesticus* Linnaeus 1758, com referência especial ao Brasil (Ploceidae, Aves). **Boletim do Museu Nacional Rio de Janeiro**, 207:1-31.1959.

SIDRA. Sistema IBGE de Recuperação Automática. **Território**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/territorio#/N6/3503208>> Acesso em: 01 fev 2023.

SILVA, F. F. R. **Distribuição do gênero *Callithrix* no estado de Minas Gerais: introdução de espécies e hibridação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

SILVANO, D. L.; SEGALLA, M. V. Conservação de anfíbios no Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 79-86, 2005.

SMASP; SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DE SÃO PAULO (ESTADO). 2014. Fauna Urbana: **Cadernos de Educação Ambiental 17**, II. São Paulo: SMASP, 2014. 176 p. 2014.

SMITH, P. White-eared opossum. *Didelphis albiventris* (Lund, 1840). **FAUNA Paraguay Handbook of the Mammals of Paraguay**. n.1, 2007.

STRONG, J.N.; FRAGOSO, J.M.V. Seed Dispersal by *Geochelone carbonaria* and *Geochelone denticulata* in Northwestern Brazil. **Biotropica**, v. 38, n. 5, p. 683-686, 2006.

TOLEDO, R A. Trajetórias do planejamento urbano: o plano diretor da década de 1950 e o reordenamento urbano de Araraquara-SP. Goiânia: **Rev. Sociedade e Cultura**. V.14 n° 2. p. 301-321. 2014.

TRAAD, R. M.; WECKERLIN, P. Introdução das espécies exóticas *Callithrix penicillata* (Geoffroy, 1812) e *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758) em ambientes urbanos (Primates: Callithrichidae). **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 2, n. 1, p. 9-23, 2012.

UBAID, F. K.; VIEIRA, A. M.; MEDOLAGO, C. A. B. Valor Conservacionista de um Fragmento de Mata no Interior Paulista, Utilizando a Avifauna como Bioindicador. In: **Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil**. 2007. p. 23-28. 2007.

VICENTE, M. O.; FRANÇA, F. G. R.; ARAUJO, H. F.P. Abundance, temporal variation, and microhabitat use of the house sparrow, *Passer domesticus* (Passeriformes: Passeridae), in urban and anthropogenic environments in Northeastern Brazil. **Zoologia (Curitiba)**, v. 41, p. e23081, 2024.

VIEIRA, C.; MERIS, I. G. Influência da fragmentação da vegetação em pontos de resgate de fauna nas bacias dos rios Cachoeira e Cubatão em Joinville (SC). **Acta Biológica Catarinense**, v. 9, n. 3, p. 15-22, 2022.

VILELAA, D.A.R; LOPES, A.R.S. Destinação de animais silvestres: a reintrodução como melhor alternativa. In: **Anais do I Encontro Interinstitucional do Poder Judiciário e do Ministério Público em proteção ao meio ambiente**: implementando os ditames constitucionais. 2018. Belo Horizonte. Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional. Disponível em: https://www.academia.edu/41275886/Destina%C3%A7%C3%A3o_de_animais_silvestres_a_reintrodu%C3%A7%C3%A3o_como_melhor_alternativa. Acesso em: 8 ago. 2023.

WEISS, L. P.; VIANNA, V. O. Levantamento do impacto das rodovias BR-376, BR-373 e BR-277, trecho de Apucarana a Curitiba, Paraná, no atropelamento de animais silvestres. **Publicatio UEPG: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 18, n. 2, p. 121-133, 2012.

Apêndice A – Lista de espécies registrada de janeiro de 2016 até setembro de 2024, por grupo faunístico.

Quadro 1 -Lista da herpetofauna registrada de janeiro de 2016 até setembro de 2024.

Taxonomia	Nome popular
Ordem Anura	
Família Bufonidae	
<i>Rhinella diptycha</i>	Sapo-cururu
<i>Rhinella ornata</i>	Sapo-cururu
Família Leotodactylidae	
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	Rã-pimenta
Ordem Gymnophiona	
Família Siphonopidae	
<i>Siphonops annulatus</i>	Cobra-cega
<i>Siphonops paulensis</i>	Cobra-cega
Ordem Testudinata	
Família Chelidae	
<i>Phrynops geoffroanus</i>	Cágado-de-barbicha
Família Emydidae	
<i>Trachemys scripta</i>	Tigre-d'água-de-orelha-vermelha
Família Cheloniidae	
<i>Chelonoidis carbonaria</i>	Jabuti-piranga
<i>Chelonoidis denticulata</i>	Jabuti-tinga
Ordem Squamata	
Família Iguanidae	
<i>Iguana iguana</i>	Iguana
Família Tropiduridae	
<i>Tropidurus torquatus</i>	Calango
Família Teiidae	
<i>Ameiva ameiva</i>	Lagarto-ameiva
<i>Salvator merianae</i>	Lagarto-teiu

Família Amphisbaenidae	
<i>Amphisbaena alba</i>	Cobra-de-duas-cabeças-grande
<i>Amphisbaena mertensii</i>	Cobra-de-duas-cabeças
Família Boidae	
<i>Boa constrictor</i>	Jiboia
<i>Epicrates crassus</i>	Salamanta
<i>Eunectes murinus</i>	Sucuri
Família Colubridae	
<i>Apostolepis flavotorquata</i>	Falsa-coral
<i>Chironius quadricarinatus</i>	Cobra-cipó-marrom
<i>Phalotris mertensi</i>	Falsa-coral
<i>Oxyrhopus guibei</i>	Falsa-coral
<i>Sibynomorphus mikanii</i>	Dormideira
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana
<i>Xenodon merremii</i>	Cobra-chata ou boipeva
Família Dipsadidae	
<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	Cobra-capim
<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-verde
<i>Philodryas patagoniensis</i>	Cobra-palheira
Família Elapidae	
<i>Micrurus lemniscatus</i>	Coral-verdadeira
Família Viperidae	
<i>Bothrops alternatus</i>	Jararaca-urutu-cruzeiro
<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca
<i>Bothrops moojeni</i>	Jararaca
<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel
Ordem Crocodylia	
Família Alligatoridae	
<i>Caiman latirostris</i>	Jacaré-do-papo-amarelo

Fonte: Autoria própria, 2024.

Quadro 2 - Lista da avifauna registrada de janeiro de 2016 até setembro de 2024.

Taxonomia	Nome popular
Ordem Tinamiformes	
Família Tinamidae	
<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inhambu-chororó
Ordem Suliformes	
Família Phalacrocoracidae	
<i>Nannopterum brasilianum</i>	Biguá
Ordem Anseriformes	
Família Anatidae	
<i>Cairina moschata</i>	Pato-do-mato
Ordem Pelicaniforme	
Família Ardeidae	
<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande
<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura
<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira
<i>Ixobrychus exilis</i>	Socoí-vermelho
<i>Ixobrychus involucris</i>	Socoí-amarelo
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria Faceira
Família Threskiornithidae	
<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	coró-coró
<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca
Ordem Accipitriformes	
Família Accipitridae	
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	Gaviãozinho
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó
Ordem Cathartiformes	
Família Cathartiformes	
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta
Ordem Gruiformes	
Família Rallidae	

<i>Amaurolimnas concolor</i>	Saracura-lisa
<i>Aramides cajaneus</i>	Saracura-três-potes
<i>Pardirallus nigricans</i>	Sacura-sanã
<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul
<i>Rufirallus viridis</i>	Sanã-castanha
Ordem Charadriiformes	
Família Charadriidae	
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero
Ordem Columbiformes	
Família Columbidae	
<i>Columba livia</i>	Pombo-doméstico
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa
<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega
<i>Patagioenas picazuro</i>	Pomba-asa-branca
<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante
Ordem Cuculiformes	
Família Cuculidae	
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto
<i>Guira guira</i>	anu-branco
Ordem Strigiformes	
Família Tytonidae	
<i>Tyto furcata</i>	Suindara
Família Strigidae	
<i>Asio clamator</i>	Coruja-orelhuda
<i>Asio stygius</i>	Mocho-diabo
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato
Ordem Caprimulgiformes	
Família Caprimulgidae	
<i>Hydropsalis parvula</i>	Bacurau-chintã
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	Tuju

<i>Nyctidromus albicollis</i>	Bacurau
Ordem Nyctibiiformes	
Família Nyctibiidae	
<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau
Ordem Apodiforme	
Família Apodidae	
<i>Chaetura meridionalis</i>	Andorinhão-do-temporal
<i>Tachornis squamata</i>	Andorinhão-do-buriti
Família Trochilidae	
<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-de-garganta-verde
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-do-bico-comprido
<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura
Ordem Galliforme	
Família Cracidae	
<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba
Ordem Piciformes	
Família Ramphastidae	
<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu
Família Picidae	
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado
<i>Veniliornis passerinus</i>	Picapauzinho-anão
Ordem Cariamiformes	
Família Cariamidae	
<i>Cariama cristata</i>	Seriema
Ordem Falconiformes	
Família Falconidae	
<i>Caracara plancus</i>	Carcará
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira
<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri

<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro
Ordem Psittaciformes	
Família Psittacidae	
<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro
<i>Amazona amazonica</i>	Papagaio-do-mangue
<i>Ara ararauna</i>	Arara-canindé
<i>Brotogeris chiriri</i>	Periquito-de-encontro-amarelo
<i>Eupsittula aurea</i>	Periquito-rei
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Maritaca
Ordem Passeriformes	
Família Thamnophilidae	
<i>Herpsilochmus longirostris</i>	Chorozinho-de-bico-comprido
<i>Taraba major</i>	Choró-boi
<i>Thamnophilus doliatus</i>	Choca-barrada
Família Furnariidae	
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	Arapaçu-do-cerrado
Família Rhynchocylidae	
<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio
Família Tyrannidae	
<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela
<i>Empidonomus varius</i>	Peitica
<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	Peitica-de-chapéu-preto
<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro
<i>Megarynchus pitangua</i>	Neinei
<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado
<i>Nengetus cinereus</i>	Primavera
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Príncipe

<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri
<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha
Família Corvidae	
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-do-campo
Família Hirundinidae	
<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa
Família Turdidae	
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranco
Família Mimidae	
<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo
Família Passerellidae	
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico
Família Icteridae	
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	Encontro
<i>Molothrus bonariensis</i>	Chupim
Família Thraupidae	
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	Tico-tico-rei
<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul
<i>Paroaria dominicana</i>	Cardeal-do-nordeste
<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra
<i>Sporophila caerulescens</i>	Coleirinho
<i>Stelpnia cayana</i>	Saíra-amarela
<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha
<i>Thraupis palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço-cinzento
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu

Família Fringillidae	
<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim
<i>Spinus magellanicus</i>	Pintassilgo
Família Passeridae	
<i>Passer domesticus</i>	Pardal
Família Estrildidae	
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre

Fonte: Autoria própria, 2024.

Quadro 3 - Lista da mastofauna registrada de janeiro de 2016 até setembro de 2024.

Taxonomia	Nome popular
Ordem Didelphimorphia	
Família Didelphidae	
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa
<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca
<i>Didelphis aurita</i>	Gambá-de-orelha-preta
<i>Gracilinanus agilis</i>	Cuíca-graciosa
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Cuíca
Ordem cingulata	
Família Dasypodidae	
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba
Ordem Pilosa	
Família Myrmecophagidae	
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim
Ordem Primates	
Família Atelidae	
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio-preto
Família Pitheciidae	

<i>Callicebus nigrifrons</i>	Sauá
Família Cebidae	
<i>Sapaju negritus</i>	Macaco-prego
Família Callitrichidae	
<i>Callithrix jacchus</i>	Sagui-de-tufo-branco
<i>Callithrix penicillata</i>	Sagui-de-tufo-preto
Ordem Lagomorpha	
Família Leporidae	
<i>Lepus europaeus</i>	Lebre-europeia
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti
Ordem Chiroptera	
Família Phyllostomidae	
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego-das-frutas
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego-de-linha-branca
Família Molossidae	
<i>Eumops auripendulus</i>	Morcego-de-orelhas-largas
<i>Eumops perotis</i>	Morcego-de-orelhas-largas
<i>Molossus molossus</i>	Morcego-da-cauda-livre
<i>Molossus rufus</i>	Morcego-negro
Ordem Carnívora	
Família Felidae	
<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	Gato-mourisco
<i>Leopardus guttulus</i>	Gato-do-mato-pequeno
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato
<i>Puma concolor</i>	Onça-parda
Família Canidae	
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará

<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposa-do-campo
Família Mustelidae	
<i>Eira barbara</i>	Irara
<i>Galictis cuja</i>	Furão-pequeno
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra
Família Procyonidae	
<i>Nasua nasua</i>	Quati
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada
Família Mephitidae	
<i>Conepatus semistriatus</i>	Jaritataca
Ordem Cetartiodactyla	
Família Cervidae	
<i>Subulo gouazoubira</i>	Veado-catingueiro
Ordem Rodentia	
Família Caviidae	
<i>Cavia aperea</i>	Preá
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara
Família Dasyproctidae	
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia
Família Erethizontidae	
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro
<i>Coendou spinosus</i>	Ouriço-cacheiro
Família Cuniculidae	
<i>Cuniculus paca</i>	Paca

Fonte: Autoria própria, 2024.

Apêndice B – Número de ocorrências registradas por espécie de janeiro de 2016 até setembro de 2024.

Nome científico	Nome popular	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Total
	Gambá-de-orelha-										
<i>Didelphis albiventris</i>	branca	38	57	62	86	133	165	138	120	102	901
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Maritaca	2	12	12	15	14	32	30	21	13	151
	Urubu-de-cabeça-										
<i>Coragyps atratus</i>	preta	5	5	13	14	25	9	11	26	10	118
<i>Patagioenas picazuro</i>	Pomba-asa-branca	0	10	4	4	7	19	23	22	21	110
<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante	1	3	2	9	18	19	24	15	13	104
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira	9	11	6	9	13	12	9	6	9	84
<i>Salvator merianae</i>	Lagarto-teiu	4	8	5	11	10	11	14	14	6	83
	Periquito-de-										
<i>Brotogeris chiriri</i>	encontro-amarelo	4	3	3	8	15	15	12	13	2	75
<i>Columba livia</i>	Pombo-doméstico	6	4	3	6	9	12	14	10	8	72
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	4	3	6	4	9	17	7	10	2	62
<i>Caracara plancus</i>	Carcará	1	9	2	6	7	3	4	11	5	48
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa	1	1	2	0	3	11	15	3	1	37
<i>Boa constrictor</i>	Jiboia	0	6	5	4	3	2	6	4	2	32
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	1	2		1	2	7	5	5	8	31
<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	2	3	3	5	5	3	4	5	0	30
<i>Passer domesticus</i>	Pardal	0	2	2	0	8	6	10	2	0	30
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó	0	5	2	5	5	7	3	2	1	30
<i>Chelonoidis carbonaria</i>	Jabuti-piranga	2	1	6	5	6	2	3	4	0	29
	Sagui-de-tufos-										
<i>Callithrix penicillata</i>	pretos	0	0	1	1	5	3	4	7	6	27
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro	0	3	2	9	5	5	2	1		27
<i>Cariama cristata</i>	Seriema	1	1	2	7	4	1	1	7	2	26
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato	0	3	4	4	4	3	5	2	0	25
<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau	0	2	0	1	4	7	3	5	0	22
<i>Cercocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	1	1	2	3	1	3	5	1	4	21
	Andorinha-pequena-de-										
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	casa	0	2	4	1	2	5	6	0	1	21
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaçu-cinzento	0	0	2	2	0	4	5	5	3	21
<i>Tyto furcata</i>	Suindara	2	1	5	1	1	1	3	2	2	18

<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	0	4	3	3	3	2	1	1	0	17
<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu	1	1	0	2	5	4	2	1	0	16
<i>Dasyopus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	0	0	1	0	1	2	5	4	2	15
<i>Guira guira</i>	Anu-branco	1	1	0	3	2	1	3	2	1	14
<i>Lepus europaeus</i>	Lebre-europeia	0	3	3	1	0	0	3	2	2	14
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	2	0	2	2	1	2	2	2	0	13
<i>Subulo gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	0	1	1	2	3	3	2	1	0	13
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio-preto	0	0	3	3	5	1	0	0	0	12
<i>Cavia aparea</i>	Preá	0	3	0	0	2	4	0	1	2	12
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto	0	0	2	1	1	3	2	0	3	12
<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri	0	0	1	2	2	2	3	1	1	12
<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo	1	1	1	1	2	2	2		2	12
<i>Phrynops geoffroanus</i>	Cágado-de-barbicha	0	5	0	3	0	0	0	2	2	12
<i>Coendou spinosus</i>	Ouriço-cacheiro	2	0	1	1	0	0	1	4	2	11
<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposa-do-campo	1	1	1	2	2	1	1	1	1	11
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	1	0	1	0	3	3	1	2	0	11
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	0	2	0	1	2	3	0	2	0	10
<i>Galictis cuja</i>	Furão-pequeno	0	3	0	1	0	2	2	0	2	10
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado	1	0	0	1	1	1	2	0	3	9
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	0	0	0	0	0	0	4	2	3	9
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	0	0	1	0	3	0	3	1	1	9
<i>Sapaju negritus</i>	Macaco-prego	0	6	1	0	2	0	0	0	0	9
<i>Asio clamator</i>	Coruja-orelhuda	0	0	1	2	2	1	0	0	2	8
<i>Cairina moschata</i>	Pato-do mato	0	0	1	0	2	3	2	0	0	8
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	1	1	0	0	1	3	1	0	1	8
<i>Molothrus bonariensis</i>	Chupim	0	0	1	0	1	0	1	4	1	8
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	0	0	0	1	2	0	0	4	1	8
<i>Oxyrhopus guibei</i>	Falsa-coral	1	1	2	0	2	0	0	2	0	8
<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	0	0	1	3	1	2	0	1	0	8
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	2	0	1	0	0	2	1	2	0	8
<i>Amphisbaena mertensii</i>	Cobra-de-duas-cabeças	0	0	0	0	0	2	3	2	0	7
<i>Ara ararauna</i>	Arara-canindé	0	1	2	0	2	1	0	1	0	7
<i>Eupsittula aurea</i>	Periquito-rei	0	1	1	0	1	1	1	0	1	6
<i>Hydropsalis parvula</i>	Bacurau-chintã	0	1	0	0	1	2	0	2	0	6

<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	0	1	0	0	1	1	0	1	2	6
<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-verde	1	0	0	1	2	0	0	2	0	6
<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul	0	0	3	1	0	0	1	1	0	6
<i>Sibynomorphus mikanii</i>	Dormideira	0	1	0	1	1	0	1	1	1	6
<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha	0	0	1	0	1	1	2	1	0	6
<i>Aramides cajaneus</i>	Saracura-três-potes	0	3	2	0	0	0	0	0	0	5
<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca	0	3	1	0	1	0	0	0	0	5
<i>Callicebus nigrifrons</i>	Sauá	0	3	0	1	0	0	0	0	1	5
<i>Micrurus lemniscatus</i>	Coral-verdadeira	0	1	0	0	0	2	1	0	1	5
<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	0	0	2	0	0	2	1	0	0	5
<i>Rhinella schneideri</i>	Sapo-cururu	1	0	0	2	0	2	0	0	0	5
<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca	0	0	0	1	1	0	0	3	0	5
<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro	2	1	0	1	0	0	0	0	0	4
<i>Bothrops moojeni</i>	Jararaca	1	0	0	0	0	0	2	0	1	4
<i>Callithrix jacchus</i>	Sagui-de-tufo-branco	0	0	0	0	2	0	0	2	0	4
<i>Molossus molossus</i>	Morcego	0	1	0	0	2	0	0	1	0	4
<i>Stilpnia cayana</i>	Saíra-amarela	0	0	0	0	2	0	0	1	1	4
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca	0	0	0	0	1	0	1	2	0	4
<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha	0	1	0	1	0	0	1	1	0	4
<i>Xenodon merremii</i>	Cobra-chata	0	0	0	2	0	0	1	1	0	4
<i>Amazona amazonica</i>	Curica	0	0	0	1	0	1	0	0	1	3
<i>Amphisbaena alba</i>	Cobra-de-duas-cabeças-grande	0	0	1	0	0	0	0	1	1	3
<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande	1	0	1	0	0	0	0	1	0	3
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego	1	0	0	0	1	1	0	0	0	3
<i>Bothrops alternatus</i>	Jararaca-urutu-cruzeiro	0	0	1	1	1	0	0	0	0	3
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	0	0	0	0	0	1	1	1	0	3
<i>Conepatus semistriatus</i>	Jaritataca	0	0	0	1	0	0	1	1	0	3
<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel	0	2	0	0	0	0	0	1	0	3
<i>Empidonomus varius</i>	Peitica	0	0	0	0	0	1	2	0	0	3
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	Tuju	0	0	0	1	0	1	1	0	0	3
<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro	0	0	0	0	0	0	1	1	1	3
<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	Coró-coró	1	0	0	0	1	0	1	0	0	3

<i>Nasua nasua</i>	Quati	0	0	0	2	0	0	1	0	0	3
<i>Nyctidromus albigollis</i>	Bacurau	0	0	2	0	0	0	1	0	0	3
<i>Siphonops annulatus</i>	Cobra-cega	0	0	0	0	0	2	1	0	0	3
<i>Sporophila caerulea</i>	Coleirinho	0	1	1	1	0	0	0	0	0	3
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira	1	0	0	0	0	0	0	2	0	3
<i>Thamnophilus doliatus</i>	Choca-barrada	0	0	0	1	2	0	0	0	0	3
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu	0	0	0	0	0	3	0	0	0	3
<i>Chaetura meridionalis</i>	Andorinhão-do-temporal	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2
<i>Eira barbara</i>	Irara	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	Peitica-de-chapéu-preto	1	0	0	0	0	0	0	1	0	2
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	Rã-pimenta	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2
<i>Nannopterum brasilianum</i>	Biguá	0	1	0	0	0	0	0	1	0	2
<i>Phalotris mertensi</i>	Falsa-coral	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2
<i>Philodryas patagoniensis</i>	Cobra-parelheira	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
<i>Platyrhinus lineatus</i>	Morcego	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
<i>Tachornis squamata</i>	Andorinhão-do-buriti	0	0	0	0	1	0	0	1	0	2
<i>Thraupis palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
<i>Tropidurus torquatus</i>	calango	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranco	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
<i>Amaurolimnas concolor</i>	Saracura Lisa	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-de-garganta-verde	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Ameiva ameiva</i>	Calango-verde	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Apostolepis flavotorquata</i>	Falsa-coral	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Asio stygius</i>	Mocho-diabo	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1

<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Caiman latirostris</i>	Jacaré-do-papo-amarelo	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Chelonoidis denticulata</i>	Jabuti-tinga	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Chironius quadricarinatus</i>	Cobra-cipó-marrom	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-do-bico-vermelho	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	Tico-tico-rei	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inhambu-chororó	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-do-campo	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Didelphis aurita</i>	Gambá-de-orelha-preta	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Epicrates crassus</i>	Salamanta	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	Cobra-capim	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Eumops auripendulus</i>	Morcego	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Eumops perotis</i>	Morcego-de-orelhas-largas	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Eunectes murinus</i>	Sucuri	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	Gaviãozinho	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Gracilinanus agilis</i>	Cuíca	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Cuíca	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Herpsilochmus longirostris</i>	Chorozinho-de-bico-comprido	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	Encontro	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Iguana iguana</i>	Iguana-verde	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Ixobrychus exilis</i>	Socoi-vermelho	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Ixobrychus involucris</i>	Socoi-Amarelo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Leopardus guttulus</i>	Gato-do-mato-	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1

	pequeno										
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	Arapaçu-do-cerrado	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Liophis poecilogyrus</i>	Cobra-marrom	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Megarynchus pitangua</i>	Neinei	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Molossus rufus</i>	Molosso-negro	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Nengetus cinereus</i>	Primavera	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Pardirallus nigricans</i>	Saracura-sanã	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Paroaria dominicana</i>	Cardeal-do-nordeste	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Andorinha-										
<i>Progne chalybea</i>	doméstica-grande	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Príncipe	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Rhinella ornata</i>	Sapo-cururu	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Rufirallus viridis</i>	Sanã-castanha	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Saltator similis</i>	Trinca -ferro	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Siphonops paulensis</i>	Cobra-cega	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Spinus magellanicus</i>	Pintassilgo	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Taraba major</i>	Choró-boi	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Trachemys scripta</i>	Tigre d'água	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Veniliornis passerinus</i>	Picapauzinho-anão	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1

Fonte: Autoria própria, 2024.

Apêndice C – Número de indivíduos registrados por espécie de janeiro de 2016 até setembro de 2024.

Nome científico	Nome popular	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Total
Gambá-de-orelha-											
<i>Didelphis albiventris</i>	branca	41	69	111	164	202	300	297	166	152	1502
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Maritaca	2	13	12	19	20	39	34	22	15	176
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta	5	5	15	15	34	10	14	33	23	154
<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante	1	3	2	14	21	40	24	15	16	136
<i>Columba livia</i>	Pombo-doméstico	6	4	12	11	9	43	15	15	9	124
<i>Patagioenas picazuro</i>	Pomba-asa-branca	0	10	4	4	7	20	23	22	21	111
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira	9	11	6	11	17	14	9	6	11	94
<i>Salvator merianae</i>	Lagarto-teiu	4	8	5	11	10	15	15	15	6	89
Periquito-de-encontro-											
<i>Brotogeris chiriri</i>	amarelo	4	3	3	9	18	18	17	13	3	88
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	5	3	6	4	10	13	8	13	2	64
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	1	2	0	1	2	8	10	5	22	51
<i>Caracara plancus</i>	Carcará	1	10	2	6	9	0	5	11	5	49
<i>Chelonoidis carbonaria</i>	Jabuti-piranga	2	1	6	12	8	2	4	4	0	39
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa	1	1	2	0	3	11	17	3	1	39
<i>Callithrix penicillata</i>	Sagui-de-tufos-pretos	0	0	1	1	7	4	4	8	11	36
<i>Boa constrictor</i>	Jiboia	0	7	5	5	3	2	7	4	2	35
<i>Passer domesticus</i>	Pardal	0	2	2	0	8	9	10	3	0	34
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato	0	3	4	4	5	5	10	2	0	33
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó	0	5	2	5	5	10	3	2	1	33
<i>Cariama cristata</i>	Seriema	1	1	2	9	4	4	1	7	3	32
<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	2	3	3	5	5	3	5	5	0	31
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro	0	3	2	9	5	5	2	1	0	27
<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau	0	2	0	1	4	9	3	5	0	24
Andorinha-pequena-de-											
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	casa	0	2	4	1	4	5	6	0	1	23
<i>Tyto furcata</i>	Suindara	2	1	9	1	1	1	3	2	2	22
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	1	1	2	3	1	3	5	1	4	21
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaçu-cinzento	0	0	2	2	0	4	5	5	3	21
<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo	1	1	1	1	2	2	10	0	2	20
<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu	1	1	0	2	6	5	3	1	0	19
<i>Guira guira</i>	Anu-branco	1	1	0	3	2	1	5	2	3	18
<i>Phrynops geoffroanus</i>	Cágado-de-barbicha	0	5	0	3	0	5	0	2	2	17
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	0	4	3	3	3	2	1	1	0	17
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto	0	0	6	1	1	3	2	0	3	16
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	1	0	1	0	6	4	1	3	0	16
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	2	0	2	2	3	2	2	2	0	15
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	0	0	1	0	1	2	5	4	2	15

<i>Lepus europaeus</i>	Lebre-europeia	0	3	3	1	0	0	3	2	2	14
<i>Subulo gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	0	1	1	2	4	3	2	1	0	14
<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri	0	0	1	3	2	2	3	1	1	13
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio-preto	0	0	3	3	5	1	0	0	0	12
<i>Cavia aparea</i>	Preá	0	3	0	0	2	4	0	1	2	12
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado	1	0	0	1	1	1	3	0	5	12
<i>Coendou spinosus</i>	Ouriço-cacheiro	2	0	1	1	0	0	1	4	2	11
<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposa-do-campo	1	1	1	2	2	1	1	1	1	11
<i>Sapaju negritus</i>	Macaco-prego	0	6	1	0	4	0	0	0	0	11
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	0	2	0	1	2	3	0	2	0	10
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	0	0	0	0	0	0	5	2	3	10
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	0	0	1	0	3	0	3	1	2	10
<i>Galictis cuja</i>	Furão-pequeno	0	3	0	1	0	6	0	0	0	10
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	0	0	0	1	2	0	0	5	1	9
<i>Asio clamator</i>	Coruja-orelhuda	0	0	1	2	2	1	0	0	2	8
<i>Cairina moschata</i>	Pato-do mato	0	0	1	0	2	3	2	0	0	8
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	1	1	0	0	1	3	1	0	1	8
<i>Molothrus bonariensis</i>	Chupim	0	0	1	0	1	0	1	4	1	8
<i>Oxyrhopus guibei</i>	Falsa-coral	1	1	2	0	2	0	0	2	0	8
<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	0	0	1	3	1	2	0	1	0	8
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	2	0	1	0	0	2	1	2	0	8
<i>Amphisbaena mertensii</i>	Cobra-de-duas-cabeças	0	0	0	0	0	2	3	2	0	7
<i>Ara ararauna</i>	Arara-canindé	0	1	2	0	2	1	0	1	0	7
<i>Didelphis aurita</i>	Gambá-de-orelha-preta	0	0	0	0	0	7	0	0	0	7
<i>Empidonomus varius</i>	Peitica	0	0	0	0	0	1	6	0	0	7
<i>Sporophila caerulea</i>	Coleirinho	0	1	5	1	0	0	0	0	0	7
<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca	0	4	1	0	1	0	0	0	0	6
<i>Eupsittula aurea</i>	Periquito-rei	0	1	1	0	1	1	1	0	1	6
<i>Hydropsalis parvula</i>	Bacurau-chintã	0	1	0	0	1	2	0	2	0	6
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	0	1	0	0	1	1	0	1	2	6
<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-verde	1	0	0	1	2	0	0	2	0	6
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego	0	0	6	0	0	0	0	0	0	6
<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul	0	0	3	1	0	0	1	1	0	6
<i>Sibynomorphus mikani</i>	Dormideira	0	1	0	1	1	0	1	1	1	6
<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha	0	0	1	0	1	1	2	1	0	6
<i>Aramides cajaneus</i>	Saracura-três-potes	0	3	2	0	0	0	0	0	0	5
<i>Callicebus nigrifrons</i>	Sauá	0	3	0	1	0	0	0	0	1	5
<i>Micrurus lemniscatus</i>	Coral-verdadeira	0	1	0	0	0	2	1	0	1	5
<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	0	0	2	0	0	2	1	0	0	5
<i>Rhinella schneideri</i>	Sapo-cururu	1	0	0	2	0	2	0	0	0	5
<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca	0	0	0	1	1	0	0	3	0	5
<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro	2	1	0	1	0	0	0	0	0	4
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego	1	0	0	0	1	2	0	0	0	4
<i>Bothrops moojeni</i>	Jararaca	1	0	0	0	0	0	2	0	1	4

<i>Callithrix jacchus</i>	Sagui-de-tufo-branco	0	0	0	0	2	0	0	2	0	4
<i>Molossus molossus</i>	Morcego	0	1	0	0	2	0	0	1	0	4
<i>Stilpnia cayana</i>	Saíra-amarela	0	0	0	0	2	0	0	1	1	4
<i>Thamnophilus doliatus</i>	Choca-barrada	0	0	0	2	2	0	0	0	0	4
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca	0	0	0	0	1	0	1	2	0	4
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranco	0	0	0	0	0	4	0	0	0	4
<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha	0	1	0	1	0	0	1	1	0	4
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu	0	0	0	0	0	3	0	1	0	4
<i>Xenodon merremii</i>	Cobra-chata	0	0	0	2	0	0	1	1	0	4
<i>Amazona amazonica</i>	Curica	0	0	0	1	0	1	0	0	1	3
	Cobra-de-duas-cabeças-										
<i>Amphisbaena alba</i>	grande	0	0	1	0	0	0	0	1	1	3
<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande	1	0	1	0	0	0	0	1	0	3
<i>Bothrops alternatus</i>	Jararaca-urutu-cruzeiro	0	0	1	1	1	0	0	0	0	3
	Andorinhão-do-										
<i>Chaetura meridionalis</i>	temporal	0	1	0	0	0	2	0	0	0	3
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	0	0	0	0	0	1	1	1	0	3
<i>Conepatus semistriatus</i>	Jaritataca	0	0	0	1	0	0	1	1	0	3
<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel	0	2	0	0	0	0	0	1	0	3
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	Tuju	0	0	0	1	0	1	1	0	0	3
<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro	0	0	0	0	0	0	1	1	1	3
<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	Coró-coró	1	0	0	0	1	0	1	0	0	3
<i>Nannopterum brasilianum</i>	Biguá	0	1	0	0	0	0	0	2	0	3
<i>Nasua nasua</i>	Quati	0	0	0	2	0	0	1	0	0	3
<i>Nyctidromus albicollis</i>	Bacurau	0	0	2	0	0	0	1	0	0	3
<i>Siphonops annulatus</i>	Cobra-cega	0	0	0	0	0	2	1	0	0	3
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira	1	0	0	0	0	0	0	2	0	3
<i>Thraupis palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
<i>Tropidurus torquatus</i>	calango	0	0	3	0	0	0	0	0	0	3
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-do-campo	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
<i>Eira barbara</i>	Irara	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2
<i>Griseotyrannus</i>											
<i>aurantioatrocristatus</i>	Peitica-de-chapéu-preto	1	0	0	0	0	0	0	1	0	2
	Chorozinho-de-bico-										
<i>Herpsilochmus longirostris</i>	comprido	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	Rã-pimenta	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2
<i>Phalotris mertensi</i>	Falsa-coral	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2
<i>Philodryas patagoniensis</i>	Cobra-parelheira	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
<i>Tachornis squamata</i>	Andorinhão-do-buriti	0	0	0	0	1	0	0	1	0	2

<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
<i>Amaurolimnas concolor</i>	Saracura Lisa	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Beija-flor-de-garganta-										
<i>Amazilia fimbriata</i>	verde	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Ameiva ameiva</i>	Calango-verde	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Apostolepis flavotorquata</i>	Falsa-coral	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Asio stygius</i>	Mocho-diabo	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	Jacaré-do-papo-										
<i>Caiman latirostris</i>	amarelo	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Chelonoidis denticulata</i>	Jabuti-tinga	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Chironius quadricarinatus</i>	Cobra-cipó-marrom	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Besourinho-do-bico-										
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	vermelho	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	Tico-tico-rei	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inhambu-chororó	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	Guaracava-de-barriga-										
<i>Elaenia flavogaster</i>	amarela	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Epicrates crassus</i>	Salamanta	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Erythrolamprus</i>											
<i>poecilogyrus</i>	Cobra-capim	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Eumops auripendulus</i>	Morcego	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	Morcego-de-orelhas-										
<i>Eumops perotis</i>	largas	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Eunectes murinus</i>	Sucuri	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	Gaviãozinho	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Gracilinanus agilis</i>	Cuíca	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	cuíca	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	Encontro	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Iguana iguana</i>	Iguana-verde	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Ixobrychus exilis</i>	Socoi-vermelho	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Ixobrychus involucris</i>	Socoi-Amarelo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Leopardus guttulus</i>	Gato-do-mato-pequeno	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Lepidocolaptes</i>											
<i>angustirostris</i>	Arapaçu-do-cerrado	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Liophis poecilogyrus</i>	Cobra-marrom	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1

<i>Megarynchus pitangua</i>	Neinei	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Molossus rufus</i>	Molosso-negro	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Nengetus cinereus</i>	Primavera	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Pardirallus nigricans</i>	Saracura-sanã	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Paroaria dominicana</i>	Cardeal-do-nordeste	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Andorinha-doméstica-										
<i>Progne chalybea</i>	grande	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Príncipe	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Rhinella ornata</i>	Sapo-cururu	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Rufirallus viridis</i>	Sanã-castanha	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Saltator similis</i>	Trinca -ferro	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Siphonops paulensis</i>	Cobra-cega	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Spinus magellanicus</i>	Pintassilgo	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<i>Taraba major</i>	Choró-boi	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<i>Trachemys scripta</i>	Tigre d'água	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Veniliornis passerinus</i>	Picapauzinho-anão	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1

Fonte: Autoria própria, 2024.